

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Kevin Ribeiro Borges

A construção do *ethos* de erudição nas *Noites Áticas*, de Aulo Gélío

Juiz de Fora

2022

Kevin Ribeiro Borges

A construção do *ethos* de erudição nas *Noites Áticas*, de Aulo Gélío

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística. Área de concentração: linguística.

Orientador: Prof. Dr. Fábio da Silva Fortes

Juiz de Fora

2022

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Borges, Kevin Ribeiro.

A construção do ethos de erudição nas Noites Áticas, de Aulo Gélío / Kevin Ribeiro Borges. -- 2022.

112 p.

Orientador: Fábio da Silva Fortes

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2022.

1. Erudição. 2. Retórica. 3. Aulo Gélío. 4. Noites Áticas. 5. Linguística. I. Fortes, Fábio da Silva, orient. II. Título.

Kevin Ribeiro Borges

A construção do ethos de erudição nas Noites Áticas, de Aulo Gélío.

Dissertação
apresentada ao
Programa de Pós-
Graduação em
Linguística
da Universidade
Federal de Juiz de
Fora como requisito
parcial à obtenção do
título de Mestre em
linguística. Área de
concentração:
linguística.

Aprovada em 29 de setembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr Fábio da Silva Fortes - Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr Carlos Renato Rosário de Jesus
Universidade do Estado do Amazonas


Profa. Dra Carol Martins da Rocha
Universidade Federal de Juiz de Fora


Juiz de Fora, 05/09/2022.




Documento assinado eletronicamente por **Fabio da Silva Fortes, Professor(a)**, em
29/09/2022, às 11:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do

 art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

 Documento assinado eletronicamente por **Carol Martins da Rocha, Professor(a)**, em 29/09/2022, às 11:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

 Documento assinado eletronicamente por **Carlos Renato Rosário de Jesus, Usuário Externo**, em 29/09/2022, às 12:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

 Documento assinado eletronicamente por **Kevin Ribeiro Borges, Usuário Externo**, em 31/10/2022, às 13:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **0935761** e o código CRC **8D2F4894**.

Dedico este trabalho à mulher mais forte,
amorosa e amável que existe, Elane
Ribeiro da Silva, minha mãe.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, primeiramente, a Deus por toda a bondade e companhia eterna que me dispõe ao longo de minha vida. Também agradeço à minha família, em especial, à minha mãe, Elane, meu irmão Kewerton e ao Smaug, pela força cedida a mim para continuar persistindo e lutando. Aos irmãos Amauri e Matheus, me sinto grato pelo eterno laço na caminhada da vida.

Agradeço a todos os professores que estiveram envolvidos em meu percurso na UFJF, em especial, ao professor Fábio da Silva Fortes, homem de bondade ímpar e indescritível, cuja sabedoria e experiência me proporcionaram crescimento em tantas áreas da vida, e sem o qual este trabalho não seria possível.

Aos familiares Werner Borges e Walquimar Borges pela influência sempre positiva na construção do saber em família. Também aos amigos Igor Lopes, Lydsson Agostinho, Diego Lopes, Bárbara Azevedo, Flávio Rodrigues, Rafael Fernandes e Filipe Cianconi por participarem ativamente da minha vida, enquanto estive distante do meu lar.

Estendo meu agradecimento aos componentes da banca: professor Carlos Renato Rosário de Jesus, pela firme companhia em mais de uma banca por mim vivenciada ao longo de minha trajetória acadêmica. Também à professora Carol Martins da Rocha, pelas brilhantes aulas de latim e pelo afeto empregado no trabalho docente. E às componentes de minha banca de qualificação, professora Charlene Martins Miotti e professora Ana Cláudia Peters Salgado, meu muito obrigado pelas contribuições valiosas ao meu trabalho.

Agradeço, sobretudo, à Universidade Federal de Juiz de Fora, pelo investimento que tem feito em mim e em todos os bolsistas. Em tempos sombrios, valorosas instituições como a UFJF nos resguardam do obscurantismo e da cegueira, nos preservando como bastião do conhecimento e do bem.

RESUMO

Esta dissertação apresenta uma investigação acerca do desenvolvimento do *ethos* de erudição de Aulo Gélío, cuja obra *Noctes Atticae* (*Noites Áticas*) data do séc. II d. C. Para tanto, analisamos excertos em que o autor engendra uma delimitação do que julga como modelo de erudito. Essa demarcação se dá por meio de uma argumentação fundamentada em outros autores referenciais e reflexões advindas de um percurso de formação intelectual, ao longo da estadia de seu redator em território ático. Assim, ao passo que uma caracterização do ideal é encetada, Gélío se submete aos parâmetros por ele apresentados e inicia um processo de elaboração de um comportamento discursivo que está alinhado com aquilo que representam os seus moldes de homem culto, erudito. A construção retórica que resulta em uma *persona* discursiva difundida no texto é o nosso objeto de estudo. Averiguamos diversos trechos, para demonstrar como se apresentam as manifestações de uma imagem estabelecida com intuito discursivo da parte de seu orador. Esses eventos estão dispostos ao longo dos 398 capítulos da obra, vindo agora à luz para serem elucidados por nós neste trabalho.

Palavras-chave: Aulo Gélío. *Noites Áticas*. Erudição. Discurso.

ABSTRACT

This dissertation presents an investigation into the development of the *ethos* of erudition of Aulus Gellius, whose work *Noctes Atticae* (*Attic Nights*) dates from the 2nd century B. C. For this, we analyze excerpts in which the author engenders a delimitation of what he considers to be a scholarly model. This demarcation takes place through an argument based on other referential authors and reflections arising from a path of intellectual formation, during the stay of its editor in Attic territory. Thus, while a characterization of the ideal is started, Gélío submits himself to the parameters presented by him and begins a process of elaboration of a discursive behavior that is aligned with what his molds of a cultured, erudite man represent. The rhetorical construction that results in a discursive *persona* diffused in the text is our object of study. We investigated several excerpts, to demonstrate how the manifestations of an established image with discursive intention on the part of its speaker are presented. These events are arranged throughout the 398 chapters of the work, now investigated to be elucidated by us in this work.

Keywords: Aulus Gellius. *Attic Nights*. Erudition. Discourse.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. O ERUDITO E SUAS <i>NOCTES</i>.....	21
1.1 A ESTRUTURA DAS <i>NOCTES ATTICAE</i>	24
1.2 INTERTEXTUALIDADE E GÊNERO.....	31
1.3 O ARCAÍSMO.....	43
2. A CONSTRUÇÃO DO <i>ETHOS</i> NAS <i>NOCTES ATTICAE</i>.....	46
2.1 ESTUDOS BASILARES DA RETÓRICA NO SÉCULO XX.....	47
2.2 ORIGENS DA RETÓRICA.....	48
2.3 CONCEPÇÕES CLÁSSICAS ACERCA DA RETÓRICA.....	50
2.4 O <i>ETHOS</i> NA ANÁLISE DO DISCURSO.....	55
2.5 CONTRIBUIÇÕES DA AD E DA RETÓRICA PARA A ANÁLISE DAS <i>NOCTES ATTICAE</i>	57
3. A CONSTRUÇÃO DO <i>ETHOS</i> NAS <i>NOCTES ATTICAE</i> A PARTIR DA IDEALIZAÇÃO DA ERUDIÇÃO.....	64
3.1 DOS ATAQUES À IMAGEM DO ORADOR.....	65
3.2 GÉLIO SOBRE OS GÊNEROS DISCURSIVOS E A IMAGEM DO ORADOR.....	67
3.3 SOBRE UMA “FISSURA” NO DISCURSO DAS <i>NOCTES</i> <i>ATTICAE</i>	78
3.4 SOBRE A DEFESA DA RETÓRICA CLÁSSICA E O CARÁTER DOCUMENTAL DAS <i>NOCTES</i> <i>ATTICAE</i>	79
3.5 SOBRE UMA QUESTÃO DIALÉTICA E UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DO <i>ETHOS</i> DE ERUDIÇÃO DE AULO GÉLIO NAS <i>NOCTES</i> <i>ATTICAE</i>	84
3.6 BILINGUISMO E ERUDIÇÃO COMO COMPONENTES DISCURSIVOS.....	92
3.7 O BILINGUISMO NO MUNDO ANTIGO.....	93
3.8 A ABORDAGEM BILÍNGUE NAS <i>NOCTES</i> <i>ATTICAE</i>	97
CONCLUSÃO.....	103
REFERÊNCIAS.....	106

INTRODUÇÃO

As origens do Estado romano, momentos em que se estabelecem a Monarquia e o primórdio da República, apesar de serem fatos verificáveis, não apresentam excesso de registros que permitam grandes detalhamentos. A documentação historiográfica – assim como a literatura – se tornou uma prática somente no séc. III a. C., sobretudo com os registros de Quinto Fábio Pictor¹, que reuniu informações a partir da tradição oral. Dessa forma, esses apontamentos foram povoados por lendas oriundas do que era dito. Além desse fato, dada a fragmentariedade de referências de que dispôs, o autor também utilizou-se de sua imaginação para a construção dessa descrição do prelúdio da sociedade romana (ALFÖLDY, 1989, p. 17).

Ao tratarmos da história de construção da cultura romana, podemos também trazer para a discussão um relevante “elemento”: a Grécia. É possível relacionarmos os Estados (grego e romano) dada a proximidade que experimentaram ao longo da história. Esse contato proporcionou ambiente, segundo Veyne (2009, p. 13), ao desenvolvimento de diversos âmbitos da sociedade, como a civilização, a cultura, as artes, a literatura, a religião, que têm como fonte a cultura grega, da qual se retiraram esses componentes ao longo de meio milênio de aculturação. Para o autor: “[...] desde sua fundação, Roma, poderosa cidade etrusca, não era menos helenizada que outras cidades da Etrúria.” (p. 13).

No Lácio, região da Península Itálica em que floresceu Roma, se estabeleceu um ponto de convergência intercultural no qual a cultura grega, gozando de egrégia importância já consolidada, encontrou apreciação e prossecução. O processo de expansionismo de Roma, iniciado durante a República Romana, se tornou fundamental para a compreensão da influência cultural sofrida e gerada pela emergente potência que, na conquista da Grécia, obteve dessa rico acervo cultural (CRUTTWELL, 2003 [1877], p. 23). Para Ochman (2013, p. 72), como resultado das expedições romanas, os militares acabaram se tornando mais próximos da cultura grega, chegando a criar familiaridade com ela, o que, aliado ao número crescente de escravos gregos nos ambientes conquistados, tornou real a apreensão cultural.

O contato com a Grécia engendrou ecos em diversos campos na cultura romana, seja nas artes, na filosofia e na retórica, por exemplo. Entre essas, se desenvolveu a

¹ Q. *Fabius Pictor*, ou Quinto Fábio Pictor, o historiador, viveu durante o período da Segunda Guerra Púnica (GLARE, 1968, p. 1377).

literatura que, carente de uma representatividade robusta, encontrou na cultura helênica um dos grandes, senão o maior expoente literário, o que orientou importantes bases no que se tornaria a literatura latina. A obra do cânone literário de influência foi a *Odisseia*, de Homero², a qual teve como tradutor do grego para o latim Lívio Andronico.

O século III a. C. costuma ser apontado como o período de origem da literatura no Lácio, apesar de existirem textos progressos a esse momento inicial, como afirmam Reynolds & Wilson (1986, p. 27): “Embora possa haver testemunhos escritos muito cedo, a literatura latina só começou a existir no século III a. C.”³. Grego, originário de Tarento, Lívio Andronico, por volta de 275 a. C., foi levado de sua cidade como escravo para Roma. Posteriormente, conquistada a sua liberdade, é possível que tenha fundado uma escola, na qual, pela necessidade de textos literários próprios da cultura em que estava inserido, traduziu para seu alunato o poema épico supracitado, a narrativa da trajetória de Odisseu. Essa é possivelmente a primeira tradução literária do grego, ela passa também da estrutura métrica própria dos épicos, o hexâmetro, para o metro típico do período arcaico latino. Cruttwell (2003 [1877], p. 71) defende ter sido Lívio Andronico “O homem que assim primeiro vestiu a poesia grega em trajes latinos, e que sempre foi lembrado com gratidão pelos romanos [...]”⁴. Acerca dessa incorporação cultural por meio da literatura, afirma Pociña (1997, p. 14): “Este fenômeno da implantação em Roma da poesia épica, seguindo o modelo da grega, ocorre nas últimas décadas do século III a. C., depois, sem dúvida, daquela data crucial do ano 240 a. C. [...]”⁵. O poema traduzido para o latim gerou grande impacto no desenvolvimento

² Autor a quem se atribui a escrita da *Ilíada* e da *Odisseia*. A questão sobre quem fora, entretanto, é alvo de discussão nos estudos da literatura clássica. Na apresentação da tradução das obras para o português, de Carlos Alberto Nunes, existe uma seção que trata da “Questão homérica”. A discussão diz respeito (também) à autoria das obras, na qual existem duas correntes de compreensão do nascimento dos textos: uma a favor de Homero como uma única pessoa, outra concebendo o surgimento das obras como um trabalho feito a partir de várias mãos, em diferentes gerações, ou seja, ao longo de um extenso período, não o da vida de um homem apenas. É admitida a possibilidade de ser essa figura histórica apenas um redator final, a quem, de forma nenhuma, se imputaria menor êxito por isso (NUNES, 2015, p. 48).

³ Cf. *Aunque pueda haber testimonios escritos desde época muy temprana, la literatura latina no comenzó a existir hasta el siglo III a. de C.*

⁴ Cf. *The man who thus first clothed Greek poetry in a Latin dress, and who was always gratefully remembered by the Romans [...]*. (CRUTTWELL, 2003 [1877], p. 71).

⁵ Cf. “Este fenómeno de la implantación en Roma de la poesía épica, siguiendo el modelo de la griega, se produce en los últimos decenios del siglo III a.C., con posterioridade sin duda a esa fecha crucial del año 240 a.C., [...]” (POCIÑA, 1997, p. 14).

literário romano e, mais tarde, essa influência grega ecoria em diversos épicos próprios de Roma, por exemplo, a *Eneida*, de Virgílio⁶ (séc. I a. C.).

A data supracitada por Pociña (1997) diz respeito à primeira apresentação de uma peça teatral realizada em Roma, um marco na história da literatura latina, a qual teve como autor Lívio Andronico que, além de escrevê-la chegou também a atuar: “ele parece ter escrito de um motivo louvável, para suprir a falta popular de um drama legítimo [...]. Ele mesmo seguiu o costume, universal no período inicial, de atuar em seus próprios dramas.” (CRUTTWELL, 2003 [1877], p. 72)⁷. Nota-se, através dessa afirmação, que alguém habituado às performances literárias, percebia descaracterizada a cultura latina. A partir dessa necessidade de algo com uma particularidade latina, surgem as primeiras manifestações literárias escritas em latim, mesmo que a partir de um escritor de origem grega. Assim, também Conte (1994) afirma ter sido o início da literatura em questão:

A questão de como os trabalhos artísticos se originaram na língua latina foi colocada pelos próprios romanos em termos bastante simples. A opinião prevalecente era de que a data exata do nascimento poderia ser fixada: 240 a. C, o ano em que Lívio Andronico colocou no palco um drama que ele havia escrito, presumivelmente uma tragédia. Do outro lado desse limiar histórico ficava um longo período, talvez quatro séculos, durante os quais a literatura estava silenciosa. (p. 13)⁸

Além do que aqui é proposto por Conte (1994), que diz respeito ao fato, por si só, de Andronico ter se dirigido ao público para atuar, também há um elemento importante na introdução de uma literatura em um contexto cultural diferente do seu próprio, salientado por Ochman (2013): o ambiente. Não sendo pelo contato cultural prévio das expedições militares, esses que a autora afirma terem parte nessa contiguidade cultural, a recepção poderia se dar de maneira diferente, isso se levarmos em consideração as diferenças entre as culturas. Entretanto, já nesse momento da história, essas dessemelhanças estavam suavizadas a ponto de diminuir o estranhamento

⁶ Nascido em Andes, próximo de Mântua, Públio Virgílio Maro (*Publius Vergilio Maro* – 70-19 a. C.), influenciado pelos poemas épicos de Homero, escreveu um dos mais conhecidos textos da literatura latina a *Eneida*. É autor também das obras literárias *Bucólicas* e *Geórgicas*.

⁷ Cf. [...] he seems to have written from a commendable motive, to supply the popular want of a legitimate drama. [...] He himself followed the custom, universal in the early period, of acting in his own dramas.

⁸ Cf. The question how artistic works originated in the Latin language was posed by the Romans themselves in quite simple terms. The prevailing opinion was that the precise date of birth could be fixed: 240 B. C., the year in which Livius Andronicus put on the stage a drama he had written, presumably a tragedy. On the far side of this historic threshold lay a long period, perhaps four centuries, during which literature was silent.

no público que Lívio Andronico tinha. Historicamente, o que temos são evidências de aceitação obtida, que advém de uma demanda aberta à apreciação da cultura helênica. Levando em consideração o autor das representações, era razoável a inserção de elementos da representação literária grega. Mostrou-se necessário, nesse contexto, tomar como base tal literatura, pois havia já alguma familiaridade estabelecida, a fim de criar a versão romanizada, conforme esclarece Pociña (1997):

Dito isso, é imprescindível rastrear que possibilidades os latinos tinham em tais datas para conhecer a poesia grega que pretendiam imitar. Neste sentido, e sem a necessidade de voltar aqui ao conhecimento indireto que a cultura grega poderia ter em Roma durante os séculos VI-IV por causa de sua relação com o mundo etrusco, é claro que os dez anos de luta contra Pirro (281-272 a. C.) e a subsequente primeira guerra púnica (264-241 a. C.), colocaram os romanos em estreito e prolongado contato com as cidades gregas da Magna Grécia e da Sicília, que tiveram que favorecer o nascimento de um épico, uma tragédia e uma comédia iluminada pelo modelo helênico. (p. 14)⁹

O trecho acima evidencia o princípio do processo de helenização no campo da literatura, considerando o “terreno” propício a partir dos contatos culturais preestabelecidos, o que gerou demanda e expectativa – apreciadores, por consequência –, dada a familiaridade advinda do expansionismo da República Romana. O que se segue nas elaborações literárias futuras, em grande parte, decorre de uma reprodução do que fora desenvolvido pelos gregos, que eram vistos como detentores de uma “cultura superior” e teriam seus passos seguidos pelo Lácio. Nas palavras de Pociña (1997):

Ter o primeiro verso do primeiro poema épico composto em latim, e que corresponda tão próximo ao início da Odisseia homérica, facilita, logicamente, a explicação dos primeiros passos da epopeia em Roma. Diante do esplendor das épocas gregas, os latinos se comportaram da mesma maneira que eles [...]. (p. 13)¹⁰

⁹ Cf. Dicho esto, resulta imprescindible rastrear que posibilidades tenían en tales fechas los latinos de conocer la poesía griega que pretendían emular. En este sentido, y sin necesidad de remontarnos aquí al conocimiento indirecto que de la cultura griega pudo tener Roma en los siglos vi-iv por su relación con el mundo etrusco, es indudable que los diez años de lucha contra Pirro (281-272 a.C.) y la subsiguiente primera guerra púnica (264-241 a.C.), pusieron a los romanos en un contacto estrecho y prolongado con las ciudades griegas de la Magna Grecia y de Sicilia, que hubo de favorecer el nacimiento de una épica, una tragedia y una comedia alumbradas por el modelo heleno.

¹⁰ Cf. Tener el primer verso del primer poema épico compuesto en latín, y que este corresponda tan cerca al inicio de la Odisea homérica facilita, lógicamente, la explicación de los primeros pasos de la épica en Roma. Ante el esplendor del epos griego, los latinos se comportaron del mismo modo que lo hicieron [...].

O cenário que se apresentava aos romanos, conforme visto acima, é o de uma “disparidade cultural”¹¹, no que concernia à produção literária (também pode-se dizer de outros campos mais, por exemplo, a filosofia) e isso não parecia compatível com a magnitude daquela potência – Roma. O que temos como resultado dessa conjuntura é a aceitação da cultura helênica no contexto romano, dado o peso do mencionado acervo cultural grego. Conte (1994) afirma:

A poesia homérica pressupõe como pano de fundo uma rica tradição de canções épicas confiadas aos bardos errantes. Assim, os romanos também ficaram curiosos sobre sua pré-história literária. Já o exemplo grego poderia ser não apenas um estímulo, mas também uma fonte de engano. Algumas reconstruções romanas de suas origens, de seu épico e teatro, por exemplo, parecem muito ligadas às reconstruções dos gregos de seu próprio passado literário. Os gregos, possuindo Homero, tinham uma vantagem inegável: um grande poema e documento cultural que se erguia sobre os primórdios da literatura, um texto cujas camadas revelaram uma longa tradição anterior. (p. 13)¹²

A reflexão grega sobre as origens de sua literatura forneceram aos romanos uma análoga de ponderação. O teatro grego do quinto século também tivera uma pré-história, dada aos ritos e festivais, que parecia direcionar a outra cultura do Lácio a observar tais aspectos. Isso resultou em influência direta, proveniente do espelhamento dos próprios mitos de origem helênica, e também em uma similaridade procedimental de criação literária (CONTE, 1994). Sobre essa influência afirma Crutwell (2003 [1877]):

Tivesse o povo romano continuado a se mover nas mesmas linhas como eles fizeram antes de entrar em contato com as obras do gênio grego, é possível que eles pudessem ter permanecido por muito tempo sem uma literatura. Ou se tivessem eles forjado uma por eles mesmos, sem dúvida teria sido muito diferente daquele que nos chegou. Tal como é, a literatura romana forma uma característica da história humana sem paralelo. Vemos uma nação rica em sentimento patriótico, em heróis lendários e históricos, avançando passo a passo para a mais plena solução até então conhecida para o mundo dos grandes problemas da lei e do governo e, finalmente, ascendendo por suas virtudes até a orgulhosa posição de amante das nações, que nunca haviam encontrado nem, aparentemente, sequer queriam, qualquer expressão

¹¹ Não cremos em qualquer tipo de superioridade de uma cultura sobre outra, entretanto, utilizamos “disparidade cultural”, conforme os nossos referenciais nos informam.

¹² Cf. *Homeric poetry presupposes as background a rich tradition of epic songs entrusted to wandering bards. Thus the Romans, too, became curious about their literary prehistory. Yet the Greek example could be not only a stimulus but also a source of deception. Some Roman reconstructions of their origins, of their epic and theater, for instance, seem too closely tied to the Greeks’ reconstructions of their own literary past. The Greeks, in having Homer, had an undeniable advantage: a great poem and cultural document standing astride the very beginnings of literature, a text the layers of which revealed a long prior tradition.*

intelectual de sua vida e crescimento, seja na canção inspirada do poeta, seja na narrativa sóbria do historiador. (p. 51-52).¹³

A literatura latina, assim, se desenvolveu e conseguiu alcançar *status* de “alta literatura” através da herança grega. Essa herança literária da Grécia é apreciada por escritores de vários períodos ao longo de toda a história literária de Roma, entre eles, por exemplo, o autor da *Eneida*, Virgílio, que utiliza o modelo épico advindo da Grécia para produzir sua épica que narra a procura de Eneias por uma pátria, após o término da Guerra de Troia. Tanto na sua concepção, como na continuidade do mito de origem grega, o autor presta memória, tomando uma personagem troiana, de origem divina (pois é filho de Afrodite – ou Vênus, na literatura romana – e o humano Anquises), como progenitor da estirpe romana.

Assim sendo, cremos existir um vetor cultural de influência da cultura grega sobre a latina em diferentes níveis, e particularmente na expressão literária. O helenismo perpassa, possivelmente, grande parcela da história literária romana, o que nos é evidenciado por um diversificado conjunto de escritores que, em alguma medida, viram no Estado grego um ponto de partida para suas próprias produções.

Tratando agora não mais das origens de Roma e as influências literárias de sua época, em momentos posteriores, nos reportamos a um dos cultores desse processo de helenização que Estado romano viveu em sua história e como ele ecoou até muito tempo depois das primeiras guerras que culminaram no seu início, investigaremos mais especificamente um recorte literário advindo do século II d. C.. O analisado entusiasta em questão se chama Aulo Gélio, um erudito que também é o autor da obra central e objeto de pesquisa desta dissertação, as *Noctes Atticae* (*Noites Áticas*). Tendo como ponto de partida a interrelação entre a cultura grega e latina, nossa intenção é a execução de um estudo da obra dessa mencionada personagem histórica, voltado aos temas de linguagem ali representados, mais precisamente acerca do tratamento que dá à construção de um *ethos* de erudição no decorrer de seu texto.

¹³ Cf. *Had the Roman people continued to move in the same lines as they did before coming in contact with the works of Greek genius, it is possible that they might have long remained without a literature. Or if they had wrought one out for themselves, it would no doubt have been very different from that which has come down to us. As it is, Roman literature forms a feature in human history quite without a parallel. We see a nation rich in patriotic feeling, in heroes legendary and historical, advancing step by step to the fullest solution then known to the world of the great problems of law and government, and finally rising by its virtues to the proud position of mistress of the nations, which yet had never found nor, apparently, even wanted, any intellectual expression of its life and growth, whether in the poet's inspired song or in the sober narrative of the historian.*

QUESTÕES METODOLÓGICAS

Para desenvolvermos esta dissertação de maneira que tivéssemos um material de mais fácil acesso, parte da nossa pesquisa consistiu em selecionar os temas encontrados ao longo dos vinte livros que compõem as *Noites Áticas*, de Aulo Gélío. Executamos tal levantamento também para termos mais respaldo nas colocações acerca do gênero da obra, e criamos uma tabela para nos situar durante a pesquisa. Seguindo o que conseguimos delimitar na nossa busca pelos assuntos (áreas) encontrados na obra, acessamos o conteúdo concernente à linguagem, como a gramática, a filologia e, majoritariamente, os temas que debatem acerca da retórica, tanto explicada quanto executada.

Tratamos, nesta dissertação, de temas que necessitam de uma abordagem historicamente fundamentada. Para tanto, encontramos na Historiografia da Linguística as nossas bases teórico-metodológicas. Essa historiografia concerne a um dos campos da Linguística, voltado a descrever a história sobre os estudos desenvolvidos acerca da linguagem, possui abordagem interdisciplinar, recorrendo à sociologia, à geografia, e até à própria história, como descritora de panoramas contextuais dos eventos e dos fatos da ciência linguística. Ao colocarmos em prática a abordagem historiográfica, reconhecemos as disciplinas do campo da linguagem como estando em uma constante de mudanças, ligadas às épocas em que foram produzidas. Nas palavras de Freitas (2016, p. 15), se o início da maturidade de uma disciplina “é reconhecer o seu passado, o segundo é, inevitavelmente, conhecer como podemos escrever sobre esse passado sem distorcê-lo”. A preocupação adequada com a contextualização histórica de discursos produzidos no passado é o que torna inevitável para este trabalho, felizmente, o uso que faremos dos pressupostos da Historiografia da Linguística.

Para Koerner (2014, p. 13), a Historiografia da Linguística, quando orientada para a teoria que norteia o pesquisador, garante a ele, primeiramente, o “distanciamento necessário”, o que permite perceber as “teorias imaturas”, bem como a possibilidade de enxergar um maior número de pontos de vista; pode ser também um meio para que o cientista tome conhecimento das limitações teóricas dentro de sua abordagem proposta, bem como a origem de tais teorias; e terceiro, o linguista se torna capaz de fazer juízo acerca de novas teorias ou opositoras, atentando para um olhar crítico, sobretudo sobre as “reivindicações” por elas feitas.

Em seu *A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização*, Swiggers (2015, p. 41) apresenta alguns conceitos e pressupostos necessários aos que trabalham com o campo de investigação historiográfica no âmbito da Linguística. Segundo o autor, a disciplina, institucionalizada a partir dos anos de 1970,¹⁴ é compreendida “como estudo do desenvolvimento das ideias e das práticas linguísticas, os *objetos primários* que se devem estudar são *textos* (publicados ou não publicados)”. Dessa forma, compreendemos que a preocupação maior da perspectiva teórica na qual se inscreve este trabalho está voltada para o texto. Esses textos, segundo Swiggers (2015, p. 42), são “reflexo (ou depósito) material da própria história da linguística”. O autor faz uma delimitação entre os campos de investigação que os linguistas do presente são capazes de analisar. Acreditamos estar inclusa nossa investigação sobre as *Noctes Atticae*, no seguinte enquadramento: III - Áreas do tipo conceptual, com problemas teóricos, mais especificamente, sobre a “noção de linguagem” (SWIGGERS, 2015, p. 47).

A questão central que pretendemos desenvolver nesta dissertação, levando em consideração a nossa apresentação sobre a Historiografia da Linguística (como campo de investigação linguística), no que diz respeito às *Noctes Atticae*¹⁵, é a seguinte: ao estabelecer um robusto compilado de procedimentos e delimitações acerca da erudição, o autor estaria construindo uma *persona* discursiva que se projeta ao público como um *ethos* de erudição?

Percebemos que com o questionamento acima poderemos dar início a uma investigação sobre *N. A.* ainda pouco explorada, dada a vastidão de assuntos contidos na obra. Acreditamos, ademais, que as reflexões acerca da erudição delineadas na obra nos mostram um capítulo importante da literatura latina, mediado pelo texto de Gélío que, para nós, é um fecundo material para refletirmos sobre a linguagem no período em que o foi escrito. Um estudo das *N. A.*, conforme nos propomos, poderia, a nosso ver, contribuir para o panorama dos estudos voltados para obras do período antigo, no campo da Historiografia da Linguística.

Para tanto, no primeiro capítulo desta dissertação, faremos uma exposição de diversos assuntos que circundam as *N. A.* e o seu autor. Acreditamos ser necessário o investimento por causa da escassez de materiais que tratam de tais aspectos. No

¹⁴ Compreendemos essa ocorrência como fruto da vasta produção de conteúdos, esses foram desenvolvidos dentro dessa então recém-inaugurada linha de investigação linguística. Mais informações acerca do assunto conferíveis em levantamento feito por Freitas (2016, p. 22), em dissertação de mestrado intitulada “*O pensamento gramatical de Santo Agostinho*”.

¹⁵ *N. A.*, a partir desse ponto.

primeiro tópico, faremos a exposição de dados biográficos; no segundo, apresentaremos nossa pesquisa temática da obra, bem como a sua estrutura; no terceiro, serão expostos os aspectos intertextuais, pois são caros à compreensão da construção textual da obra; e no último, apresentaremos a relação de Aulo Gélío com o arcaísmo, característica encontrada ao longo de toda a obra.

No capítulo 2, adentraremos em uma investigação dos excertos do prefácio das *N. A.* que principiam um delineamento acerca da erudição no seu contexto. Buscaremos compreender como o texto de Gélío evidencia o que seria um erudito daquele momento por meio de uma abordagem pautada nos estudos da Análise do Discurso de Maingueneau (2008) e nas bases sobre o discurso e concepção do *ethos* advindas da *Retórica* de Aristóteles. Por meio dessa linha de análise, demonstraremos de maneira esquematizada todas aquelas características sustentadas pelo autor como adequadas e necessárias para que o cidadão pudesse ser compreendido como um “homem civilmente erudito”. Além dessa exposição, nos valeremos de nossa averiguada afirmação de que o autor cria uma espécie de manual de erudição, do qual ele próprio aparenta ser produtor e adepto dos ensinamentos.

No capítulo 3, investigaremos a construção do *ethos* de erudição propriamente dito. Faremos um percurso por vários excertos que nos permitam afirmar pela esquematização de um procedimento que estaria posto na obra como necessário para a caracterização do erudito. Assim, desenvolveremos a ideia da formulação do *ethos* do erudito originada da discussão iniciada no capítulo 2. Tendo sido feita essa exposição sobre cada peça constituinte da imagem retórica de Gélío, adentraremos em maiores detalhes acerca de uma delas: o bilinguismo, mostrando nossa fundamentação teórica acerca dos conceitos do que seria, e também sobre bilinguagem e indivíduo bilíngue; no item 3.6 apresentaremos um histórico sobre o bilinguismo na antiguidade – isso nos ajudará a contextualizar Gélío no cenário romano da época – bem como em que contextos acontecia e também qual a importância de ser bilíngue; no último item deste capítulo, serão analisados alguns excertos que contêm abordagem bilíngue do autor, e a partir deles, demonstraremos como estão ligados à construção do *ethos* de erudição do autor.

1 O ERUDITO E SUAS *NOCTES*

No período histórico aproximado de 125-180 d. C., encontramos inserido o erudito Aulo Gélío (*Aulus Gellius*). Possivelmente, beneficiado por uma família abastada, recebeu educação em Roma e estudou também na Grécia, onde aprendeu sobre retórica, filosofia, história e filologia. Essa instrução ática e romana influenciou de forma substancial a produção textual que o autor desenvolveu (GARCÍA-JURADO, 2007, p. 144). Para Cancik & Schneider (2004, p. 727), Gélío enxergava em um de seus mestres uma idealização intelectual: “Favorino de Arelate, em quem Gélío viu a imagem ideal de um intelectual versado em todas as áreas da cultura grega e romana”¹⁶. O filósofo Favorino¹⁷ é uma das inspirações do erudito, motivando-o a buscar igual instrução, tornando-se conhecedor das línguas e das culturas grega e latina.

Em suas noites solitárias na Ática, Aulo Gélío se empenhou no labor da escritura das *N. A.* (séc. II d. C.). Encontramos uma vasta riqueza temática na obra, em que diversos campos do saber estão versados. Bassetto (2010, p. 11), na introdução à tradução brasileira da obra, afirma o seguinte sobre a sua multiplicidade de conteúdo: “Em seus vinte livros, estão palpantes as agitações intelectuais, literárias, culturais, filosóficas, filológicas, históricas, sociais, religiosas e políticas de Roma e do Império. [...]”. Tal pluralidade pode dizer um pouco da dificuldade de resumir o que especificamente é tratado na obra, assim como a natureza do gênero presente no texto. Tal questão tem sido debatida pelos que se incumbem da observação acerca do gênero da obra, que, apesar da dificuldade de delimitação, informam ser razoável pelo menos que se compreenda as *Noctes Atticae* como uma miscelânea de gênero híbrido, conforme Quiroga (2013, p. 95): “Por causa da natureza variável de seu trabalho, Gélío escapou à imputação de um único gênero literário, tendo sido descrito como um versátil helenista, um etimólogo, um satírico ou um diletante.”¹⁸ Essa variedade de assuntos, que em nossa compreensão poderia nos fazer compreendê-la também como grande

¹⁶ Cf. *Favorinus of Arelate, in whom Gellius saw the ideal image of an intellectual versed in all areas of Greek and Roman culture.*

¹⁷ [...] Nascido em Arles (Gália Transalpina), Favorino foi um sofista grego que ensinou retórica em Roma e em Atenas, durante o governo de Adriano. Foi um dos mestres de Aulo Gélío (SEABRA FILHO, 2010, p. 27).

¹⁸ Cf. *Because of the protean nature of his work Gellius has eluded ascription to a single literary genre, having thus been described as a versatile philhellenic, an etymologist, a satirist, or a diletante.* (QUIROGA, 2013, p. 1).

diário de anotações acerca de assuntos de natureza fortuita, encontra outros partidários, como afirma Cruttwell (2003 [1877]) que a define como:

[...] um trabalho agradável, bisbilhoteiro, escrito para ocupar o lazer de seus filhos, e contendo uma grande quantidade de interessantes detalhes sobre literatura e folclore religioso ou antiquário. Gélíio é um homem de mente pequena, mas compensa com zelo, por falta de poder. Ele foi treinado em filosofia sob Favorino, em retórica sob Antônio Juliano e, talvez, Frontão, mas seu estilo e gosto são, no geral, mais puros que os de seus preceptores. O título *Noctes Atticae* foi escolhido, principalmente, porque o livro foi escrito em Atenas e durante as elucubrações da noite; mas sua modéstia também foi uma recomendação em seu ponto de vista. Os assuntos são muito variados, mas a gramática ou tópicos relacionados a ele são preponderantes. Um grande espaço é dedicado a anedotas, literárias e históricas, e entre elas encontram-se as mais interessantes e as melhores passagens escritas. Outro elemento de importância é encontrado nas citações, que são muito numerosas, de autores antigos. (p. 711-712)¹⁹

Embora a passagem seja bastante datada e permita entrever juízos de valor que atualmente não são mais aceitáveis, ela revela, entretanto, que a ocasionalidade dos temas tratados é um dos pilares da obra. O caráter fortuito na escolha dos assuntos feita pelo autor, bem como a falta de organização temática nos livros compilados na obra, tornam as *N. A.* uma miscelânea, ou seja, uma espécie de antologia sobre as culturas grega e latina, já que encontrar uma padronização organizacional da obra em si parece difícil. Buscaremos, entretanto, tornar contornável tal disposição de conteúdos²⁰. Essa diversidade temática da obra foi assim observada por Quiroga (2003):

De um reservatório de conhecimento passado para um passatempo, de meta-literatura ao bilinguismo, as *Noctes Atticae* de Gélíio, incorporam diversos temas que nem sempre estão ligados de maneira óbvia. A mistura de trivialidade, descuido fingido e erudita escolaridade, no trabalho de Gélíio,

¹⁹ Cf. [...] *a pleasant, gossiping work, written to occupy the leisure of his sons, and containing a vast amount of interesting details on literature and religious or antiquarian lore. Gellius is a man of small mind, but makes up by zeal for lack of power. He was trained in philosophy under Favorinus, in rhetoric under Antonius Julianus and, perhaps, Fronto, but his style and taste are, on the whole, purer than those of his preceptors. The title Noctes Atticae was chosen, primarily, because the book was written at Athens and during the lucubrations of the night; but its modesty was also a recommendation in his eyes. The subjects are very various, but grammar or topics connected with it preponderate. A large space is devoted to anecdotes, literary and historical, and among these are found both the most interesting and the best written passages. Another element of importance is found in the quotations, which are very numerous, from ancient authors.*

²⁰ Inicialmente, nas primeiras leituras das *Noctes Atticae*, percebíamos uma “falta de organização” do texto, entretanto, em leituras posteriores, cremos que, na verdade, essa disposição se deu possivelmente pelo caráter da obra. Não cremos que haja “desorganização”, apesar de admitirmos que a localização de um assunto ou outro específico possa demandar uma busca mais acurada. Nossa solução para simplificar a localização temática dos leitores modernos das *N. A.* e a nossa própria análise, está desenvolvida na seção dedicada à formulação de um quadro que procura simplificar a busca pelos temas abordados no decorrer da obra.

contribuiu para o grau flutuante de estima em que tem sido sustentado ao longo dos séculos. (p. 96)²¹

Dessa forma, as *N. A.* poderiam se enquadrar em diversos gêneros, mas entre eles, estariam a enciclopédia, com uma abrangência de conteúdo bastante vasta; um diário de memórias, se pensarmos na forma como a obra foi concebida, ou seja, anotando o que o autor achasse “digno de memória” (conforme veremos à frente). Além disso, também podemos entender a obra como uma coletânea de relatos, levando em consideração os casos expostos do dia a dia de Gélcio. Enfim, dizermos do gênero depende do capítulo que estamos lendo e a visão que temos da obra. Devido a essa miscelânea que é o texto, o trecho lido pode fornecer características extremamente divergentes no que tange à categorização das *N. A.*²²

Aulo Gélcio teria possivelmente nascido em Roma, local onde iniciou seus estudos e teve contato com gramáticos e filósofos. Em sua juventude foi até a Ática, a fim de adquirir mais conhecimentos, provavelmente motivado e financiado pela própria família. Essas informações nos levam a crer que o autor gozava do privilégio de receber educação também na Grécia por ser de origem abastada. A toga pretexta²³, segundo ele próprio, foi por ele usada e, posteriormente, substituída pela toga viril (Gel. *Noct. Att.*, XVII, 4, 1), o que, junto à informação da sua permanência na Grécia, nos faz crer que, de fato, o erudito fora filho de patricio. O autor também afirma ter desempenhado a atividade de juiz em julgamentos privados, trabalho esse designado pelos pretores. Apesar de não exercer a função de advogado, pelo seu estudo e afinidade com questões que envolviam lei, esse tipo de atividade foi possível (Gel. *Noct. Att.*, XIV, 2, 1).

O autor, como mencionamos, escreveu as *N. A.* no período em que esteve na Grécia e, segundo ele próprio, em seu prefácio, escreve para seus filhos com intuito de, eventualmente, ser lido por eles (Gel. *Noct. Att.*, pr. 1). Segundo descreve em sua obra, o método utilizado para a redação era a anotação de excertos que achasse interessantes e quisesse documentar. Algumas informações encontradas no livro são oriundas também

²¹ Cf. *From a reservoir of past knowledge to a simple pastime, from meta-literature to bilingualism, Gellius' Noctes Atticae incorporates miscellaneous themes that are not always linked in an obvious way. The blending of triviality, feigned carelessness and scholarly erudition in Gellius' work has contributed to the fluctuating degree of esteem in which it has been held over the centuries.*

²² No tópico “A estrutura da obra” apresentaremos uma pesquisa minuciosa da elaboração do modelo do nosso objeto de pesquisa. Nele será possível a visualização de todos os capítulos presentes no texto e o que nos dizem da vastidão temática abordadas.

²³ Uma toga que distinguia os cidadãos romanos adultos dos homens jovens. Era substituída pela toga viril quando se alcançava 17 anos de idade (SEABRA FILHO, 2010, p. 610).

de discursos ou pequenas frases que ele próprio havia ouvido de outras pessoas, a partir das quais, se realizam a citação e comentários do erudito.

Afirmamos, nesta seção, a possibilidade de vários campos do conhecimento serem encontrados ao longo das páginas das *N. A.* Sobre a pluralidade temática analisada e estruturação das *N. A.* nos deteremos na seção a seguir.

1.1 A ESTRUTURA DAS *NOCTES ATTICAE*

Aulo Gélcio estrutura a obra da seguinte forma: compila vinte livros, contendo um número não padronizado de capítulos. Esses capítulos, que somam um total de 398, não estão separados por uma temática específica, o autor transita entre vários assuntos e áreas do conhecimento. Apesar disso, o erudito parece ter certamente algumas predileções, como, por exemplo, dissertar acerca de questões gramaticais e históricas. Também concordamos em dizer que nossa compreensão sobre as *N. A.*, considerando esse vasto apanhado de conteúdos, é que são diversificados documentos acerca da cultura greco-latina, o que a torna um proveitoso material de consulta a diversos elementos culturais, sendo assim, uma inestimável fonte de informações (ZABLOCKI 1996, p. 1).

O intuito desta seção da dissertação é apresentar o mapeamento das áreas do conhecimento encontradas nas *N. A.*. Fez-se necessária essa busca para que pudéssemos entender mais a fundo a pluralidade de tópicos da obra em questão, ou seja, buscamos identificar e organizar a variedade de temas tratados na obra.

A metodologia empregada no mapeamento do texto se baseou na investigação da predominância temática do capítulo lido. Primeiramente, foram lidas as apresentações²⁴ de conteúdo de cada texto²⁵, o que costumou orientar para qual tipo de tema o capítulo estava destinado. Em seguida, procedemos à leitura dos textos, procurando a predominância de cada assunto. Por exemplo, se o capítulo tratava de biologia, conceituando, expondo, analisando determinado ponto, mas, em meio a toda essa ambientação, mencionava uma questão de ordem histórica, nós optamos por classificá-lo como tema biológico, não histórico. Isso possibilitou enquadrarmos o texto como

²⁴ Essas apresentações são prévias do que cada capítulo trata – são encontradas em traduções e na edição crítica por nós utilizada.

²⁵ Foram analisados os 398 capítulos presentes na obra.

uma discussão predominante sobre filosofia, medicina ou etimologia, por exemplo, conforme determinamos dentro dessa delimitação.

<p>Filosofia: foram incluídos os capítulos com assuntos de natureza filosófica (predominantemente). O autor toma como referências textos específicos desse contexto.</p>	<p>I, 2; I, 3; I, 13; I, 17; I, 26; II, 1; II, 5; II, 7; II, 8; II, 9; II, 25; III, 6; IV, 13; V, 10; V, 11; V, 15; V, 16; V, 18; VII, 1; VII, 2; VII, 13; VII, 14; VIII, 7; IX, 5; IX, 8; X, 4; X, 19; X, 22; XI, 5; XII, 5; XII, 11; XIII, 28; XIV, 4; XV, 2; XV, 26; XVI, 1; XVI, 18; XVII, 5; XVII, 12; XVII, 19; XVII, 20; XVIII, 1; XVIII, 13; XIX, 2; XIX, 3; XIX, 12; XX, 4.</p>
<p>Filologia: os capítulos que foram aqui colocados possuem em seus conteúdos interpretações de fragmentos e obras a que Aulo Gélíio teve acesso, obras essas, por vezes, a que não temos mais acesso nos dias de hoje.</p>	<p>I, 4; I, 7; I, 21; II, 14; III, 1; III, 3; III, 10; III, 11; III, 16; IV, 2; IV, 19; V, 4; VI, 2; VIII, 5; VIII, 8; IX, 3; IX, 9; X, 3; X, 12; XI, 6; XII, 6; XII, 7; XII, 15; XIII, 7; XIII, 27; XIII, 31; XIV, 3; XIV, 6; XV, 6; XVII, 9; XIX, 11.</p>
<p>Retórica: os capítulos que continham predominantemente argumentos que diziam respeito à eloquência.</p>	<p>I, 5; I, 6; I, 10; I, 15; V, 1; VI, 14; VII, 11; IX, 15; IX, 16; XI, 7; XI, 8; XI, 13; XII, 2; XII, 12; XV, 12; XV, 28; XVI, 2; XVII, 1; XVIII, 3; XVIII, 8.</p>
<p>História: os excertos presentes têm como predominância o tratamento de fatos documentados em obras históricas e em anais, por exemplo.</p>	<p>I, 1; I, 8; I, 9; I, 11; I, 14; I, 19; II, 11; II, 18; II, 27; III, 4; III, 5; III, 7; III, 8; III, 13; III, 15; III, 17; IV, 5; IV, 8; IV, 10; IV, 11; IV, 14; IV, 15; IV, 18; IV, 20; V, 2; V, 3; V, 5; V, 6; V, 9; V, 17; VI, 1; VI, 3; VI, 5; VI, 12; VI, 18; VI, 22; VII, 4; VII, 7; VII, 8; VII, 9; VII, 17; VIII, 3; VIII, 4; VIII, 9; VIII, 11; VIII, 15; IX, 1;</p>

	IX, 2; IX, 7; IX, 11; IX, 13; X, 16; X, 17; X, 18; X, 27; X, 28; XI, 9; XI, 14; XII, 4; XII, 8; XIII, 5; XIII, 24; XV, 1; XV, 4; XV, 10; XV, 11; XV, 17; XV, 18; XV, 20; XV, 22; XV, 23; XV, 31; XVI, 11; XVI, 19; XVII, 17; XVII, 18; XVII, 21.
Direito: tratando de assuntos voltados para as leis, os capítulos que entraram aqui apresentaram tal configuração.	I, 12; II, 12; II, 15; II, 24; III, 2; IV, 4; IV, 12; V, 13; V, 19; VI, 15; VI, 19; X, 6; X, 20; X, 23; XI, 18; XIII, 12; XIII, 13; XIII, 16; XIV, 2; XIV, 7; XIV, 8; XVII, 6; XVII, 7; XVII, 14; XX, 1; XX, 10.
Gramática: os assuntos de natureza gramatical foram colocados nesta seção. É possível encontrar discussões acerca de obras gramaticais, bem como debates acerca da forma correta de utilizar a língua latina.	I, 16; I, 20; I, 22; II, 13; II, 17; II, 19; III, 12; III, 14; IV, 1; IV, 7; IV, 9; IV, 16; IV, 17; V, 21; VI, 7; VI, 10; VI, 11; VI, 17; VI, 20; VI, 21; VII, 5; VII, 6; VII, 15; VII, 16; VIII, 1; VIII, 10; IX, 6; IX, 10; IX, 12; IX, 14; X, 1; X, 5; X, 13; X, 14; X, 21; X, 24; X, 26; X, 29; XI, 3; XI, 11; XI, 12; XI, 15; XI, 16; XII, 9; XII, 13; XIII, 3; XIII, 6; XIII, 14; XIII, 17; XIII, 18; XIII, 21; XIII, 25; XIII, 26; XIII, 29; XIV, 5; XV, 3; XV, 5; XV, 9; XV, 13; XV, 15; XV, 27; XV, 29; XVI, 5; XVI, 9; XVI, 10; XVI, 13; XVI, 16; XVI, 17; XVII, 2; XVII, 13; XVIII, 4; XVIII, 5; XVIII, 6; XVIII, 7; XVIII, 9; XVIII, 11; XVIII, 12; XIX, 7; XIX, 8; XIX, 10; XIX, 14; XX, 2; XX, 3; XX, 6; XX, 11.
Etimologia: são aqueles voltados às discussões acerca da origem de palavras	I, 18; I, 23; I, 25; II, 3; II, 4; II, 6; II, 10; II, 20; II, 21; II, 22; II, 26; III, 9; III, 18; III, 19;

dentro da língua latina.	IV, 3; IV, 6; V, 7; V, 8; V, 12; V, 20; VI, 4; VI, 9; VII, 12; VIII, 2; VIII, 12; VIII, 13; VIII, 14; X, 11; XI, 1; XI, 2; XI, 17; XII, 3; XII, 10; XII, 14; XIII, 9; XIII, 10; XIII, 30; XV, 14; XV, 30; XVI, 6; XVI, 7; XVI, 8; XVI, 12; XVI, 14; XVII, 3; XVIII, 14; XIX, 13; XX, 5.
Literatura: nesta seção estão mapeados os capítulos cujo assunto principal é a literatura. É possível encontrar os textos que apresentam a cultura greco-romana por meio da literatura.	I, 24; II, 2; II, 16; II, 23; II, 29; II, 30; V, 14; VI, 8; VI, 16; VII, 3; VII, 10; VIII, 6; IX, 4; X, 7; XI, 4; XI, 10; XII, 1; XIII, 1; XIII, 2; XIII, 4; XIII, 8; XIII, 11; XIII, 19; XIII, 20; XIII, 23; XIV, 1; XV, 8; XV, 16; XV, 19; XV, 21; XV, 24; XV, 25; XVI, 4; XVII, 4; XVII, 8; XVII, 10; XVIII, 2; XVIII, 15; XIX, 1; XIX, 9; XX, 7; XX, 8; XX, 9.
Biologia: são os capítulos acerca constituição biológica de seres humanos e animais.	VI, 6; X, 2; XVI, 15; XIX, 4; XIX, 5; XIX, 6.
Sociedade: encontramos nesses capítulos a presença de discussões sobre a estrutura e organização social romana. Não existe neles a referência a autores próprios da história, aparentam apontamentos feitos a partir da observação, assim, é possível que apresentem alguma similaridade com os textos colocados na seção de história.	II, 28; VI, 13; X, 8; X, 9; X, 15; X, 25; XIII, 15; XIII, 22; XV, 7.
Medicina: temos aqui os capítulos que	X, 10; XVI, 3; XVII, 11; XVII, 15; XVII, 16;

tratam sobre técnicas e procedimentos oriundos das artes médicas.	XVIII, 10.
---	------------

Quadro número 1: Divisão dos capítulos em categorias temáticas.²⁶

Acima, temos todos os capítulos que chegaram ao nosso tempo nas *N. A.*. Como é possível observar, classificamos cada item de acordo com a predominância do assunto tratado, em doze “campos do conhecimento”²⁷. É importante ressaltarmos que, apesar dessa organização temática por capítulo, é possível encontrar mais desses campos abordado em cada um deles. Por exemplo, quando trata do nono livro dos *Anais*, de Quinto Cláudio²⁸, em um assunto de cunho histórico, Aulo Gélcio decide também fazer uma explicação do correto uso do verbo *defendebant*, um assunto, portanto, de ordem gramatical (*Gel. Noct. Att.*, IX, 1).

Esse fenômeno “interdisciplinar” perpassa, além do capítulo em questão, também outros, na obra. Ao passo que o capítulo supracitado tinha uma questão gramatical na linha final (oitava), todos os sete anteriores tratavam de um assunto histórico. Assim, como se observa no quadro, o primeiro capítulo do nono livro está situado na seção “História”. Entretanto, esse procedimento descrito por nós teve de ser realizado de maneira diferente no livro VIII²⁹, atendo-se somente ao título do excerto, porque é sabido que os textos dos capítulos dele não foram encontrados e o que temos é apenas a descrição de um deles documentada por Prisciano³⁰.

Com base nos dados dessa primeira classificação, buscamos estimar os percentuais de recorrência de capítulos dentro de cada temática presente no quadro apresentado. Para tanto, utilizamos a planilha do programa *Excel*, no sistema

²⁶ O algarismo romano utilizado no quadro ilustra o livro ao qual se refere. Os números indo-arábicos indicam o capítulo.

²⁷ Adotamos o termo “campos do conhecimento” para não ter que dizer ciências, levando em consideração as ressalvas que deveríamos fazer para chamar isso ou aquilo de ciência no mundo antigo. Como nosso intuito não é entrar em questões mais aprofundadas do que poderiam ser esses tópicos, utilizamos um nome mais abrangente.

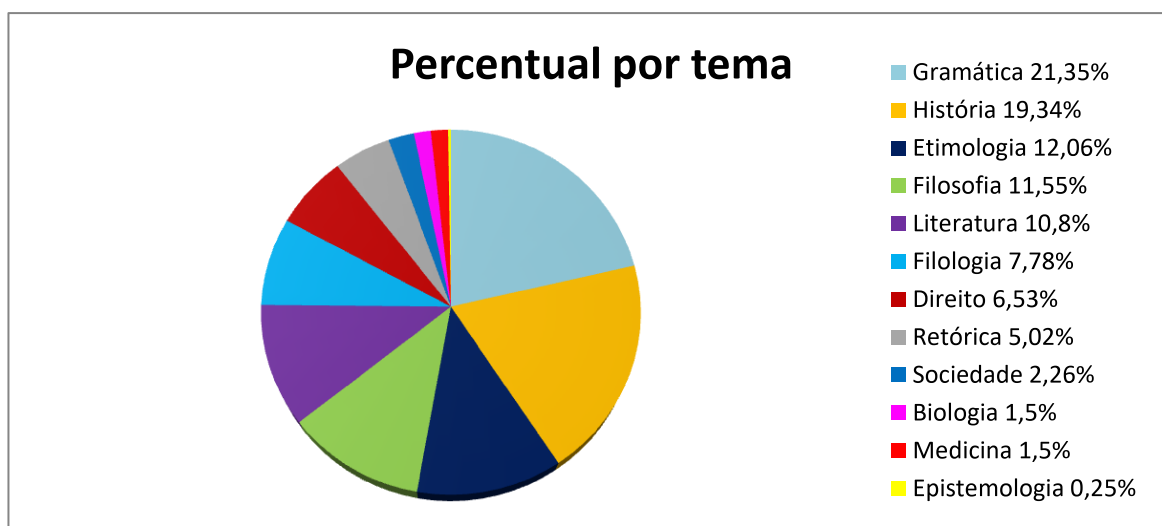
²⁸ “[...] Quinto Cláudio Quadrigário (séc. II a. C.) foi historiador ou mais exatamente analista. Esta sua obra *Anais*, hoje fragmentada, em que ele narra acontecimentos romanos, pode ter influenciado Tito Lívio.” (SEABRA FILHO, 2010, p. 45).

²⁹ Este livro da obra está praticamente todo fragmentado. Assim, não tivemos como adotar a mesma metodologia de análise dos demais livros, já que os textos do livro em questão se perderam, e assim, não poderíamos informar com base no corpo do texto, mas apenas na descrição dele, já que essa sim não se perdera. Encontramos algo escrito no corpo do texto nos capítulos 3 e 15, mas somente foi encontrada uma frase de cada um deles.

³⁰ Prisciano de Cesareia (*Priscianus Caesariensis* – séc. VI) foi um gramático nascido em Cesareia, atual Cherchell, e, posteriormente, mudou-se para Constantinopla onde ensinou latim. É autor da obra *Institutiones grammaticae*. (LUHTALA, 2005, p. 79).

operacional *Windows*, versão 10, a fim criar as estatísticas a partir do número de vezes que cada capítulo foi encontrado dentro dos assuntos presentes nas *N. A.*

Com base nesses números obtidos, pudemos verificar que tópicos voltados a campos relacionados à linguagem, mais especificamente à gramática, etimologia e filologia representam parte expressiva do texto, seguido dos assuntos de natureza histórica, como podemos ver no gráfico abaixo:



Quadro número 2: percentual por tema.

Esses dados nos permitem perceber o quanto da obra está voltado para questões que envolvem a linguagem. São pouco mais de 21% de conteúdos gramaticais, 12% etimológicos, 10% literários, 7% filológicos e 5% retóricos. Assim, aproximadamente 55% da obra trata de assuntos de linguagem *lato sensu*. Sabemos que esse número pode ser maior, pois, como vimos, os temas acabam assomando não somente nos capítulos destinados à linguagem, ou seja, a discussão sobre o assunto pode nem estar em um capítulo que tem como finalidade principal discutir linguagem e, nesse caso, não aparece nesses dados preliminares.

Sobre essa “intromissão” temática, vejamos, por exemplo, o livro de número XIX das *N. A.*; no qual, segundo Quiroga (2013, p. 107-108), encontramos a primeira menção na literatura ao termo *classicus* (clássico), em um contexto de discussão quanto ao valor literário de uma obra. A passagem é célebre por mostrar o adjetivo *classicus* se referindo a textos “canônicos” da cultura, talvez o primeiro uso do termo nesse sentido em língua latina:

Ide portanto agora e, quando por acaso tiveres tempo livre, procura se daquela coorte pelo menos mais antiga *quadriga* e *harenae* tenha dito algum

dos oradores ou dos poetas, isto é, algum clássico e abonado escritor e não um proletário – cidadão de baixa classe. (Gel. *Noct. Att.*, XIX, 8, 15)³¹

O uso do termo em questão parece ser oriundo de uma conversa entre Gélío e Cornélio Frontão³² na qual as palavras do orador são citadas e o erudito propõe a criação de uma tensão entre os termos *classicus* e *proletarius*, sendo o primeiro proveniente de uma espécie de atributo, qualidade, que se esperava de um escritor. Quando faz isso, transporta o sentido primeiro da palavra *classicus*, ou seja, o social – indicando um cidadão “de primeira classe” –, para o sentido metafórico, literário (GARCÍA-JURADO, 2010, p. 274).

Com efeito, levando em consideração a estratificação da sociedade romana, em classes, o autor das *N. A.* utiliza o termo para qualificar o que pertence à primeira das classes, a mais alta delas, como indicador de qualidade, mas passando a qualificar com esse termo também os autores da mais elevada excelência literária. Dizer que algo é clássico, nesse sentido, representa operação metafórica semelhante a quando se diz que pessoas abastadas são “de berço”. Aparentemente, quase todos pertencem a algum berço, assim como todos estavam em uma classe, mas faz-se, tanto em uma expressão quanto em outra, um recorte daqueles que estavam em melhor “berço”, e dos que estavam entre as classes, aqueles que pertenciam ou seriam oriundos da mais alta delas.³³ Dessa forma, Aulo Gélío transita entre dois temas: apesar de utilizar um termo (*classicus*) que remete ao contexto social, ele o emprega em um contexto literário, com o intuito de, por analogia, classificar aquilo que possuía valor elevado.

Essa discussão acima se dá naquele afirmado contexto de fluidez temática possível de ser detectada dentro dos capítulos das *N. A.* ao qual retornaremos agora. Reafirmamos reconhecer as possíveis “brechas” que a classificação de cada capítulo com este ou aquele pode gerar. Entretanto, atestamos pelo valor de tal averiguação preliminar, tendo em vista que tal guia de leitura facilita o acesso às informações do

³¹ Tradução com adaptações nossas. As traduções serão de Seabra Filho (2010), salvo indicação contrária.

³² *Marcus Cornelius Fronto*, ou Marco Cornélio Frontão, foi um famoso orador romano, da Numídia. Foi também tutor do imperador Marco Aurélio (GLARE, 1968, p. 738).

³³ García-Jurado, no citado artigo *La ciudad invisible de los clásicos. Entre Aulo Gelio e Italo Calvino* (2010), desenvolve uma discussão mais aprofundada sobre o uso do termo *classicus* em contraste com *proletarius*. Segundo o autor, existe uma resignificação da ideia da palavra, do âmbito socioeconômico para o literário. Assim, *classis* estaria restrito à classe mais abastada, as outras quatro categorias de classes dentro da estratificação romana não seriam, nesse sentido, cada uma, uma classe, mas *infra classem*, por serem inferiores à mais alta delas.

texto de Gélío para a nossa pesquisa e para interessados em algum (ou alguns) dos temas específicos da obra.

1.2 INTERTEXTUALIDADE E GÊNERO

Em *Introdução à semântica* (2005), Julia Kristeva, entre várias discussões, expõe o pensamento bakhtiniano do estatuto de palavra. Atenhamo-nos, entretanto, aos esclarecimentos acerca da intertextualidade.

Em Bakhtin, os dois eixos, por ele denominado *diálogo* e *ambivalência*, não são claramente distintos. Mas essa falta de rigor é, antes, uma descoberta que Bakhtin foi o primeiro a introduzir na teoria literária: todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se a de intertextualidade (KRISTEVA, 2005, p. 68).

A mencionada intersubjetividade de que Kristeva (2005) trata no trecho acima, é estabelecida na relação entre autor e leitor. A relação de um texto e um intertexto é dada, segundo ela, em um eixo vertical, e tal é chamada de intertextualidade (SILVA, 2003, p. 214). Essa ideia de um “mosaico de citações”, ou empréstimo que se faz do que o outro enuncia, é compartilhada também por Blommaert (2005).

Na sua forma mais simples, a intertextualidade se refere ao fato de que sempre que falamos produzimos as palavras dos outros, constantemente, nós citamos e recitamos expressões, e reciclamos significados já disponíveis. Assim, todo enunciado tem uma história de (ab) uso, interpretação e avaliação, e esta história adere ao enunciado. (BLOMMAERT, 2005, p. 46).³⁴

Lendo as duas declarações, tanto de Blommaert (2005) quanto de Kristeva (2005), parece-nos que ambas convergem para a ideia de que é próprio do texto uma tessitura dependente de um outro texto que, aparentemente, também lhe é inerente. Intrínseco ao texto, portanto, seria a relação que ele possui com outros. Para Bauman: “por intertextualidade quero dizer a orientação relacional de um texto a outros textos”³⁵ (BAUMAN, 2004, p. 4). O que diferiria a intertextualidade presente em um texto, quando comparado a outro, seriam apenas as variações dos graus intertextuais e intersubjetivos (SILVA, 2003, p. 217).

³⁴ Cf. *In its simplest form, intertextuality refers to the fact that whenever we speak we produce the words of others, we constantly cite and re-cite expressions, and recycle meanings that are already available. Thus every utterance has a history of (ab)use, interpretation, and evaluation, and this history sticks to the utterance.*

³⁵ Cf. *By intertextuality I mean the relational orientation of a text to other texts.*

Lachmann (2008), em *Mnemonic and Intertextual Aspects of Literature*, defende a ideia de um exercício mnemônico no ato da incorporação de um elemento intertextual. Dentro dessa concepção, a memória textual estaria constituída a partir das referências desse texto. Nas palavras dela:

Quando um determinado texto entra no domínio de outros textos, a referência pode ser a textos inteiros, a um paradigma textual, a um gênero, a certos elementos de um dado texto, a um dispositivo estilístico, a técnicas narrativas, a motivos, etc. A ligação entre o texto dado e o “outro” texto (o texto referente) é o sinal referente ou intertexto. O intertexto é o próprio elemento de outro texto que foi incorporado, absorvido, citado, distorcido, revertido, ressemantizado, etc. (LACHMANN, 2008, p. 305).³⁶

A investigação dos intertextos nas *N. A.* se faz importante porque a obra é construída a partir de diversos excertos que o autor teve em mãos, bem como discursos falados, os quais teve a oportunidade de presenciar. Segue aqui uma pequena amostra da importância do elemento intertextual nas *N. A.* com um trecho que exhibe a visão do autor acerca do arcaísmo proposital na fala de uma personagem cujo nome não é revelado.

O filósofo Favorino disse a um jovem muito desejoso de velhas palavras e que fazia ouvir em cotidianas e comuns conversações grande número de vocábulos demasiado antigos e ignotos: “Cúrio, Fabrício e Coruncânio, antiquíssimos varões, e, mais antigos que esses, os Horácios, aqueles trigêmeos, conversaram de maneira uniforme e clara com os seus, e não falaram com as palavras dos auruncos ou dos sicanos ou dos pelasgos, que são ditos os primeiros a ter habitado a Itália, mas com as de seu tempo; tu, porém, como se com a mãe de Evandro agora falasses, usas linguagem abandonada desde muitos anos já, porque não queres que ninguém tenha ciência e entenda o que digas. Por que, homem inepto, para conseguir largamente o que queres, não te calas? Mas dizes aprazer-te a antiguidade, porque honesta, boa, sóbria e modesta seja. Vive então com teus costumes pretéritos, fala com palavras atuais, tem sempre em memória e no peito isto que foi escrito por Caio César, varão de excelente engenho e prudência, no primeiro livro *De analogia*, que *tamquam scopulum, sic fugias inauditum atque insolens verbum* (tal qual a um escolho, assim evites uma inaudita e insolente palavra)”. (Gel. *Noct. Att.*, I, 10, 1-4)³⁷

³⁶ Cf. *When a given text enters the domain of other texts, the reference can be to entire texts, to a textual paradigm, to a genre, to certain elements of a given text, to a stylistic device, to narrative techniques, to motifs, etc. The link between the given text and the “other” text (the referent text) is the referent signal or intertext. The intertext is the very element of another text which has been incorporated, absorbed, quoted, distorted, reversed, resemanticized, etc.*

³⁷ Seabra Filho (2010). Edição crítica por Marshall (1968), Oxford Class.

Cf. *Favorinus philosophus adolescenti ueterum uerborum cupidissimo et plerasque uoces nimis priscas et ignotas in cotidianis communibusque sermonibus expromenti: 'Curius' inquit 'et Fabricius et Coruncanus, antiquissimi uiri, et his antiquiores Horatii illi trigemini plane ac dilucide cum suis fabulati sunt neque Auruncorum aut Sicanorum aut Pelasgorum, qui primi coluisse Italiam dicuntur, sed aetatis suae uerbis locuti sunt; tu autem, proinde quasi cum matre Euandri nunc loquere, sermone abhinc multis annis iam desito uteris, quod scire atque intellegere neminem uis, quae dicas. Nonne, homo*

Esse trecho da obra mostra o que havíamos afirmado sobre o autor ser afeito aos assuntos da linguagem. A questão em pauta é o uso que se fazia de uma variedade antiga da língua latina e das palavras que caíram em desuso. Entretanto, não é possível identificar qual item lexical Favorino considerava “antigo” e digno de esquecimento. O que é possível apreender é que, ao ser empregado pelo jovem, esse uso da linguagem era suscetível à censura, talvez por estar alinhado a uma “estratégia retórica” de superioridade. Dada a elaboração e complexidade do proferido, era possível acontecer a falta de compreensão da parte de quem ouvia o discurso, o que demonstraria ser o interlocutor ineficaz em abstrair sentido ou incapacitado discursivamente.

O excerto supracitado também revela algo sobre as estratégias discursivas de Gélío, pois ele próprio não se expressa sobre o caso do arcaísmo do jovem. Não argumenta algo a partir de sua própria voz, mas pela de Favorino, filósofo do qual o capítulo principia tratando. O caso segue narrado pelo discurso do filósofo que, ao fim, cita, segundo o erudito, um texto de Caio César, o *De analogia*, uma “obra de assunto gramatical escrita em aproximadamente 54 a. C. e da qual só restam fragmentos – temos informações de Cícero (*Brutus* LXXII, 252-253) - a quem, aliás, o *De analogia* foi dedicado.” (SEABRA FILHO, 2010, p. 50).³⁸

Além disso, o que se pode notar na construção desse capítulo da obra, são três aspectos: 1º) o erudito faz uma contextualização; 2º) começa a citar um texto específico (o de Favorino); e 3º) escreve uma citação dentro da citação já iniciada. Ou seja, com exceção da breve contextualização que faz, todo o restante do excerto deriva de uma construção textual pré-existente que, entretanto, foi usada para explicar algo que fazia parte de uma espécie de pauta iniciada por Gélío. Curiosamente, trechos da obra como o mencionado demonstram que, apesar de não ter elaborado de próprio punho determinadas partes do que escrevera, o autor se empenha no labor de pautar ou mesmo mobilizar discussões, bem como rememorar todo um aparato referencial pertinente a

inepte, ut, quod uis, abunde consequaris, taces? Sed antiquitatem tibi placere ais, quod honesta et bona et sobria et modesta sit. Viue ergo moribus praeteritis, loquere uerbis praesentibus atque id, quod a C. Caesare, excellentis ingenii ac prudentiae uiro, in primo de analogia libro scriptum est, habe semper in memoria atque in pectore, ut “tamquam scopulum, sic fugias inauditum atque insolens uerbum.

³⁸ Informações acessíveis em notas de rodapé de Seabra Filho (2010).

elas. À sombra de uma ótica imponderada, a situação aqui descrita poderia suscitar a ideia de que pouco do que é escrito por Gélío caberia à sua elaboração.³⁹

Dentro dessa mesma temática, encontramos também o capítulo 15 do Livro I, acerca da “vã loquacidade” ou “erudição vazia”. Gélío assim escreve:

Os que são ligeiros, fúteis e importunos faladores, e os que, apoiados em nenhum peso dos fatos, espalham-se com palavras molhadas e escorregadias, desses bem se estimou o discurso nascer na boca, não no peito; [...] Mas certamente verias certos homens jorrar em palavras sem algum assunto de juízo, com segurança grande e profunda, de maneira que os eloquentes quase sempre pareçam falar sem saber que falam. Homero diz que Ulisses, ao contrário, varão dotado de sábia eloquência, emitia a voz não com a boca, mas com o peito, o que evidentemente não é som e hábito da voz mais que a profundidade das sentenças no interior dos conceitos se referiria [...]. Da mesma forma anotei as palavras de Marco Túlio, com as quais ele abominou com força e verdade uma tola e vã abundância de discurso. Ele diz: “Contanto que seja estabelecido isto: nem deve ser louvada a infantilidade (incapacidade de fala) daquele que conhece as coisas, mas não seja capaz de desenvolvê-la pelo discurso, nem a insciência daquele a quem o assunto não se apresente, mas as palavras não faltem; desses, caso um dos dois deva ser escolhido, eu preferiria uma ineloquente prudência a uma tola loquacidade”. (Gel. *Noct. Att.*, I, 15, 1-5)⁴⁰

A primeira parte da citação contém algumas considerações do autor sobre o que caracteriza como sendo a fala fútil, praticada por algumas pessoas. Diferente do citado capítulo 10 do Livro I, nesse capítulo, apesar de haver mais citações que no anterior, é possível perceber mais a voz do autor. Por meio dessas alusões à obra homérica contidas nesta passagem, cremos demonstrar-se a tentativa de aproximação da obra de erudição de Gélío com os poemas épicos, como a *Iliada*, que são marcos fundadores da cultura tanto latina, quanto grega. Da mesma forma, fizera também no anterior capítulo apresentado (Gel. *Noct. Att.*, I, 10, 1-4), no qual afirma, de maneira cômica, que a fala

³⁹ Marmorale (1974), por exemplo, não enxerga distinto feito no trabalho empreendido por Gélío. Segundo ele, conforme veremos ainda nesta seção, o erudito é descrito como “um homem de medíocre engenho”, ao enxergar as *N. A.* de maneira reducionista.

⁴⁰ Seabra Filho (2010), com adaptações.

Cf. Qui sunt leues et futtiles et inportuni locutores quique nullo rerum pondere innixi uerbis uuidis et apsantibus diffluunt, eorum orationem bene existimatum est in ore nasci, non in pectore; [...] Sed enim uideas quosdam scatere uerbis sine ullo iudicii negotio cum securitate multa et profunda, ut loquentes plerumque uideantur loqui sese nescire. Vlixen contra Homerum, uirum sapienti facundia praeditum, uocem mittere ait non ex ore, sed ex pectore, quod scilicet non ad sonum magis habitumque uocis quam ad sententiarum penitus conceptarum altitudinem pertineret, petulantiaequae uerborum coercendae uallum esse oppositum dentium luculente dixit, ut loquendi temeritas non cordis tantum custodia atque uigilia cohibeatur, sed et quibusdam quasi excubiis in ore positae saepiatur. [...] M. Tullii quoque uerba posui, quibus stultam et inanem dicendi copiam grauius et uere detestatus est: 'Dummodo' inquit 'hoc constet neque infantiam eius, qui rem norit, sed eam explicare dicendo non queat, neque inscientiam illius, cui res non subpetat, uerba non desint, esse laudandam: quorum si alterum sit optandum, malim equidem indisertam prudentiam quam stultam loquacitatem.

de “um jovem” estaria de acordo com a fala da mãe de Evandro, personagem mitológico presente na *Eneida*, de Virgílio. Com isso, parece afirmar que aquela verborragia do rapaz seria inapropriada.

Valendo-se da alusão à poesia homérica para mostrar situações e tomando como intertexto fragmentos canônicos, o erudito executa um movimento contrário às seguintes considerações feitas a si: “Gélio é um homem de medíocre engenho, que escreve mais para satisfazer seu gosto de gramático do que para apreciar a obra de arte” (MARMORALE, 1974, p. 109). De forma oposta a essa compreensão de papel do erudito em questão, parece-nos que Gélio demonstra na literatura exemplos que poderiam ser utilizados com finalidade de instrução do leitor, tanto buscando a aproximação com o texto clássico, como também evidenciando ser o excerto escolhido portador de valor prático. Da mesma forma como o faz com textos literários, faz também com textos filosóficos:

Esta sentença, porque em primeiro aspecto é demasiada infame, sobre ela antes o que foi dito diremos. “Ou corretamente – dizem (os filósofos) – o pai manda, ou incorretamente. Se corretamente ele manda, não se deve obedecer porque ele manda, mas porque fazê-lo é justo; se incorretamente, de maneira nenhuma evidentemente se deve fazer o que não convém ser feito.” Em seguida, concluem assim: “Nunca, portanto, se deve obedecer a um pai em relação ao que ele manda”. Mas nem esta sentença temos ouvido dizer ser aprovada – é uma pequena argúcia essa sem dúvida, assim como em breve mostraremos frívola e vã – nem, porém, aquela que, em primeiro lugar, dissemos, pode ser vista como verdadeira e proba: ser necessário obedecer a tudo que um pai tenha ordenado. (Gel. *Noct. Att.*, II, 7, 6-10)⁴¹

O excerto acima, de modo geral, trata da questão da obediência de filhos aos pais, mesmo quando os pais estão errados. Para explicar o assunto, Aulo Gélio recorre a textos de filosofia, mas não diz exatamente quais são, o que não é incomum ao longo de *N. A.*. O autor também tem como intertexto uma passagem específica, mas uma que não dispomos do acesso. Por isso, o erudito exerce, também nesses momentos, um importante papel, que é o de preservar textos antigos em seu próprio por transmissão direta. Muitas informações acerca do período de Gélio nos são disponibilizadas por

⁴¹ Seabra Filho, 2010, p. 93.

Cf. Haec sententia quoniam primore aspectu nimis infamis est, super ea prius, quae dicta sunt, dicemus. 'Aut recte' inquit 'imperat pater aut perperam. Si recte imperat, non, quia imperat, parendum, sed quoniam id fieri ius est, faciendum est; si perperam, nequaquam scilicet faciendum, quod fieri non oportet.' Deinde ita concludunt: 'numquam est igitur patri parendum, quae imperat'. Set neque istam sententiam probari accepimus – argutiola quippe haec, sicuti mox ostendemus, friuola et inanis est –, neque autem illa, quam primo in loco diximus, uera et proba uideri potest omnia esse, quae pater iusserit, parendum.

causa do caráter documental da obra. Por exemplo, dados acerca de personagens como o filósofo Taurus, de quem o erudito fora contemporâneo e amigo, só chegaram a nós por causa dos apontamentos do autor das *N. A.* (SEABRA FILHO, 2010, p. 49). Muitos capítulos das *N. A.* carregam em sua construção pelo menos uma referência a outro texto. O primeiro livro, por exemplo, apresenta vinte e seis capítulos, nos quais utiliza uma estratégia retórica a qual se vale do discurso de outros autores. A exposição de suas ideias é predominantemente mediada por algum referencial textual externo. Por exemplo:

Cláudio Quadrigário no primeiro livro dos *Anais: Ea Lucani ub rescuerunt sibi per fallacias uerba data esse* [logo que os lucanos vieram a saber (*rescuerunt*) que os haviam enganado]. Iguualmente Quadrigário, no mesmo livro, a propósito de assunto triste e repentino, emprega assim esse verbo: *Id ubi rescierunt propinqui obsidum, quos Pontio traditos supra demonstrauiimus, eorum parentes cum propinquis capillo passo in uiam prouolarunt* [logo que as famílias do reféns que haviam sido entregues a Pôncio como acima demonstramos, vieram a saber aquilo (*rescuerunt*), seus pais e mães com seus parentes se lançaram, com cabelo solto, pelo caminho]. Marco Catão no quarto livro das *Origens: Deinde dictator iubet postridie magistrum equitum arcessi: – Mittam te, si uis, cum equitibus. – Sero est inquit magister equitum, iam rescuere.* [Depois o ditador manda no dia seguinte chamar o mestre dos cavaleiros: – Enviar-te-ei, se queres, com a cavalaria. – É tarde, diz o mestre dos cavaleiros, já vieram a saber (*rescuere*)]. (Gel. *Noct. Att.*, II, 19, 7-9)⁴²

No trecho acima, Gélío trata da significação e uso do verbo *rescire*. Comentar sobre aspectos específicos do latim e grego é um processo que o autor executa em diversos capítulos dos livros. Assim como em outros trechos, as explicações são mediadas pela argumentação não só do autor, mas também de intertextos. Essa estratégia explicativa é o que nos interessa, a intertextualidade, que *N. A.* se estabelece com fragmentos de outros escritos. Tentaremos mostrar com mais clareza a recorrência dessa prática, a fim de evidenciar a importância do intertexto na composição dessa obra de erudição e a ligação que isso estabelece com a natureza enciclopédica da obra. Assim como as informações sobre personagens como o filósofo Taurus que só chegaram a nós por causa do teor documental das *N. A.*. (SEABRA FILHO, 2010, p. 49).

A prática documental, cuja escrita das *N. A.* observa, tornou possível a conservação de diversos intertextos a que Aulo Gélío teve acesso. A seleção desses

⁴² Tradução de Seabra Filho (2010).

Cf. *Claudius Quadrigarius in primo annali: 'Ea Lucani ubi rescuerunt sibi per fallacias uerba data esse.'* *Item Quadrigarius in eodem libro in re tristi et inopinata uerbo isto ita utitur: 'Id ubi rescierunt propinqui obsidum, quos Pontio traditos supra demonstrauiimus, eorum parentes cum propinquis capillo passo in uiam prouolarunt.'* *M. Cato in quarto originum: 'Deinde dictator iubet postridie magistrum equitum arcessi: "mittam te, si uis, cum equitibus". "Sero est", inquit magister equitum "iam rescuere".*

textos, como observado na pesquisa da seção anterior, não respeitava, aparentemente, uma ordem fixa de temas. Segundo Basseto (2010), a variedade de conteúdo da obra aproximaria *N. A.* da enciclopédia:

Destarte, *Noctes Atticae* tem sido considerada uma das predecessoras dos ideais enciclopédicos, ao lado da *Floresta*, de Ateius Praetextatus, e de *O Banquete dos Sofistas*, de Ateneu. Esse caráter, que hoje diríamos enciclopédico, advém-lhe de grande variedade de assuntos tratados, destacando-se os gramaticais, literários, jurídicos e filosóficos (p. 10).

A aproximação das *N. A.* com a enciclopédia poderia ser um motivo para distanciá-la de um gênero literário apenas. No entanto, dado o caráter de uma miscelânea existente na obra, é possível encontrar momentos em que também há um tratamento oriundo talvez de uma linguagem literária. É o que acontece em fragmento do capítulo 6, livro I, que traz o seguinte: “[...] Pois é a dívida de reconhecimento, não a conservação /de reconhecimento/, que é comparada ao dinheiro [...]” (Gel. *Noct. Att.*, I, 4, 7)⁴³. A frase que, em latim, é “*Debitio gratiae, non habitio, cum pecunia confertur [...]*” apresenta uma manipulação de palavras entre o verbo *debitio* (dever algo) e *habitio* (ter algo), palavra essa de uso incomum, apesar de existente, como também é o caso do *debeo* (de + habeo) em sua forma *debitio* (SEABRA FILHO, 2010, p. 40). Assim, a construção do excerto passa por um tratamento próprio de uma construção literária, e no caso do autor, também retórico, buscando uma performance. Escrevendo sobre o peso e valor da dívida no contexto em questão, Aulo Gélcio quer com o fragmento mostrar que aquilo que é reconhecido é a dívida. A transmissão da ideia, entretanto, passa por um tratamento diferente, para garantir-lhe efeito, sonoridade.

A atribuição de um gênero textual específico como a enciclopédia às *N. A.* não é a exclusiva. Levando em consideração o processo de escrita e caráter informativo de várias temáticas abordadas no decorrer da obra, o seguinte é afirmado pelo autor no prefácio:

Quanto aos assuntos, porém, usamos a mesma ordem fortuita que antes havíamos praticado na coleta. Pois assim que um livro qualquer em mãos eu tinha pego, ou grego ou latino, ou tinha ouvido algo digno de ser lembrado, assim o que me aprouvera, do tipo que fosse e em qualquer circunstância, indistinta e promiscuamente, eu o anotava e mo guardava oculto para subsídio da memória, como por assim dizer uma provisão literária, para que, quando tivesse chegado a necessidade ou do assunto ou da palavra, da qual o esquecimento de repente por acaso tivesse me alcançado, e não estivessem

⁴³ Tradução de Seabra Filho (2010).

Cf. *Debitio enim gratiae, non habitio, cum pecunia confertur.*

presentes os livros dos quais esses pontos eu havia tirado, desde então nos fosse coisa fácil de achar e de tirar para fora. (Gel. *Noct. Att.*, pr. 2)⁴⁴

A mencionada aleatoriedade de temas, observada ao longo dos livros de *N. A.* e assumidas pelo próprio autor da obra, para alguns, poderia aproximar a obra, não da enciclopédia, como pontuamos anteriormente, mas da crônica: “Sob outro ponto de vista, há quem classifique as *N. A.* como crônicas, sobretudo pelo aspecto eventual do tema de uns tantos capítulos da obra” (BASSETO, 2010, p. 11).

Tenhamos em mente que, no período em que Gélío escreve as *N. A.*, era comum, no processo de produção de textos, uma espécie de miscelânea de gêneros textuais, conforme Zablocki (1996) e Quiroga (2013). Acreditamos que buscar explicações acerca do gênero da obra pode nos fazer compreender um pouco mais sobre a utilidade e função do texto, que nos parece, segundo o autor e nossa investigação, um material que foi escrito para ser consultado. Mais um exemplo disso, é o seguinte trecho que nos informa sobre a discussão da “correção dos nomes”, no qual Gélío faz uma citação do que fora dito por Varrão⁴⁵, item por item.

Em língua latina, como na grega, uns julgaram que se deva seguir analogia, outros a anomalia. Analogia é de semelhantes uma derivação semelhante, que em latim certas pessoas denominam *proportio* (proporção). A anomalia é uma desigualdade de derivações, conforme o uso. Dois ilustres gramáticos gregos, Aristarco e Crates, com maior empenho aquele a analogia, este a anomalia tem defendido. De Marco Varrão o oitavo livro do *Sobre a língua latina*, dedicado a Cícero, ensina ser nula a observação de semelhantes, e mostra em quase todas as palavras o uso dominar: “Assim como quando dizemos, escreve ele, *lupus lupi* (lobo), *probus probi* (probo), mas *lepus leporis* (lebre); igualmente *paro paraui* (preparo, preparei), mas *lauo laui* (lavo, lavei); *pungo pupugi* (pico, piquei), *tundo tutudi* (bato, bati), mas *pingo pinxi* (pinto, pintei). Em todos os casos, escreve ele, de *ceno* (ceio), *prandeo* (almoço) e *poto* (bebo), diríamos *cenatus sum*, *pransus sum* e *potus sum*; entretanto de *destringor* (esfrego), *extergeo* (enxugo) e *lauor* (lavo), dizemos *destrinxi*, *extersi* e *laui*. Igualmente embora digamos de *Oscus* (Oscos), *Tuscus* (Etrusco), *Graecus* (Grego), os advérbios *Osce*, *Tusce*, *Graece*, de *Gallus* todavia e *Maurus* dizendo *Gallice* e *Maurice*; [...]” (Gel. *Noct. Att.*, 2. 25. 1-8).⁴⁶

⁴⁴ Tradução de Seabra Filho (2010).

Cf. *Vsi autem sumus ordine rerum fortuito, quem antea in excerpendo feceramus. Nam proinde ut librum quemque in manus ceperam seu Graecum seu Latinum uel quid memoratu dignum audieram, ita quae libitum erat, cuius generis cumque erant, indistincte atque promisce annotabam eaque mihi ad subsidium memoriae quasi quoddam litterarum penus recondebam, ut, quando usus uenisset aut rei aut uerbi, cuius me repens forte obliuio tenuisset, et libri, ex quibus ea sumpseram, non adessent, facile inde nobis inuentu atque depromptu foret.*

⁴⁵ [...] (Marcus Terentius Varro – 116-27 a. C.) foi um escritor incansável, um polígrafo fértil que compôs, nos quase noventa anos que viveu, uma obra imensa, constante de setenta e quatro títulos que se desdobravam em cerca de seiscentos livros. (CARDOSO, p. 90, 2003)

⁴⁶ Tradução de Seabra Filho (2010).

No texto acima, encontramos algumas considerações feitas por Gélío sobre anomalia e analogia. O excerto segue-se com um intertexto *Sobre a língua latina* que contém um conteúdo explicativo acerca da derivação de semelhantes. Para ilustrar a falha do pensamento dessa derivação, segundo criam os analogistas, o erudito mostra a explicação de Varrão sobre o processo derivacional de palavras, pois a raiz dessas palavras estaria variando, não obedecendo à ordem comum de outras palavras. Conferimos que não existe uma disposição do autor de *N. A.* a uma das correntes de pensamento, apesar disso, sua disposição parece a favor do discurso de Varrão que em forma de citação serve como contributo autoritário. Essa estratégia parece-nos cada vez mais comum no momento da leitura.

Aparentemente, a exibição do pensamento do autor, quando dito isoladamente, pode parecer carente de embasamento, daí, talvez, o motivo pelo qual ele evoque tantas vezes outros textos que não são o seu próprio.⁴⁷ Acreditamos também que essa estratégia retórica, ainda que não intencionalmente, resulta em um processo de conservação textual, pois ao acionar um intertexto, por meio de citações, acaba preservando a materialidade do excerto. Exemplo disso é o capítulo 10 do livro I, que se inicia com o posicionamento do autor acerca da vã loquacidade (erudição vazia), segue opinando e depreciando os que são praticantes do hábito. A argumentação poderia seguir, deixar clara a opinião do erudito e assim ser concluída, mas isso não acontece. O autor retoma o texto *Ilíada* e fundamenta o que afirmara, trazendo para seu discurso também o discurso de Homero.

Assim, nos excertos aqui analisados, muitos trazendo a visão de Aulo Gélío sobre determinado assunto, seja ele filosofia, gramática, literatura, comportamento etc., haverá, muitas vezes, junto à temática abordada, uma relação de intertextualidade, que é utilizada para situar o ambiente temático do trecho, ou mesmo para fundamentar a afirmação.

Cf. *In Latino sermone, sicut in Graeco, alii ἀναλογίαν sequendam putauerunt, alii ἀνωμαλίαν. Αναλογία est similitum similis declinatio, quam quidam Latine 'proportionem' uocant. μαλία est inaequalitas declinationum consuetudinem sequens. Duo autem Graeci grammatici illustres Aristarchus et Crates summa ope, ille ἀναλογίαν, hic ἀνωμαλίαν defensitauit. M. Varronis liber <ad> Ciceronem de lingua Latina octauus nullam esse obseruationem similitum docet inque omnibus paene uerbis consuetudinem dominari ostendit: 'Sicuti cum dicimus' inquit "'lupus lupi", "probus probi" et "lepus leporis", item "paro parauit" et "lauo laui", "pungo pupugi", "tundo tutudi" et "pingo pinxi". Cumque' inquit 'a "ceno" et "prandeo" et "poto" et "cenatus sum" et "pransus sum" et "potus sum" dicamus, a "destringor" tamen et "extergeor" et "lauor" "destrinxi" et "extersi" et "laui" dicimus. Item cum dicamus ab "Osco", "Tusco", "Graeco" "Osce", "Tusce", "Graece", a "Gallo" tamen et "Mauro" "Gallice" et "Maurice" dicimus; [...].*

⁴⁷ Esses fenômenos serão investigados no decorrer do capítulo 3 desta dissertação.

Parece-nos relevante para a compreensão dessas investidas do autor aos textos mais antigos a noção da *auctoritas* (autoridade), que pode advir de um contexto religioso, pode dizer de uma função capital à vida política ou de uma herança familiar – linhagem sanguínea –, mas também de alguém que por possuir uma aptidão que o difira, sendo modelo e, portanto, capaz de ser utilizado como alicerce para o renomado empenho em algo, no presente caso, o discursivo:

Baseia-se em um conjunto de fatores: família, tradições, qualidades pessoais, a experiência adquirida com a idade, o poder material, a extensão e a tensão dos laços de *amicitia* e *clientela*, e assim por diante. *Auctoritas* aumenta com empreendimentos militares, mas cresce espetacularmente em proporção como em advenços ao longo do *cursus honorum*. Do ponto de vista do que ele reconhece e submete a ele, a *auctoritas* baseia-se na convicção de que quem o detém possui qualidades que o tornam digno de desempenhar um papel de liderança; pressupõe uma adesão e submissão voluntárias, baseadas na relação da *fides*. Assim, a *auctoritas* geralmente não se expressa por meio de comandos, mas conselhos de pensamento e opinião (*sententia* é o termo técnico para o conselho expresso no Senado; *consilium* é a palavra geral) ou mesmo por meio de comportamento exemplar, que outros se sentem obrigados a imitar. (BIAGIO CONTE, 1994, p. 795)⁴⁸

A figura de um erudito, que aqui está representada como o tal, não poderia ficar à margem do conhecimento especulando a partir do nada. Ele necessitava tomar o exemplo dos que possuíam algum renome e dizer-se consoante a eles. Isso poderia causar o efeito discursivo ideal, do ponto de vista da autoridade, pois a pessoa contestada seria Homero, por exemplo, não somente o erudito. Dessa forma, não só Gélio estaria prestando reverência aos mais antigos que foram tão estimados por ele, como ele próprio se colocaria na posição de detentor daquele conhecimento e de seu eventual porta-voz.

A construção do texto de Aulo Gélio, podemos dizer, oferece uma grande contribuição cultural, demonstrando o comportamento de um erudito com uma obra possuidora de “ares enciclopédicos”, e por consequência disso, em suas breves e longas citações de autores gregos e latinos, acaba conferindo a seu texto documentalidade que, nos dias atuais, nos dá acesso a textos conhecidos e outros que não mais poderiam ser

⁴⁸ Cf. *It is based on a complex of factors: family, traditions, personal qualities, the experience acquired with the age, material power, the extent and strength of the bonds of amicitia and clientela, and so on. Auctoritas increases with military undertakings, but it grows especially in proportion as one advances along the cursus honorum. From the point of view of the one who acknowledges it and submits to it, auctoritas is based on the conviction that the one who wields it possesses qualities that render him worthy to play a leading role; it presupposes a voluntary allegiance and submission, based on the relationship of fides. Thus auctoritas usually is not expressed through commands, but thought advice and opinion (sententia is the technical term for the advice expressed in the Senate; consilium is the general word) or even through exemplar behavior, which others feel themselves bound to imitate.*

acessados, assim como informações sobre personagens históricas⁴⁹ não mencionadas em outra literatura antiga, bem como sobre incursões no domínio da língua latina valiosos para quem se debruça sobre sua história.

Nesse sentido, o elevado uso de intertextos, portanto, assoma como um dos elementos de grande importância na tessitura das *N. A.*, já que exercem função relevante na argumentação e na própria constituição do texto. Na posição de erudito, o autor cobra de si uma demonstração de conhecimento que está intimamente ligada ao domínio de diversos elementos culturais de diversas esferas do conhecimento, por isso, não importa se trata de política, literatura ou filosofia, o intento é demonstrar um julgamento justificável e de forma embasada. Não afirmamos, com isso, que a obra é produto apenas de um comentarista, que se incumba de dissertar sobre qualquer assunto, mas reconhecemos aqui o labor de Gélio como um documentarista e argumentador na posição de um erudito. Isso nos oferece uma valiosa informação acerca do comportamento retórico de Gélio e utilização da linguagem no contexto da obra, pois percebemos que a quem se destina a obra (uma classe de cidadãos com elevado grau de instrução) subentendia-se à importância da demonstração do argumento mediado pela voz de uma autoridade, de modo que isso pudesse conferir ao posicionamento do erudito mais consistência discursiva, tornando seu texto retoricamente mais contundente.

Além disso, conforme visto no que concerne ao gênero literário das *N. A.*, defendemos a posição de que ele não se enquadra em apenas um deles, como a multiplicidade de temas pode nos permitir afirmar. Entretanto, pensarmos na obra como uma enciclopédia na qual estão contidos textos literários, históricos, gramaticais, filológicos, filosóficos, etimológicos, biológicos, sociais, políticos, médicos, retóricos e legais, nos parece, ao menos, razoável e que, dentro de cada um desses assuntos, é possível talvez, encontrar um gênero diferente.

Destarte, o que temos é uma obra que está repleta de referências a outros textos, o que toca nas questões do gênero da obra, já que como detentor de um ar enciclopédico, uma miscelânea, estar dialogando com outros textos é parte da proposta da obra e do exercício de erudição do autor, que, por sua vez parece fazer um exercício defendido pelos pressupostos de intertextualidade de Lachmann (2008):

⁴⁹ Como é o caso de Calvíbio Tauro (*Noster Taurus*), filósofo contemporâneo de Gélio, mestre e amigo. As informações acerca dessa personagem são restritas às *Noites Áticas* (SEABRA FILHO, 2010, p. 49).

A memória cultural permanece sendo a fonte de um jogo intertextual que não pode ser enganado; qualquer interação com ele, incluindo o que é cético acerca da memória, torna-se um produto que repetidamente atesta um espaço cultural. (p.304)⁵⁰

Além disso, conforme vimos na seção “estrutura” podemos dizer que assuntos ligados à linguagem e à sua história ocupam expressivo espaço na obra. Dessa forma, o erudito, dissertando sobre assuntos de natureza gramatical, e a nós, considerando o quanto de sua obra rende páginas ao assunto, estamos de acordo com o parecer de Guerrero (1994):

Embora Aulo Gélío não fosse um gramático, é significativo dizer que dos 398 capítulos que constituem o *Noctes Atticae*, 246 estão relacionados à gramática. Esta figura fala por si mesma da necessidade de considerar o trabalho de Gélío também da perspectiva gramatical e não remeter este volume de material à mera rubrica da erudição. Não se deve dizer que o trabalho não é um problema e que o tratamento de temas gramaticais não é oferecido como em um manual. Existem, portanto, definições gramaticais ou análises de flexão ordinária. No entanto, podemos encontrar discussões sobre a origem da linguagem, tratamentos em diferentes locais em quase todas as *Partes orationis*, noções de lexicologia, estudo de formas morfológicamente raras, questões relativas ao campo da *latinitas*, *differentiae verborum*, numerosas etimologias, etc. Apesar da aparente desordem que todas essas questões apresentam ao longo de sua obra, pode-se perfeitamente intuir a dupla direção das *ars* até aqueles momentos: a escola orientada para a análise das partes da frase e a mais especializada dedicada aos temas de correção linguística. Os interesses de Gélío participam em ambos e, apesar de suas fontes serem numerosas e por vezes claras influências serem observadas, como a (influência) varroniana no campo da etimologia, Aulo Gélío apresenta-se como um "gramático" original e coerente, com inclinações nada estranhas aos movimentos arcaizantes da época. (p. 780)⁵¹

As informações apresentadas por Guerrero (1994) nos dão noção de como a obra se mostra versátil, pois, ainda que seu redator não tenha sido um gramático,

⁵⁰ Cf. *Cultural memory remains the source of an intertextual play that cannot be deceived; any interaction with it, including that which is skeptical about memory, becomes a product that repeatedly attests to a cultural space.* (LACHMANN, 2008, p. 304)

⁵¹ Cf. *Aunque Aulo Gelio no era un gramatico, resulta significativo decir que de los 398 capitulos que constituyen las Noctes Atticae, 246 tienen relacion con la gramatica. Esta cifra habla por si sola de la necesidad de considerar la obra de Gelio tambien desde la perspectiva gramatical y no remitir este volumen de material a la mera rubrica de la erudicion. No hay que decir que la obra no es un ars y que el tratamiento de los temas gramaticales no se ofrece como en un manual. No hay, por tanto, definiciones de gramatica o analisis de la flexion ordinaria. Sin embargo, podemos encontrar discusiones sobre el origen del lenguaje, tratamientos en distintos sitios de casi todas las Partes orationis, nociones de lexicologia, estudio de formas morfológicamente raras, cuestiones pertenecientes al ambito de la latinitas, differentiae verborum, etimologias numerosas, etc. Pese al aparente desorden que todas estas cuestiones presentan a lo largo de su obra, en ella se puede intuir perfectamente la doble direccion del ars hasta esos momentos: la escolar orientada ai analisis de las partes de la oracion y la mas especializada dedicada a los temas de la correccion linguistica. De ambas participan los intereses de Gelio y, pese a que sus fuentes son numerosas y en ocasiones se observan influencias claras, como la varroniana en el terreno de la etimologia, Aulo Gelio se nos presenta como un «gramatico» original y coherente, con inclinaciones nada ajenas a los movimientos arcaizantes de la epoca.*

conseguimos encontrar uma vastidão de assuntos gramaticais em si. Soma-se a tudo isso os demais assuntos por nós conferidos e assim podemos enxergar a gama de temas abordados nas *N. A.* que nos traz um interessante documento da literatura latina e grega. É possível detectarmos autores referenciados por Gélío tanto provenientes do Lácio quanto de fora dele. Essa ligação com outros textos garante ao livro determinada qualidade documental. Sobre essa característica também trataremos na próxima seção a seguir.

1.3 O ARCAÍSMO

Aulo Gélío nas *N. A.* demonstra um gosto elevado por assuntos de natureza anterior a seu contexto, em outras palavras, estabelece em sua obra um documento literário tal qual um antiquário cultural. Quando disserta, o autor costuma tomar como referências textos de predecessores pertencentes ao cânone latino e helênico (*Odisseia*, de Homero, *Eneida*, de Virgílio, *Leis*, de Platão), observando-os com apreço, vendo neles representantes de um modelo de instrução e cultura elevadas. Esse comportamento, entretanto, não é particular de Gélío. Escrita no séc. II d. C., as *N. A.*, passam por um período em que autores como Varrão e Cícero, por exemplo, já eram cronologicamente distantes, e seu autor produz tomando como referência os antigos em uma espécie de saudosismo e como um conservador das memórias desses.

Segundo Reynolds & Wilson (1986), nesse período:

O declínio acentuado da literatura criativa que se estendeu durante o século, foi acompanhado por um amplo interesse acadêmico por escritores do passado. Especialmente houve um ressurgimento do entusiasmo pelos antigos autores de Roma. O começo desse renascimento arcaico pode ser encontrado em Probo, foi promovido por Adriano, e sua influência pode ser encontrada nas obras de Frontão, Gélío e Apuleio. Esse culto ao arcaico, além de produzir os efeitos mais barrocos na prosa da época, resultou em que os escritores da República primitiva - Enio, Plauto, Catão e outros menos conhecidos - fossem retirados de suas prateleiras e estudados com apaixonado interesse. Devemos a esse renascimento muito do que sabemos desses antigos escritores. Sua oportunidade de sobrevivência definitiva era limitada; sua linguagem era muito arcaica e obscura para superar o baixo interesse e o declínio literário dos tempos vindouros, e, com algumas notáveis exceções, sobreviveram apenas nos fragmentos e comentários recolhidos por Gélío ou por alguns dos compiladores dos fatos e provérbios. (p. 37)⁵²

⁵² Cf. *La marcada decadencia de la literatura creativa que se extendió durante el siglo ir, se acompañó de un amplio interés académico por los escritores del pasado. En especial hubo un resurgimiento del entusiasmo por los autores antiguos de Roma. Los comienzos de este renacimiento arcaico pueden*

Assim a produção textual do séc. II parece marcada pelo anseio de preservar uma memória antiga, por isso, Aulo Gélío poderia ser compreendido também como um agente do antiquarismo, ideia evidenciada pela “coleção” de excertos documentados na *N. A.*. Intencionalmente, ou não, essa tentativa de escrever textos que pudessem tornar perceptível a erudição do autor, acabou resultando não só na preservação de uma memória, mas também na própria conservação física de excertos. Conforme afirma Cantó (1997):

Conservamos deste autor quase uma centena passagens entre testemunhos diretos e indiretos que nos permitem falar da forma; muitos deles são citações de gramáticos de interesse lexicográfico, muito curtas para serem úteis, mas, felizmente, Aulo Gélío nos manteve um número considerável de passagens de maior extensão, e mesmo em alguns casos com seu paralelo em Lívio, é possível comparar e tirar conclusões interessantes. (CANTÓ, 1997, p. 268)⁵³

Aparentemente, as aspirações arcaizantes de Gélío permitiram o desenvolvimento de um trabalho sistemático da anotação que resultou, senão o aumento de tudo o que escreveu, mas a documentação desses textos, de certa forma, portanto, logrou algum êxito.

O número de personagens fictícias e históricas citadas na obra de Aulo Gélío é vasto. A seguir, apresentaremos um levantamento cronológico feito por Rosso (2015) que ilustra como, pela citação, as *N. A.*, podem oferecer, no mínimo, menção à personalidades de um extenso período até a escrita da obra:

Plutarco, Pitágoras, Herodes Ático, Serviliano, Diógenes, Arriano, Quilião, Marco Túlio Cícero, Quinto Cláudio, Teofrasto, Antônio Juliano, Gneu Pompeu, Gneu Plâncio, Lúcio Torquato, Quinto Metelo Numídico, Tucídides, Caio Graco, Valério Ântias, Plauto, Labério, Cesar, Favorino, Quinto Hortênsio, Labeão Antístio, Lúcio Sula, Sérvio Galba, Márcio Catão,

encontrarse en Probo; fue fomentado por Hadriano, y su influencia puede encontrarse en las obras de Frontón, Gelio y Apuleyo. Este culto de lo arcaico, además de producir los más barrocos efectos en la prosa de la época, dio lugar a que los escritores de la primitiva República — Ennio, Plauto, Catón, y también otros menos conocidos— fuesen sacados de sus estantes y estudiados con apasionado interés. Debemos a este renacimiento gran parte de lo que conocemos de estos escritores antiguos. Su oportunidad para una supervivência definitiva era escasa; su lenguaje era demasiado arcaico y oscuro para superar el escaso interés y la decadencia literaria de las épocas que estaban por venir, y, con algunas notables excepciones, sobrevivieron sólo en los fragmentos y comentarios recogidos por Gelio o algunos de los tardíos recopiladores de hechos y dichos.

⁵³ Cf. *Conservamos de este autor casi un centenar de pasajes entre testimonios directos e indirectos que nos permiten hablar de la forma; muchos de ellos son citas de gramaticos de interes lexicografico, demasiado breves para ser de utilidad; pero, afortunadamente, Aulo Gelio nos ha conservado un numero considerable de pasajes de mayor extension, e incluso en algun caso con su paralelo en Livio, por lo que es posible comparar y extraer conclusiones interesantes.*

Públio Cornélio, Públio Crasso Muciano, Semprônio Aselião, Júlio Higino, Salústio, Epicarmo, Valério Probo, Aristófanes, Lúcio Antônio, Jano Médio, Sócrates, Marco Varrão, Clódio, Lúcio Élio, Virgílio, Higino, Lúcio Planco, Marco Pacúvio, Gneu Névio, Menipo, Aurélio Opílio, Tauro, Gávio Basso, Lísias, Platão, Epicuro, Ácio, Quinto Catulo, Quinto Valério Sorano, Cesélio Vindex, Sulpício Apolinário, Fédon, Zenão, Xeníades de Corinto, Névio, Cipião, Cecílio, Capito Ateio, Caio Fânio, Aristóteles, Marco Valério Messala, Aristarco e Crates, Esopo, Salústio, Quinto Múcio, Cipião, o Africano, Aecésilas, Gneu Seio, Homero, Filócoro, Xenófanes, Hesíodo, Hermipo, Públio Nigídio, Menandro, Plínio Segundo, o moço, Filolau, Espeusipo, Quinto Cévola, Célio Sabino, Masúrio Sabino, Vérrio Flaco, Fabrício Luscino, Cornélio Rufino, Nigídio Fígulo, Terêncio, Calímaco, Xenófilo, Salústio, Caio Cesar, Musônio, Protágoras, Quinto Fábio Máximo, Marco Fúlvio Nobilior, Apião, Ândrocles, Vérrio Flaco, Catão, Tirão, Aniano, Lívio, Caio Ópio, Élio Tuberão, Ênio, Públio Sulpício Galo, Carnéadas, Critolau, Catulo, Crisipo, Alfeno, Tuberão, Tuditano, Júlio Higino, Erúcio Claro, Tauro, Hortênsio, Peregrino, Heráclides Pôntico, Valério Probo, Máximo Valério, Caio Calvo, Planco, Asino Polião, Tuberão, Aulo Albino, Labério, Draco, Aneu Sêneca, Válgio Rufo, Gneu Dolabela, Afrânio, Túlio Tirão, Macedo, Marco Messala, Tito Castrício, Partênio, Panécio, Eurípides, Caio Graco, Suetônio Tranquilo, Aristarco, Sedígito, Lélio Félix, Musônio, Cíncio, Cloácio Vero, Publílio, Zenão, Leneu, Epiteto, Élio Melisso, Domicio, Gneio Gélio, Juvêncio, Júlio Paulo, Edítuo, Pórcio Licínio, Frontão Cornélio, Festo Postúmio, Sexto Cecílio, com perdão pela repetição de alguns nomes. (ROSSO, 2015, p. 384).

Esses são personagens citados por Gélio ao longo da obra. Com base nisso, é possível detectarmos as referências que tinha em seu período. Feita essa apresentação dos vultos apresentados nas *N. A.*, podemos ter noção mais clara da sua característica declarada por nós como documentalista. Essa faceta assoma a nós como ligada ao arcaísmo de seu autor, já que a referencialidade conferida no texto se empenhava, em boa parte dos casos, em observar os referenciais como modelos de uma tradição cultural que já não se via em tamanha efervescência quanto em outros momentos. Já naquela época, o redator das *Noites* olhava para um passado longuíquo com saudosismo de um erudito aspirante a, quem sabe, também ser lembrado com estima por aqueles que leriam o trabalho literário de sua vida.

2 A CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* NAS *NOCTES ATTICAE*

Neste capítulo, faremos uma incursão pelos estudos da retórica ao longo dos anos, desde sua origem, seu desenvolvimento, até o surgimento de ciências posteriores que se valeram desses recursos para a elaboração de investigações no campo do discurso, uma delas cara à nossa pesquisa, a Análise do Discurso. Para tanto, recorreremos a textos históricos que remontem à construção desse conhecimento. Evidenciaremos momentos importantes em que se fez necessário um trabalho mais acurado acerca do que era proferido e a influência que isso teve na transformação das concepções discursivas, fatos esses que defrontam com a própria estrutura social do período ao qual concernem nossos estudos.

Compreendemos que a representação da imagem da erudição nas *N. A.* evidencie um recorte considerável do ideal de respeito pelo resguardo e valor dado à sapiência e cultura considerada “apropriada” à época. Encontramos demasiados dados que nos fornecem informações que compõem o cenário social em que discursos são proferidos, anotados, analisados, dissecados e valorados pelo erudito em condições – ainda que dito de maneira moderada e quase velada pelo redator – para tais investigações acerca da linguagem. Essas questões se tornam ainda mais esclarecedoras quando abertamente interferem nas relações sociais, pois as ilustrações apresentadas por Gélío dizem respeito à própria validade do discurso dentro de um sistema formal em seu rigor técnico, bem como em aspecto social, validado ou não pela figura do orador.

Assim, por causa das conjunturas apresentadas, se faz imperativo enveredarmos pelas discussões acerca do *ethos*, tanto pelo aspecto elucidativo desses estudos, como pela própria historicidade que nos será conferida no ofício, seja pelas análises, em si, seja pelo fato de esses recursos terem sido os mesmos utilizados pelo autor das *N. A.* quando em discorrendo seus comentários.

Em um primeiro momento, apresentaremos os estudos que foram produzidos em um passado não longínquo dentro da retórica. Ainda que breve, esse panorama nos apresenta momentos-chave do desenvolvimento de uma retórica mais atual. Uma digressão será feita posteriormente, nossa finalidade é nos aproximarmos das concepções basilares e necessidades do fazer discursivo, atendendo ao olhar dos diversos aspectos que acompanham desde o nascimento da ciência retórica, até suas mudanças de concepções, à vista desse ou daquele que se propunha examinar ou metodizar acerca da eloquência.

2.1 ESTUDOS BASILARES DA RETÓRICA NO SÉCULO XX

As discussões acerca da retórica têm sido recorrentemente retomadas nas últimas décadas. Encontramos um desses debates em *The Aristotelian Tradition in Ancient Rhetoric*, obra que, revisitando os rumos traçados pela retórica antiga, em seus diversos debates, como aquele entre Isócrates e Aristóteles, e posteriormente pelo seguimento das escolas de filosofia estoica (SOLMSEN, 1941, p. 35), nos revela como se desenvolveu historicamente a *bene dicendi scientiam*, nas palavras de Quintiliano. A relevância de tais estudos neste campo das ciências se mostra perceptível pelas crescentes publicações sobre o assunto, mas também ela é notória com criação da *International Society for the History of Rhetoric*, em 1977, por Brian Vickers, autor de *Bibliography of Rhetorical Studies, 1970-1980*, no qual se refere a mais de 160 livros a respeito do assunto produzidos durante o período de que dá conta seu levantamento. Atestamos nossas colocações através do que nos permite dizer Júnior (2005, p. 15): “Daí para cá, o interesse pela retórica antiga e sua relevância para a sociedade moderna têm aumentado dramaticamente”.

Acompanhando a tendência acima exposta também abordaremos, por meio de um percurso de averiguação de conceitos próprios da *scientia* em questão, com a finalidade de alcançarmos aquilo que Aristóteles denominou *ethos*, em sua *Retórica*. Acreditamos que a obra insere um determinado grau de mudança dentro do panorama de tais estudos, o que se inicia a partir de uma abordagem própria do filósofo, seja por uma característica desse seu componente retórico (o *ethos*), seja por um lugar particular que a lógica assume dentro da construção do discurso. Assim, alinhamo-nos, portanto, a Solmsen (1941, p. 36), para quem (Aristóteles) “fez o sistema retórico algo bem diferente do que foi antes”⁵⁴.

Posteriormente, atentos aos efeitos engendrados por essa *persona* discursiva, expandiremos nossa investigação à Análise do Discurso⁵⁵, a qual permite examinar o *ethos* associado à cena de enunciação, que também pode ser compreendido como “a pretensão do discurso, por meio de seus desdobramentos, instituir a situação de enunciação que o torna pertinente” (CHALUB, 2015, p. 162). Apesar das diferentes concepções e a inexistência de um “sistema uniforme de retórica clássica”, a pretensão

⁵⁴ Cf. [...] he made of the rhetorical system something very different from what it had been before.

⁵⁵ AD, a partir deste ponto.

discursiva, se nela enxergarmos sua finalidade persuasiva, nos parece comum, mesmo em diferentes vertentes dos estudos antigos (JÚNIOR, 2005, p. 23). Para isso, faremos uma breve incursão na história da disciplina e nos seus elementos gerais para, em seguida, abordarmos a noção de *ethos* segundo a concepção clássica, aristotélica e contemporânea, da AD.

2.2 ORIGENS DA RETÓRICA

Determinar um período preciso que poderíamos apontar como o início da disciplina retórica encontra alguns problemas. Com efeito, é difícil afirmar quando foi a primeira vez que o ser humano utilizou a linguagem com finalidade persuasiva (REBOUL, 2004, p. 1). Assim, percebemos, antes de seguir, que precedente ao momento em que é possível considerar uma técnica retórica, a função conativa já se fazia presente.

Outro ponto importante é a descrição da técnica do convencimento em suas transformações ao longo do tempo, assim como é próprio de muitos trabalhos que se propõem esclarecer dados históricos. No entanto, no que concerne à retórica, nos deparamos com a seguinte conjuntura apontada por Barthes (1970, p. 142): “[...] imutável, impassível e como imortal, viu nascer, passar, desaparecer, sem se mover e sem alterar”⁵⁶. Com isso, não estamos desconsiderando, por exemplo, as contribuições dos romanos à retórica. Entretanto, reconhecemos que a imutabilidade afirmada por Barthes (1970) exerça um determinado “peso” quando tentamos traçar uma linha histórica de uma ciência que, durante séculos, se manteve “inalterada”. Mesmo assim, é possível delimitarmos alguns episódios que nos servem como orientação.

Apesar de presente e difundida entre os gregos, a retórica não foi uma exclusividade do contexto helênico. Os estudos sobre a forma “adequada” de proferir o discurso estiveram presentes também na vida de povos como os hindus, hebreus, chineses e egípcios (REBOUL, 2004, p. 1). Já que a forma de convencimento é uma propriedade da língua, os gregos não seriam os únicos a terem acesso a esse recurso. No entanto, afirmar que os gregos foram aqueles que passaram tratar a retórica como técnica – e, posteriormente, como teoria retórica – é possível. O momento histórico no

⁵⁶ Cf. [...] *immuable, impassible et comme immortelle, elle a vu naître, passer, disparaître, sans s'émouvoir et sans s'altérer.*

qual se insere esse fato remonta à batalha de Salamina, em 480 a. C., época também em que se dá o início da Grécia Clássica (REBOUL, 2004, p. 2).

Dentro desse contexto, por volta do ano de 465 a. C., na Sicília grega, tendo sido os persas expulsos da região, o número de cidadãos gregos reclamantes de seus bens saqueados se tornou crescente. Esse cenário criou uma necessidade social de amparo aos prejudicados pela guerra por conta de invasores estrangeiros e pela guerra civil instaurada. Mais um agravante se apresentou aos helênicos. Naquele período, não existia uma profissão destinada à orientação jurídica, em outras palavras, não existiam advogados. Sendo assim, aquela circunstância propiciou o surgimento do primeiro manual àqueles que necessitassem recorrer à justiça para resolver um eventual dissídio. Reportamo-nos a uma *tékhne rhetoriké*:

Numa época em que não existiam advogados, era preciso dar aos litigantes um meio de defender sua causa. Certo Córax, discípulo do filósofo Empédocles, e seu próprio discípulo Tísias, publicaram uma “arte oratória” (*tekhné rhetoriké*), coletânea de preceitos práticos, que continha exemplos para uso das pessoas que recorressem à justiça. Ademais, Córax dá a primeira definição da retórica: ela é “criadora de persuasão”. (REBOUL, 2004, p. 2)

Dessa forma, a “arte oratória” surge em um contexto de real necessidade dos cidadãos de alguma forma prejudicados pela guerra. A não existência de profissionais que pudessem dar orientações também pareceu importante para que a difusão de um documento instrutivo ocorresse. Nesse período, é possível tratarmos da retórica apenas como uma técnica, uma habilidade passível de ser aprendida, e não nos parece razoável o tratamento como teoria, pois isso haveria de acontecer apenas em um momento subsequente, movimento tal qual ocorrera em outros contextos já inseridos no cenário cultural grego – como fora na literatura, na religião e nas artes, por exemplo (REBOUL, 2004, p. 1). No trecho acima, também nos damos conta de um ponto importante que, possivelmente, acompanha todo o percurso da retórica: a persuasão é cinzelada na tez do discurso. Aparentemente, essa finalidade persuasiva há de ser assimilada por profusas abordagens acerca da “ciência do bem falar”, estando recorrentemente coadunadas.

Esse ponto de partida é fundamental para a compreensão de alguns rumos sucedidos nas linhas de abordagem da retórica. A mencionada relação da persuasão com

a retórica cria um desejo deslumbrado pelo convencimento, ou mesmo iluso pela idealização da técnica:

Retórica judiciária, portanto, sem alcance literário ou filosófico, mas que ia ao encontro de uma enorme necessidade. Como não existiam advogados, os litigantes recorriam a logógrafos, espécie de escrivães públicos, que redigiam as queixas que eles só tinham de ler diante do tribunal. Os retores, com seu senso agudo de publicidade, ofereceram aos litigantes e aos logógrafos um instrumento de persuasão que afirmavam ser invencível, capaz de convencer qualquer pessoa de qualquer coisa. Sua retórica não argumenta a partir do verdadeiro, mas a partir do verossímil (*eikos*). (REBOUL, 2004, p. 2)

O excerto acima nos apresenta o restante da conjuntura em que surgem discussões acerca da retórica. Os retores, conhecedores de técnicas discursivas, pareciam colocar em prática aquilo que propunham ensinar desde o momento de convencer seus ouvintes, aparentemente, uma maneira cativante de avaliar a efetividade do que era por eles oferecido. A possibilidade de obter a *bene dicendi scientia*, não só era útil, como também possibilitava muitas vantagens, sobretudo em uma sociedade em que a importância do discurso era crescente e se tornaria ainda mais, conferível pelo grande número de discussões que o assunto suscitou.

A última frase do excerto supracitado nos reporta aos rumos da retórica que determinaram ao menos duas grandes correntes desses estudos. O comprometimento com o que compreendemos como verdadeiro separa aqueles que buscaram a “ciência do bem dizer” com a finalidade de encontrar a verdade, daqueles que o fizeram como mera estratégia argumentativa, em outras palavras, com o intuito de “convencer qualquer pessoa de qualquer coisa”. Nesse contexto, evocaremos um filósofo para quem a finalidade retórica de forma nenhuma poderia fugir à busca e afirmação da verdade: Aristóteles.

2. 3 CONCEPÇÕES CLÁSSICAS ACERCA DA RETÓRICA

A elaboração de um modelo que sintetizasse um padrão retórico clássico, apesar do esforçado intento, não lograria frutos. Determinar de maneira simples um sistema que desse conta de todas as concepções construídas ao longo da história nos parece um tanto reducionista quando percebermos a vastidão de pensamentos acerca do bem-fazer

discursivo. Sabendo disso, podemos começar unindo aquilo que se apresentou de maneira similar em algumas dessas visões.

Em sua *Institutio oratoria*, Quintiliano nos apresenta o que compreende como retórica, assim como concepções que não se distanciam tanto de sua própria definição. Segundo o orador, Isócrates (assim como Górgias também) enxergavam na retórica um “produtor de persuasão” (*Inst.* II, 15, 4), posição bem semelhante à de Ênio que, ao caracterizar M. Cetego, diz: “medula da persuasão”; Hermágoras seguiu a tendência afirmando ser o fim da retórica “falar persuasivamente”; apesar de pontuar algumas ressalvas quanto a tal colocação como não ser apenas isso, Quintiliano afirma que a retórica é “a ciência de se discursar bem”, cuja finalidade é “discursar bem” (*Inst.* II, 15, 34); Aristóteles representa a posição de que: “a capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com o fim de persuadir” (*Ret.* I, 1355b). Conseguimos averiguar que todas as posições adotadas almejam em algum grau a persuasão, apesar de cada uma delas acompanhar sua particularidade, segundo a leitura que cada pensador estabelece como limite de compreensão sobre o que é cada uma delas. Para Júnior (2005, p. 23): “Num aspecto todas essas definições concordam: que a retórica e o estudo da retórica têm em vista a criação e a elaboração de discursos com fins persuasivos”.

A colocação acima reafirma uma similaridade nas ideias dos mencionados autores. No entanto, alertamos quanto a algumas diferenças entre essas concepções de retórica, pois alguns autores como Hermágoras, por exemplo, enxergam a aplicação desse saber discursivo em um contexto limitado a alguns gêneros do discurso público (deliberativo, judiciário e epidíctico), enquanto outros, sendo o próprio Aristóteles um deles, enxergavam a possibilidade de um bom orador discursar de maneira adequada dentro de qualquer contexto e sobre qualquer assunto. Portanto, os contextos em que a elaboração discursiva do retor poderá se efetivar perpassa a concepção técnica e teórica daquela retórica específica.

Aristóteles nos apresenta duas obras acerca da elaboração discursiva, uma de natureza literária, a *Poética*, outra de natureza persuasiva (em contextos públicos), a *Retórica*. Nela encontraremos a crítica do filósofo àquela mencionada restrição à qual alguns retores pareciam concordar que a retórica estava atrelada apenas aos contextos jurídicos, o que evoca a criação dessa ciência quando relembramos os manuais de “arte oratória” de Córax e Tísias. Outra crítica diz respeito à abordagem adotada, pois ao

apelarem fortemente às emoções dos ouvintes, deixavam de lado outro ponto importante, a lógica. O discurso perceptivelmente apelativo ao emocional e de pouca ou nenhuma reflexão e estruturação lógica não era o ideal, e da mesma forma crítica também essa falta de importância à lógica e o superior lugar dado ao rigor formal do discurso (JÚNIOR, 2005, p. 33). A lógica assume um importante papel dentro da tríade constituinte da retórica (*ethos, pathos e logos*). Isso acontece porque, apesar de admitir que um *ethos* bem desenvolvido dentro do discurso poderia sim gerar uma adesão por parte dos ouvintes, um *lógos* despreparado poderia findar na derrota da verdade.

Dessa forma, encontramos a explicação de Aristóteles do que compreende como retórica: “Entendamos por retórica a capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com o fim de persuadir” (*Ret.*, I, 1355b). Ao estabelecer essa definição, o filósofo se alinhava em algum grau a outros autores que se propuseram a tratar do assunto. No entanto, vale aqui fazermos algumas ressalvas. No presente caso, temos não apenas a extensão do convencimento, outrora observada pelo uso da técnica com uma finalidade, mas nos deparamos com a atenção dada à averiguação do processo persuasivo. Assim, o fim desempenhado por um número considerável de autores é ressignificado em Aristóteles. Encontramos, portanto, aquela que nos parece ser uma das principais diferenças da retórica aristotélica, se comparado a tantos outros, assim como também a afirmada importância que a presença da lógica fará na sua abordagem. Considerando o veio lógico do silogismo⁵⁷ aristotélico, o filósofo nos ilustra sua abordagem apelando para esse recurso dentro da esfera discursiva e sua elaboração. Lembremos que a estima à justiça e à verdade foi algo que o autor do pensamento estabeleceu como mister à sua retórica como ferramenta persuasiva, conforme temos visto:

Além disso, é necessário ser capaz de argumentar persuasivamente sobre coisas contrárias, como também acontece nos silogismos; para não fazer uma e outra coisa – pois não se deve persuadir o que é imoral – mas para que não nos escape o real estado da questão e para que, sempre que alguém argumentar contra a justiça, nós próprios estejamos habilitados a refutar os seus argumentos. Ora nenhuma das outras artes obtém conclusões sobre contrários por meio de silogismos a não ser a dialética e a retórica, pois ambas se ocupam igualmente dos contrários. Não porque os fatos de que se ocupam tenham igual valor, mas porque os verdadeiros e melhores são por sua natureza sempre os mais aptos para os silogismos e mais persuasivos. (*Ret.*, I, 1355a)

⁵⁷ Dentro dos contextos que acionaremos, compreende-se silogismo como “raciocinar logicamente”.

A cisão do tratamento lógico na retórica aristotélica é algo que, levando em consideração as supracitadas palavras, se faz inviável. A finalidade da ciência em questão se torna comprometida se não for destinada ao que é verdadeiro e justo. Aristóteles enxerga na retórica a importância de se fazer logicamente, a fim de que o justo e verdadeiro estivesse habilitado a “refutar os seus argumentos”, argumentos esses que fossem contrários à justiça.

Ao delinear concepções e finalidades de sua abordagem teórica da retórica, Aristóteles estabelece os elementos constitutivos dessa ciência: *ethos* (virtude, caráter), *pathos* (paixão, afeto) e *logos* (raciocínio, argumentação). O primeiro está relacionado ao “caráter moral do orador”; o segundo é a forma “como se dispõe o ouvinte”; por último, temos o discurso em si:

Persuade-se pelo caráter quando o discurso é proferido de tal maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de fé. Pois acreditamos mais e bem mais depressa em pessoas honestas, em todas as coisas em geral, mas sobretudo nas de que não há conhecimento exato e que deixam margem para a dúvida. É, porém, necessário que esta confiança seja resultado do discurso e não sobre uma opinião prévia sobre o caráter do orador; pois não se deve considerar sem importância para a persuasão a probidade do que fala, como aliás alguns autores desta arte propõem, mas quase se poderia dizer que o caráter é o principal meio de persuasão. (*Ret.*, I, 1356a)

Deparamo-nos aqui com a primeira das três “provas de persuasão” de Aristóteles. As informações ao início do parágrafo nos esclarecem quanto a uma forma com a qual o orador pode se munir com a finalidade persuasiva. Trata-se do *ethos*, o caráter. Tamanha é a possibilidade de um discurso tornar-se bem-sucedido, se enfatizado no *ethos* daquele que discursa, que o filósofo chega a afirmar que “quase se poderia dizer que o caráter é o principal meio de persuasão”. Esse “poder” persuasivo é indispensável para nossa análise, pois, em muitos momentos, o apelo ao caráter probado será utilizado pelo autor das *N. A.* A segunda prova é disposição do ouvinte:

Persuade-se pela disposição dos ouvintes, quando estes são levados a sentir emoção por meio do discurso, pois os juízos que emitimos variam conforme sentimos tristeza e alegria, amor ou ódio. É desta espécie de prova e só desta que, dizíamos, se tentam ocupar os autores actuais das artes retóricas. E a ela daremos especial atenção quando falarmos das paixões. (*Ret.*, I, 1356a)

Aristóteles destina o Livro II de sua *Retórica* ao tratamento das “emoções”, aliás, sendo o primeiro capítulo homônimo ao mencionado. Nele, o autor introduz a

ideia da segunda prova persuasiva, o *pathos*. O filósofo disserta acerca de várias emoções no livro (ira, calma, piedade...) com a finalidade de expor várias características encontradas em um público ao qual se dispunha discursar, com a finalidade de entender qual seria o tipo de apelo necessário para que se fosse mais convincente.

Para Aristóteles, muito vale para persuasão “a forma como o orador se apresenta e dá a entender as suas disposições aos ouvintes, de modo a fazer que, da parte destes, também haja um determinado estado de espírito em relação ao orador” (*Ret.*, I, 1377b). Logo, não se trata mais do valor do orador projetado aos ouvintes, mas emoções que esses evidenciam ao que discursa. Dessa forma, o orador faz essa leitura e se projeta enfatizando o *pathos*, conforme seus interlocutores. Entretanto, o apelo puramente ao emocional do público pode ser compreendido como parco, por carecer das demais provas, tendo em vista que se um discurso peca no que é dito, ou seja, enunciado, evidencia falta de habilidade ao proferi-lo, em outras palavras, deficiência no *logos*.

O *logos*: Aristóteles afirma que podemos persuadir pelo discurso “quando mostramos a verdade ou o que parece verdade, a partir do que é persuasivo em cada caso particular” (*Ret.*, I, 1356a). Temos aqui um ponto fundamental que eventualmente dividiria aquele que discursa de maneira verdadeira – pela verdade –, e um outro orador que o faz por outro motivo, seja ele de convencer pelo erro (disfarçado de verdade) ou apenas por divergir da justiça e da verdade. O filósofo assume então o caráter manipulável dos fatos, ao pontuar como “verdade ou o que parece verdade”. Esse trecho apresentado corrobora para a assertiva colocação da leitura da retórica sendo utilizada como um instrumento, para Aristóteles, com a qual era possível tomar a decisão pela verdade ou não. A esse “arsenal discursivo” elaborado pelo filósofo se aliam outros conceitos que apresentaremos a seguir. Trataremos das características que compõem a pessoa que discursa, o que pode contar para a imagem harmoniosa do orador.

Fizemos uma explanação sobre como o filósofo compreende como o retor vai se projetar aos ouvintes. Tenhamos em mente que essa *persona* discursiva “vestida” pelo orador pode alcançar essa aparência quando convence os interlocutores de ser detentor das seguintes características: a prudência (*phrónesis*), a virtude (*areté*) e a benevolência (*eunoia*) (NASCIMENTO, 2015, p. 42). Sendo assim, a qualidade que esse orador possui deve evocar valores coletivos que podem garantir graus diferentes de aceitação por parte deles. Essa imagem construída através do *ethos* é o que, somada à elaboração

de um discurso atento às emoções (*pathos*) e estabelecido de maneira que as palavras façam jus à lógica (*logos*), para Aristóteles, garantem a persuasão. Em outras palavras, esses elementos precisam ser incitados no ato discursivo (RODRIGUES, 2008, p. 196-197).

2.4 O *ETHOS* NA ANÁLISE DO DISCURSO

Surgida no século XX, a AD é a uma teoria caracterizada pelo questionamento da transparência da linguagem cuja preocupação é a forma como os discursos são proferidos, no qual o que eles dizem, por si só, pode apresentar apenas parte da análise. Podemos afirmar que a AD suscita questões advindas de várias ciências, seja a sociologia, a história, a psicologia, psicanálise ou a linguística, por exemplo. Sua própria concepção remonta a um contexto “marxista, linguista e psicanalista”, entretanto, não podemos afirmar que ela é uma teoria interdisciplinar ou a integralidade dessas três, mas eventualmente propõe questões provenientes dessas (GIACOMINI, 2007, p. 15). A parte da AD que tange à linguística, leva em consideração o sujeito inserido em um contexto, se interessa pela “ordem própria da língua”; do marxismo, “questiona a análise de conteúdo proposta”, evidenciando a transparência na linguagem; e, por último, revê o *status* de homem ao de sujeito, considerando também que contexto no qual se insere pode suscitar nele interferências. Dessa forma, conclui Giacomini (2007):

A AD é, então, uma disciplina de entremeio, formulada a partir das contradições entre esses três campos disciplinares e que tem um dispositivo teórico próprio. O que interessa para a AD é a relação entre a língua, o sujeito e a história ao mesmo tempo, relação esta que pode ser compreendida por meio do dispositivo teórico proposto pela AD. (p. 16)

Destarte, apesar de muito próxima e até mesmo engendrada por questões pregressas à sua origem e provenientes de discussões dessas outras ciências, nos damos conta de um “dispositivo teórico próprio” que permeia as análises oriundas da AD. Esse dispositivo é o que vai orientar a relação que se estabelece entre “língua, sujeito e a história”. Esse contato entre as ciências evoca aquilo que nas palavras de Maingueneau (2008) está caracterizado como um cenário no qual ocorre o discurso, a chamada “cena de enunciação”.

No início dos anos de 1980, Maingueneau principia seus estudos acerca do *ethos* e essa ação encontra grande moção na academia. Segundo ele mesmo afirma, aquilo gerou uma “surpresa”, se levarmos em consideração a repercussão que esses estudos tiveram no desenvolvimento da AD, e que essa noção não provinha de contextos acadêmicos em que as questões fossem suscitadas pela retórica clássica, como seria comum, mas sim de problemas concernentes ao discurso (MAINGUENEAU, 2008, p. 12).

A perspectiva que Maingueneau trará ao *ethos*, outrora abordado, lido e teorizado por Aristóteles, por exemplo, nos é apresentada como a inserção desse componente do discurso como constituinte também da cena de enunciação (RODRIGUES, 2008, p. 202). Como *ethos*, o autor não tenta criar qualquer mudança essencial nesse que é, além de uma parte do discurso, também uma das “provas” da retórica apresentadas por Aristóteles. Assim, Maingueneau (2008, p. 13), em *A propósito do ethos*, afirma: “A prova pelo ethos consiste em causar boa impressão pela forma como se constrói o discurso, a dar uma imagem de si capaz de convencer o auditório, ganhando sua confiança”. Dessa forma, mesmo a finalidade da construção do *ethos* nesta leitura da AD não parece ser revista, pois, ainda assim, o interlocutor é quem atribui propriedades à instância na qual se insere essa construção discursiva. Sendo assim, não se trata aqui de um conhecimento ou atribuição alheia ao discurso. Retomamos aqui algumas atribuições que poderiam garantir a aparência esperada pelo retor. Assim, nos reportamos ao trecho: “Para dar essa imagem positiva de si mesmo, o orador pode se valer de três qualidades fundamentais: a *phronesis*, ou prudência, a *aretè*, ou virtude, e a *eunoia*, ou benevolência” (MAINGUENEAU, 2008, p. 13).

O excerto de Maingueneau acima se reporta a um trecho da *Retórica*, no qual Aristóteles expõe as qualidades suscitadas por aqueles que elaboravam discursos que poderiam criar a persuasão somente pela apresentação de uma imagem: “Três são as causas que tornam persuasivos os oradores, e sua importância é tal que por elas nos persuadimos, sem necessidade de demonstrações: são elas a prudência, a virtude e a benevolência” (*Ret.*, I, 1378a). O filósofo propõe uma afirmação bem categórica acerca do poder que essa construção seria capaz de exercer. Deparamo-nos aqui com a já afirmada elaboração da *persona* discursiva, em outras palavras, a elaboração do *ethos*.

2.5 CONTRIBUIÇÕES DA AD E DA *RETÓRICA* PARA A ANÁLISE DAS *NOCTES ATTICAE*

As concepções retóricas expostas ao longo desta seção balizarão as nossas análises na averiguação do *ethos* retórico, ou mesmo o erudito apresentado por Aulo Gélío, ao longo das *Noctes Atticae*. No subtópico a seguir, recorreremos aos conceitos acerca da AD, de Maingueneau, e também da retórica de Aristóteles, a fim de elucidar a construção da figura do erudito no contexto discursivo em que a obra se estabelece. Assim, tentaremos expor por meio de excertos das *N. A.*, como a imagem do orador (*ethos*), detentor de conhecimentos de causa, qualidades argumentativas (*logos*) e apelo aos interlocutores (*pathos*) estabelece sua oratória com a finalidade própria daqueles que foram dados aos estudos da *scientia bene dicendi*.

Ao nos debruçarmos nos estudos acerca da imagem construída discursivamente por Aulo Gélío nas *N. A.*, nos é cara a explicação concernente ao nascimento da obra, suas motivações, seus métodos de seleção de assuntos, assim como o caráter atestado como fortuito de seu conteúdo. Além disso, outro elemento é introduzido no prefácio do texto, ainda que de maneira sutil. É sobre ele que trataremos a partir daqui.

O prefácio das *N. A.*, tratando sobre do que traria a obra em suas discussões, bem como os limites do que propunha averiguar, expõe um pouco sobre o caráter de seu redator. Gélío estabelece um contexto restrito de circulação no qual seu texto teria condições de estar inserido. Ainda que o autor não dissesse de maneira aberta que gostaria de ser lido por este ou aquele, é suficientemente claro o que compreendia como leitor apto à compreensão da obra. Afirma assim:

Porque haverá também, nestes comentários, algo pouco preciso e inquieto sobre gramática, ou sobre dialética, ou até sobre geometria, e porque haverá da mesma forma algo um pouco distante acerca da justiça augural e pontifical, não é apropriado afastar-se delas por assim dizer ou como inúteis para conhecer ou difíceis de perceber. Na verdade, não fizemos profundas e obscuras investigações acerca desses assuntos, mas alguns prelúdios e, por assim dizer, libações, acerca das artes naturais que homem civilmente erudito não ter ouvido ou alcançado, se não inútil, pelo menos, é certamente indecoroso. (Gel. *Noct. Att.*, pr. 13)⁵⁸

⁵⁸ Neste capítulo de maior análise do nosso *corpus*, assim como no seguinte, as traduções apresentadas são de nossa autoria, salvo indicação contrária. Cf. *Quod erunt autem in his commentariis pauca quaedam scrupulosa et anxia uel ex grammatica uel ex dialectica uel etiam ex geometrica, quodque erunt item pauca remotiora super augurio iure et pontificio*,

Alguns pontos devem ser observados nesse excerto. Primeiramente, uma das várias delimitações do conteúdo da obra. Essas demarcações a respeito dos assuntos abordados introduz uma segunda questão: quem era capaz de ler, discutir e avaliar esses tópicos propostos pelo autor. Parece-nos fato que o nível de discussão apresentado no texto demandava um determinado grau de conhecimento prévio sobre um considerável número de saberes, segundo Gélío. Dessa forma, compreendemos um círculo específico de pessoas que estaria em condições de integrar um diálogo com a matéria em questão, sendo ele restrito, conforme o próprio autor faz questão de salientar.

Outra questão que ainda nos é útil à investigação é a exclusão dos que não possuíssem o necessário para fazer parte de tal círculo de erudição. Gélío afirma: “que homem civilmente erudito não ter ouvido ou alcançado, se não inútil, pelo menos, é certamente indecoroso”. O que o autor propõe no trecho começa a compor, de maneira introdutória, uma espécie de idealização do conhecimento, indo mais além, engendra uma imagem: a figura de um leitor culto em praticamente tudo o que se pudesse discutir, conhecedor das formas cultas da língua, ciente das questões da linguagem que por ventura fossem suscitadas, capaz de transmitir esses conhecimentos com uma oratória “adequada” e eloquente polindo-se para não se tornar pedante, a fim de não caísse em verborragia (em outra ocasião chamada de “vã loquacidade”). Em outras palavras, para o autor, isso está ostentado como uma personificação da erudição. Assim, julga ele o que seria o erudito.

A estratégia utilizada pelo autor das *N. A.* para apresentar a quem sua obra foi destinada, apesar de não citar este ou aquele interlocutor, se dá por um princípio de exclusão elementar. Ora, o texto disserta sobre assuntos diversos, no entanto, conforme seu redator julgava, eventualmente surgiriam excertos desconhecidos ou “inalcançados” por alguns. Logo, os que não estivessem enquadrados em seu prescrito grupo, a esses não era o direcionamento da obra. A imagem do erudito também é ponderável, pois fazia parte da construção intelectual do portador de erudição saber sobre este ou aquele

non oportet ea defugere quasi aut cognitu non utilia aut perceptu difficilia. Non enim fecimus altos nimis et obscuros in his rebus quaestionum sinus, sed primitias quasdam et quasi libamenta ingenuarum artium dedimus, quae uirum ciuilliter eruditum neque audisse umquam neque attigisse, si non inutile, at quidem certe indecorum est.

assunto ou ao menos ter ouvido sobre determinado conteúdo, sendo indecoroso não ter conhecido aquela matéria.

Ao estabelecer essa proposta, Gélio delinea não só seu conteúdo temático, como também torna justificável que se tratasse sobre assuntos de extensas e diversificadas naturezas (gramática, dialética, geometria, por exemplo). Sendo ele o redator e proponente das discussões suscitadas ao longo de sua obra, se estabelece do lado oposto aos que não gozavam de mesma instrução. Dessa forma, o autor, por dissemelhança, àqueles, se mostra como modelo. Em outras palavras, mostra que as *Noites* são para regalo, discernimento e discussão própria do “homem civilmente erudito”, presente no grupo em que há os civilmente eruditos, e entre eles, o homem culto que escreveu a obra.

Em determinado momento, no prefácio das *N. A.*, seu autor menciona que a obra poderia servir para seus familiares, mais precisamente a seus próprios filhos, visando eventuais distrações, quando ociosamente pudessem dar-se ao deleite da leitura: “[...] quando cedesse e pudesse a mente deles relaxar por descanso qualquer dos negócios.” (Gel. *Noct. Att.*, pr. 1)⁵⁹. Esse grupo de leitores, integrado pelos que Gélio julgava capazes de acompanhar de maneira produtiva os temas do texto se afunila, acompanhando a tônica do parágrafo 13 (acerca do “homem civilmente erudito”). Agora, no entanto, de maneira mais veemente, diferindo-se pelo tom menos amistoso que o utilizado quando se tratando de seus familiares, ele diz:

Pelo contrário, melhor será, de longe: para quem na leitura, na pergunta, na escrita, nos comentários nunca teve deleite, nunca se agarrou ao labor, nunca fez vigília sobre este gênero, nem com alguns entre os êmulos da mesma Musa foram polidos pelas disputas e pelas discussões, mas que estão fartos de intempéries e negócios, afastem-se destas noites (*Noites Áticas*) e outro prazer procurem para si. Velho é o adágio: [...]. (Gel. *Noct. Att.*, pr. 19)⁶⁰

Algumas concepções mediam essa argumentação restritiva de Aulo Gélio, uma delas interessante para prosseguirmos nossa análise. Ao mencionar o texto como direcionado aos seus filhos, o autor considera que fosse necessário para a fruição de seu

⁵⁹ Cf. [...] quando animus eorum interstitio aliqua negotiorum data laxari indulgerique potuisset.

⁶⁰ Cf. Erit autem id longe optimum, ut qui in lectitando, per-contando, scribendo, commentando numquam uoluptates, numquam labores ceperunt, nullas hoc genus uigilias uigilarunt neque ullis inter eiusdem Musae aemulos certationibus disceptationibusque elimati sunt, sed intemperiarum negotiorumque pleni sunt, abeant a noctibus his procul atque alia sibi oblectamenta quaerant. Vetus adagium est: [...].

texto a leitura nos intervalos de descanso. Em outras palavras, quando não em labuta ou obrigações cotidianas, é que deveriam recorrer à leitura em busca de desfrute, descompromissado com encargos, ou melhor, negócios. Rememoremos aqui o nascimento da obra. O autor, em circunstâncias de tempo ocioso, em noites de inverno no território ático, se dedicou a dissertar sobre excertos que colhia durante o dia, mas que, por falta de tempo de escrever na ocasião, os guardava para que, ao anoitecer, pudesse se dispor à redação. Notemos que essas atividades literárias se dão fora da ocupação cotidiana.

A mencionada “atividade literária”, na concepção do autor, gerava ambientação agradável e descompromissada para a fruição. Ele compreende que ela deva ser replicada também por seus leitores, tendo em vista que demandava mais sensibilidade e intelecto que o rigor do dia a dia poderia exigir. Assim, aqueles que não possuíssem esse tempo de ócio produtivo, por conta de negócios ou afazeres, deveriam se distanciar de sua obra. Esse caráter restritivo vai além. Também aqueles que não estivessem nutrindo leituras recorrentes naquilo que poderia instruir, em debates que lapidassem conhecimentos pelo contato com os esclarecimentos próprios de um homem culto, ou aqueles que não eram leitores de gêneros similares às *N. A.*, ainda os que não fossem aprimorados aos confrontos que civilidade poderia requerer, a esses que fossem então, por isso, buscar outras distrações para si. Prossegue: “[...] nada [tem] a gralha com a lira, nem a manjerona com o porco.” (Gel. *Noct. Att.*, pr. 19).⁶¹

Temos aqui uma enérgica abordagem do autor aos incultos por ele declarados incapazes de acompanhar as discussões presentes em seu texto. Aparentemente, Gélío, ao dizer que “nada [tem] gralha com a lira”, expressa que tanto a lira quanto o gaio, de tão opostos que são, esse pelo canto repetitivo e (talvez) desagradável, aquele por ser de agradável sonoridade, não poderiam conciliar-se. Da mesma forma também faz a reflexão sobre a diferença da essência da manjerona e o odor proveniente dos suínos, pois seriam muito díspares. Essas seriam as discrepâncias de afinidades dos homens de pouca erudição com as *Noctes*. O excerto utilizado como referência para tecermos esses comentários é o último de recomendação (ou afastamento) à leitura, feito no prefácio.

A última etapa das considerações acerca dos conteúdos das *N. A.* se dá nos parágrafos 22 ao 25 do prefácio. Temos aí atribuições sobre a possibilidade de

⁶¹ Cf. [...] *nil cum fidibus graculost, nihil cum amaracino sui.*

conclusão de seu texto, bem como o expresso intento do autor seguindo com vistas a anotar, guardar e dissertar sobre o que há de ser comentado, enquanto seus dias permitirem que o faça. Gélio também explica que parte desses anos de vida que tem é designada ao cuidado do patrimônio da família e administração da educação dos filhos, período todo esse cedido segundo a vontade que houver nos deuses.

Consideramos todo o prefácio esclarecedor em muitos aspectos. Esse princípio expõe o conteúdo dos vinte livros presentes nas *N. A.*, delimita assunto, apresenta dados importantes acerca da abordagem de Gélio, ora comedida, ora árdua, beirando um comportamento cáustico, sobretudo, quando se trata de uma separação dos leitores “aptos” dos “inaptos”. Essa atitude desvela um componente do texto caro à nossa análise: a idealização da erudição. Quando o autor coloca seus termos no que seria o homem desprovido dessa ou daquela facúndia, também evidencia seu oposto, oposto esse no qual ele próprio se insere. O autor cria uma barreira ao que ataca mordazmente, estabelecendo um distanciamento a tudo isso, de modo que quem o lê pode identificá-lo como antagonico ao que é julgado por ele.

Essa imagem de orador delinear-se-á cada vez mais no decorrer das *N. A.*, seja pela exaltação do conhecimento, seja pela afirmação de que não seria comum que um erudito não tivesse saber acerca de causa de determinado assunto. Assim, cremos na construção de uma imagem do erudito, por tantas vezes que esse elemento aparece para reforçar a ideia de que existe essa figura e que quem nos esclarece sobre isso também é possuidor dessa “virtude”. Gélio se pronuncia assim sobre a vastidão cultural dos homens bem instruídos:

Então, desses, se por sorte, de vez em quando, houver tempo e prazer em conhecer essas pequenas elucubrações, pedido e concedido [isso], desejamos que, ao ler o que já fora conhecido anteriormente, não desprezem como examinado e conhecido. O que é que há na literatura, por exemplo, de tão remoto que muitos deles não conheçam? (*Gel. Noct. Att.*, pr. 14-15)⁶²

Novamente, em condições propícias à leitura, ou seja, quando longe das obrigações, o leitor chegaria às *N. A.* e se depararia com diversas discussões sobre inúmeras questões. Esses assuntos, segundo Gélio, obviamente seriam de conhecimento

⁶² Cf. *Ab his igitur, si cui forte nonnumquam tempus uoluptasque erit lucubrationibus istas cognoscere, petitem impetratumque uolumus, ut in legendo, quae pridem scierint, non aspernentur quasi nota inuulgatae. Nam ecquid tam remotum in litteris est, quin id tamen complusculi sciant?*

dos seus leitores, e ele não descarta essa possibilidade, mas já espera que aconteça. Isso, no entanto, não haveria de ser motivo para que se encerrasse a apreciação, já que a obra se dá justamente por argumentações acerca de ideias já debatidas. O que mais chama atenção no excerto em questão é a pergunta feita pelo autor: “O que é que há na literatura, por exemplo, de tão remoto que muitos deles não conheçam?”.

A questão levantada por Gélío nos ilustra a forma como percebia o conhecimento dos seus leitores aptos. Ele não se reporta aqui aos que não teriam noção, ainda que pequena, do que tencionava discutir em cada capítulo, mas àqueles que já tinham conhecimento de causa não só sobre este ou aquele assunto, e sim sobre praticamente tudo o que propusesse. O pedido feito dentro desses termos já admitidos seria apenas o de que, não por isso, se interrompesse a leitura em se tratando de assunto previamente visto.

O conhecimento dos interlocutores, reconhecidos pelo autor do texto, pressupondo também ele mesmo gozar desse bem, poderia, eventualmente, suscitar certas discordâncias em determinado ponto. Ora, as *N. A.* possuem 20 livros, 398 capítulos, dentre os quais a opinião do seu redator é inúmeras vezes exposta. Dessa forma, existe a possibilidade de que em dado momento houvesse uma ou outra objeção entre Gélío e seus leitores. Sobre isso, o erudito utilizou alguns argumentos para resguardar-se de investidas. Ele declara:

O que em verdade tiverem pensado haver de ser criticadas, a essas, se ousarem, que censurem de onde nós as acolhemos; mas então contra os textos que doutro modo em outro tenham lido, que não agora de imediato temerariamente gritem, mas que pesem tanto as razões dos fatos como as autoridades dos homens, as destes que eles seguiram, as de cada um que nós seguimos. (*Gel. Noct. Att.*, pr. 18)⁶³

Aqui presenciamos uma das estratégias argumentativas de Gélío. Conforme explicitaremos em nossa pesquisa, o autor em questão começa a apresentar mais uma de suas ferramentas na tessitura de seu discurso. Valendo-se de autores reconhecidos, o erudito convida para debate os seus destinatários, mas, de antemão, aciona seus salvaguardas. O número de vezes que isso acontece é amplo, sendo repetitivos os excertos que apresentam uma ideia mediada por outro autor. A partir daí, um dos

⁶³ Cf. *Quae uero putauerint reprehendenda, his, si audebunt, succenseant, unde ea nos accepimus; sed enim, quae aliter apud alium scripta legerint, ne iam statim temere obstrepant, sed et rationes rerum et auctoritates hominum pensitent, quos illi quosque nos secuti sumus.*

motivos da abundante quantidade de citações presentes no texto. Ao passo que temos um argumento, encontramos uma citação correspondente, outro parecer, outra citação. Apesar de nem sempre a discussão ser admitida como proveniente de Gélío, recorrentemente, assim que temos originada a ideia, esta assoma interposta pelo que outro autor havia afirmado anteriormente. Parece se tratar de uma questão procedimental. Assim, quando o redator diz: “pensarem em haver de ser criticadas”, já está, em certa medida, protegido de “ataques” aos seus argumentos por não chamá-los de tão seus assim.

Outros procedimentos são utilizados na composição do discurso ao longo das *N. A.* Essas ferramentas serão expostas no capítulo a seguir, destinado à investigação da construção do *ethos* do autor na obra. Assim como essa estruturação, o assunto acima exposto, acerca da referenciação, também será analisado.

3 A CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* NAS *NOCTES ATTICAE* A PARTIR DA IDEALIZAÇÃO DA ERUDIÇÃO

De maneira introdutória apresentaremos aqui um procedimento observado em nossa pesquisa para que nossa análise seja feita de maneira mais proveitosa. Para os excertos que serão examinados neste item, teremos em mente um dos métodos que cremos ser utilizado na construção do *ethos* retórico do autor. Gélio argumenta acerca de como é o ideal de “homem civilmente erudito”. Essa ideia é transmitida de maneira aberta, explicada e revisitada. Assim, percebemos o que está proposto como um “modelo de erudição”. Chamamos de retórico o *ethos* projetado pelo redator das *N. A.* porque esse é construído dentro de um contexto retórico, no qual o seu criador engendra uma imagem, uma *persona* discursiva dentro de moldes que julga como parâmetro para ser considerado um erudito. Como se submete a essa série de comportamentos mapeados por ele próprio, assim como possui os “pré-requisitos” imprescindíveis para que se considere como tal, pode ser compreendido como detentor dessa pressuposta erudição. O erudito cria um ideal de conhecimento, uma idealização da erudição.

Essas declarações, acerca da idealização presentes no texto, parecem-nos uma explicação de um arquétipo, sendo ele não somente exposto, mas criticado, construído e analisado, seja quando Gélio fala sobre um homem erudito, seja quando ele enaltece essa figura. Podemos conferir as exaltações quando o autor presta um elogio após mencionar o nome da sua referência em questão. Parece-nos razoável admitir haver uma manifesta admiração a esses autores citados, e que o redator das *N. A.* enxergou neles um modelo a ser seguido ou, ao menos, reverenciado. Com isso, chegamos ao segundo método de argumentação: a prática do que ele mesmo delimita, revisita e expressa como erudição.

Conforme veremos, o autor traça as linhas do que compreende como modelo de cidadão instruído e demonstra isso por meio de palavras. Sua jornada, a seguir, almeja vivenciar esse modelo de erudição que declara como exemplar. De forma direta, ele diz como é o ideal e demonstra como é ser esse ideal, à medida que se porta como esse arquétipo. Dessa forma, Gélio erige uma imagem discursiva que se harmoniza com seu padrão de cidadão erudito. Podemos dizer que, observado esse comportamento, entendemos que sua *persona* discursiva se comporta nas *N. A.* como uma espécie de personificação da erudição.

Compreendemos que todo esse “sistema”, está dentro de concepções advindas do parecer e idealização do próprio autor, e isso também poderia, mesmo dentro daquele próprio contexto, ser julgado como equivocado ou soberbo. No entanto, nos atentemos a um ponto significativo. Ao longo das *N. A.*, em momento nenhum, Gélío se autodeclara um erudito. Ao contrário, é assaz comedido, sobretudo quando disserta sobre grandes autores da literatura clássica, se pondo em lugar de analista de causa cauteloso e com modéstia.

A construção da imagem do erudito se dá dentro dos parâmetros expostos acima. Temos uma apresentação de princípios, comportamentos e saberes necessários à integração de uma pessoa ou outra, dentro de um grupo de homens devidamente instruídos. Alguns desses escrevem e discursam sobre determinado assunto que Gélío julga digno de memória trazendo para discussão. Sob as delimitações do que seria alguém culto, o autor se apresenta como alinhado às disposições conferidas por si e atestada na conduta da parcela de doutos ostentados por ele.

3.1 DOS ATAQUES À IMAGEM DO ORADOR

Principiamos nossa análise com um trecho das *N. A.* que tratam de um embate envolvendo os oradores Demóstenes e Hortênsio contra opositores que julgam seus modos. A questão central, compreendemos que não seja exatamente a acusação propriamente dita, mas os ecos desta no contexto discursivo, na cena de enunciação, nos termos de Maingueneau (2008), pois as queixas visam uma difamação que, por sua vez, se sucedem em premeditado desprestígio das personagens principais do excerto, tentando fazer pertinente seu discurso pelo rebaixamento do oponente. Analisemos os casos separadamente.

Demóstenes, segundo Gélío, no que diz respeito à suas vestimentas e demais aspectos, era cuidadoso, assim como um cultor do corpo, além disso, utilizava vestes elegantes e “moles túnicas”:

É tradição [dizer] ter sido Demóstenes, no vestuário e no resto, de nítido, encantador e demasiado acurado culto ao corpo. E daí para ele aqueles “elegantes mantos” e “moles túnicas” proferidos com opróbio por rivais e adversários; e daí também contra ele, que não foi poupado por torpes e

indignas palavras, ainda mais: seria dito como homem pequeno e de boca suja. (Gel. *Noct. Att.*, I, 5, 1)⁶⁴

A citação nos demonstra algumas informações relevantes para compreendermos a cena de enunciação (já que temos um discurso construído com intenção pretendida de tornar-se pertinente através de seus desdobramentos). As acusações que partem de alguém não identificado, mencionadas apenas as palavras, consistem em desqualificar Demóstenes pelas suas vestimentas e seu comportamento. Mais além, notamos uma acusação de natureza sexual, tendo em vista que o orador em questão é chamado de “homem pequeno” e “boca suja”. Não temos, no entanto, análise acerca de nada além das características e usadas como acusação. Conforme afirmamos, os ataques ficam somente no raso de ofensas que nada dizem sobre o discurso de Demóstenes. Ao menos, Gélio julga os vitupérios como “torpes e indignas palavras”. No presente caso, não temos trazida à tona a defesa do insultado.

Outra figura acusativa presente ainda no mesmo capítulo é Lúcio Torquato, por Gélio denominado como “homem de gênio subagreste e emburrado”, que ataca Quinto Hortênsio por conta de seus gestos que julgava inapropriados, comparando-o a uma dançarina da época, Dionísia. No entanto, recebe uma resposta contundente às ultrajantes investidas:

Mas quando L. Torquato, homem de gênio subagreste e emburrado, perguntado sobre a causa de Sula, [foi] grave e áspero junto do júri, já não mais de hístrião o disse (sobre Hortênsio), mas de gesticuladora e Dionísia, chamou pelo nome de pequena dançarina famosa (ou de má reputação). Então, Hortênsio, com voz mole e desprendida respondeu: “Dionísia. Dionísia, sobre o que me diz respeito, prefiro, a ser que ser como tu, Torquato: “ἄμουσος, ἀναφρόδιτος, ἀπροσδιόνυσος” (‘amuso’ – sem Musas, ausente delas –, ‘anafrodito’ – sem Afrodite –, aprosdioniso’ – sem Dioniso)”. (Gel. *Noct. Att.*, I, 5, 3)⁶⁵

A réplica de Quinto Hortênsio é muito precisa contra Lúcio Torquato. Assim como Gélio parecia já ter conhecimento, o orador em questão, naquele contexto,

⁶⁴ Tradução de Seabra Filho (2010, p. 40) com adaptações. Cf. *Demosthenen traditum est uestitu ceteroque cultu corporis nitido uenustoque nimisque accurato fuisse. Et hinc ei τὰ κομψὰ illa χλανίσκια et μαλακοὶ χιτωνίσκοι ab aemulis aduersariisque probro data, hinc etiam turpibus indignisque in eum uerbis non temperatum, quin parum uir et ore quoque polluto diceretur.*

⁶⁵ Cf. *Sed cum L. Torquatus, subagresti homo ingenio et infestiuo, grauius acerbisque apud consilium iudicum, cum de causa Sullae quaereretur, non iam histrionem eum esse diceret, sed gesticulariam Dionysiam que eum notissimae saltatriculae nomine appellaret, tum uoce molli atque demissa Hortensius 'Dionysia,' inquit 'Dionysia malo equidem esse quam quod tu, Torquate, ἄμουσος, ἀναφρόδιτος, ἀπροσδιόνυσος'.*

reconhecia também seu opositor sabendo de quem se tratava. Mais uma vez, as acusações contra os oradores foram no sentido de desqualificar quem eram e não propriamente o que era dito por eles, por sua vez, a resposta de Hortênsio está direcionada no sentido de, além de defender a si mesmo, evidenciar a falta de faculdades de toda ordem da parte de seu oponente.

Ao dizer que seu rival é oposto às divindades mencionadas, expõe a falta das qualidades provenientes dessas. Quando diz que se opõe às Musas, exhibe a falta de memória, ou mais precisamente a ausência do conhecimento que provém da capacidade de entender, em outras palavras, expõe o afastamento do adversário à iluminação advinda delas. Assim também seria com Afrodite, deusa do amor, fertilidade e beleza, o que parecia se defrontar com as qualidades grosseiras de Lúcio (“subagreste e emburrado”). Por fim, a oposição a Dioniso, deus do vinho, do teatro, das festas e da alegria, o que, para Hortênsio, sendo vistas como coisas boas, essas também estariam distantes de seu ofensor. Aparentemente, Gélcio julgou digno de memória o embate e deu espaço, no último caso, às palavras de um erudito, com as mesmas que finaliza o capítulo.

3.2 GÉLIO SOBRE OS GÊNEROS DISCURSIVOS E A IMAGEM DO ORADOR

O livro VI das *N. A.* apresenta um capítulo acerca dos “gêneros (ou formas) de linguagem”⁶⁶. O autor nos traz uma discussão acerca do gênero fecundo, simples e médio, os níveis estilísticos da eloquência (*genera dicendi*) (CITRONI, 2006, p. 243). Esses níveis ditariam o teor do discurso proferido: se de maneira mais veemente, comedida ou moderada. Encontramos o início desse debate no *Rhetorica ad Herennium*, de Marco Túlio Cícero, que estabelece uma categorização do gênero baseado na cisão entre discurso *docere*, simples; *delectare*, médio; e *flectere*, elevado (GONÇALVES, 2017, p. 38). O capítulo das *Noctes* em questão, no entanto, não dá detalhes sobre o que fora dito como discurso com as mencionadas características, mas ainda nos é caro

⁶⁶ Seabra Filho (2010, p. 257), comenta que, entre alguns significados, os termos apresentados ao longo do excerto podem ser compreendidos como “gênero” ou “forma de linguagem”. Utilizamos “gênero”, pois nos parece a melhor alternativa, visto que, ao longo de todo o capítulo, é justamente sobre assunto dessa mesma natureza.

informar por outro viés, acerca dos excessos e maus usos que poderiam ser feitos desses níveis estilísticos. Sobre isso, Gélíio afirma: “Cada gênero, conforme dissemos, quando casto e pudicamente ornado, torna-se ilustre, [mas] quando colorido e muito oleoso, torna-se enganoso” (Gel. *Noct. Att.*, VI, 14, 11)⁶⁷. Em outras palavras, ser comedido no uso desses recursos era necessário para que os discursos não se tornassem “enganosos”.

O uso inadequado dos níveis estilísticos de eloquência é mencionado por Gélíio. Segundo ele, alguns se valiam desses gêneros para aparentar discursos dignos de reconhecimento. O erudito afirma serem alguns modelos de como fazê-lo de maneira adequada, desde longínquos tempos, personagens da criação Homero, sobre os quais encontramos exemplo em Ulisses, com estilo fecundo, abundante; em Menelau, “sutil e coibido” (simples); e Nestor, com seu discurso “misto e moderado” (Gel. *Noct. Att.*, VI, 14, 7). Aqueles que se distanciavam do ideal de oratória defendidos pelo autor da *N. A.* eram aqueles que assomavam como divergentes das virtudes (os gêneros) e se apresentavam como possuidores de vícios (de linguagem), sendo eles “imitadores com simulacros falsos” (Gel. *Noct. Att.*, VI, 14, 4)⁶⁸.

A metalinguagem presente no supracitado texto é somada a tantos outros em que o orador discursa acerca das formas adequadas de se fazer o discurso, suas referências os atestam como forma de validação. Dado contexto trata de homens idealizados como figuras, seja de exemplo de comportamento, seja discursivamente. Aliás, essas características são inúmeras vezes alinhadas, já que o bom retórico tende a ser também pessoa de ilibada vivência. Essa ideia não é uma novidade conferida em Gélíio, mas já aparecia no *Institutio Oratoria*, conforme encontramos nas palavras de Quintiliano: “[...] pois somente um homem bom pode discursar bem.” (*Inst.* II, 15, 34). Isso será uma ideia recorrente nas *N. A.*, pois seu autor se apresenta como um cultor desse pensamento.

Acompanhando ainda essa linha estruturação das bases retóricas de Gélíio, está também a projeção do bem advinda do discurso. Essa exibição através da oratória foi proposta no *De oratore II*, de Cícero, para quem na escolha de pensamentos e palavras adequadas, seria possível forjar o caráter do orador e com esse cuidado tornar-se visivelmente bom:

⁶⁷ Cf. *Vnumquodque autem genus, ut diximus, cum caste pudiceque ornatur, fit illustrius, cum fucatur atque praelinitur, fit praestigiosum.*

⁶⁸ Cf. [...] *simulacris falsis ementiuntur.*

Realiza-se tanto por determinado julgamento e método oratórios, que se forja, por assim dizer, o caráter do orador; por meio de determinado tipo de pensamentos e determinado tipo de palavras, empregando-se ainda uma atuação branda e que expresse afabilidade, consegue-se que pareçamos homens honestos, de boa índole, bons. (*De or.* II, 184)

É possível percebermos as duas ideias, de Cícero e de Quintiliano, incorporadas no discurso de Gélcio, já que é também através dessas estratégias que o erudito constrói a sua imagem, com a finalidade de conquistar seu público: *ad benevolentiam conciliandam paratum* – preparada para cativar a benevolência (*Orat.* XXXVII, 128)⁶⁹. A projeção de si mesmo e de todas as boas qualidades que carrega consigo são amplamente demonstradas nas *N. A.*, seja em sua origem, instrução, ocupação ou círculo social, composto por homens igualmente bons e eruditos. A conservação desse status, no entanto, demandava uma série de cuidados e comportamentos que deveriam ser adotados para garantir que a imagem de homem bom não fosse eivada. Tratemos de questões concernentes a isso com a exposição do trecho a seguir.

Quinto Metelo Numídico, admirado por Gélcio, é citado diversas vezes nas *N. A.* No livro VII, é evocado pelo erudito por meio de uma exortação que faz aos homens instruídos e sábios. Para o político, não seria prudente a discussão contra homens ignóbeis, o próprio debate contra esses seria visto como inadequado:

Com homens manchadíssimos (de má reputação) não se deve vociferar, nem maldizer contra os indecentes e nem contra ímprobos disputar escaramuças, porque ocorre de se assemelhar e comparar a eles por tanto tempo que dizes coisas iguais e as ouve, não menos do discurso de Q. Metelo Numídico, homem sábio, se pode conhecer quanto dos livros e disciplinas dos filósofos. (*Gel. Noct. Att.*, VII, 11, 1)⁷⁰

Essa postura nos reporta ao que afirmamos anteriormente no presente capítulo. A erudição, e tudo o que suscitava, sejam as ciências, o prestígio social, todas as leituras e o ócio produtivo, sobretudo as discussões e embates, estavam restritos a um contexto em que apenas pessoas que possuíam condições de acessar essas valiosas informações estariam presentes. Para todo o restante, no entanto, esse círculo estaria fechado. A forma como Metelo Numídico instrui é pontual, não se discute com quem não está

⁶⁹ Tradução de Golçalves (2017, p. 190).

⁷⁰ Cf. *Cum inquinatissimis hominibus non esse conuicio descer tandum neque maledictis aduersum inpudentes et improbos uelitandum, quia tantisper similis et compar eorum fias, dum paria et consimilia dicas, atque audias, non minus ex oratione Q. Metelli Numidici, sapientis uiri, cognosci potest quam ex libris et disciplinis philosophorum.*

inserido nesse contexto. Ademais, vale lembrar o decoro próprio dos portadores dessa cultura e erudição: “não se deve disputar vociferar”. Seja na disputa, seja na elevação de voz, nada disso era enxergado por Gélío como adequado ao “homem civilmente erudito”.

Analisemos ainda mais palavras do político em questão, nas quais relega ao esquecimento seu opositor, Caio Mânlio, que na ocasião relatada por Gélío, criava incômodo a Metelo Numídico:

Estas são as palavras de Metelo contra C. Mânlio, tribuno da plebe, a quem junto do povo, em assembleia, foi provocado e perturbado por declarações petulantes: “Agora, acerca do que concerne a ele, Quirites, visto que a si se repete como meu inimigo, [ele] quem eu nem como amigo aceito, nem como inimigo considero, a ele eu não direi mais declarações. Quando, por exemplo, não só julgo indigníssimo que qualquer dos homens o bendiga, também não [julgo] adequado, certamente, que os probos o maldigam. Pois se mencionas, neste momento, esse homúnculo, o qual não podes punir, maior honra a ele infliges que afronta”. (Gel. *Noct. Att.*, VII, 11, 3)⁷¹

A estratégia inicial de Metelo Numídico foi criar afastamento de seu opositor, apresentando-o como tão distante que não poderia ser comparado a um inimigo, muito menos como amigo. Esse comportamento já é uma tentativa de destruir qualquer vínculo que fosse, já que o político (Metelo) desejava era que Caio Mânlio estivesse desassociado à sua imagem. A preocupação com a própria imagem é um ponto a ser observado aqui, pois ela é quem aparece aos que recebem esse discurso, logo, a imagem do orador deve se manter preservada, ligada apenas àqueles de bom comportamento, bem polidos, o que, ao menos, parece não reconhecer em Mânlio. Gélío foi um dos que entrou em contato com esse discurso. Ele próprio é alguém que vê um ideal de comportamento e boa oratória a partir do que discursa nesse contexto.

O plano encetado por Metelo, ao criar afastamento a Caio, segue no sentido de apresentar seu opositor como indigno de memória. Esse intento deve ser alcançado com a suspensão da opinião, e mais, das próprias palavras sobre essa pessoa, para quem, segundo o orador que discursa, deveria ser deixado ao esquecimento, já que criar

⁷¹ Cf. *Verba haec sunt Metelli aduersus C. Manlium tribunum plebis, a quo apud populum in contione lacessitus iactatusque fuerat dictis petulantibus: 'Nunc quod ad illum attinet, Quirites, quoniam se amplioem putat esse, si se mihi inimicum dictitarit, quem ego mihi neque amicum recipio neque inimicum respicio, in eum ego non sum plura dicturus. Nam cum indignissimum arbitror, cui a uiris bonis benedicatur, tum ne idoneum quidem, cui a probis maledicatur. Nam si in eo tempore huiusmodi homunculum nomines, in quo punire non possis, maiore honore quam contumelia adficias'.*

ofensas acerca de si seriam de “maior honra” que relegá-lo ao desaparecimento em sua pequenez.

Mais uma vez, retomamos o contexto do plano da cena de enunciação. Uma assembleia assiste a autodefesa de Metelo Numídico às acusações feitas por Caio Mânlio, que esquematiza sua apologia primeiramente se afastando de seu opositor e, posteriormente, mostrando que esse nem mesmo deveria ser mencionado, por se tratar de um “homúnculo”. Esse discurso circula em um meio restrito de cidadãos. O orador, o retórico, o erudito, dadas essas características, possivelmente enxergadas como vantajosas, conforme Gélio afirma: “sapiente varão”, se sentia diferente de um homem de má reputação, ou mesmo “indecente” e “ímprobo”, logo, separado deste. Isso nos informa algo além. O político não estava afastado somente de Caio, mas também de qualquer um que não estivesse à altura. Qualquer que não fosse um homem de ilibada reputação não estaria devidamente enquadrado. A erudição e a loquacidade não estariam de acordo com todos que se apresentassem ali. As recomendações são diretas: “não se deve vociferar, nem maldizer contra os indecentes e nem contra ímprobos disputar escaramuças” (Gel. *Noct. Att.*, VII, 11, 1). Ademais, conforme fizera a seu adversário – nem sequer admitido como digno de tal –, coloca-o em esquecimento. Tudo isso se dá como um ensinamento aos leitores de Gélio e admiradores de Metelo. Assim, é ensinado como os civilmente eruditos devem se comportar diante de homens de menores.

Encontramos aí mais pistas acerca da leitura sobre a figura do orador, assim como está projetado o *ethos* construído a partir de uma retórica advinda de um erudito. Os bem instruídos, dentro dessa concepção adotada pelo autor das *N. A.* como uma espécie de manual da erudição, devem portar-se de maneira austera e comedida, não cedendo às baixarias que provinham de uma discussão e irrefletida. Pouco pensado também seria o embate com aqueles que nada teriam a acrescentar, seja pela equiparação a esses, seja pela falta de decoro que isso poderia gerar. Dentro desses termos, homens intruídos debatem apenas com homens bem instruídos.

Ainda dentro da mesma temática, a investigação que iniciaremos agora tem como orador um jovem, sobre o qual Antônio Juliano, citado por Gélio, analisa em parte o discurso, em parte a imagem do enunciador, em outras palavras o seu *ethos*. O contexto do caso apresentado no excerto se dá em uma saída de Roma a Nápoles.

A fim de livrar-se do calor, o retor (Juliano), retirando-se de uma cidade a outra, chega a um local em que há um jovem rico aprendendo sobre a “faculdade da eloquência latina”, em outras palavras, instruía-se em retórica, com intuito de “exercer causas romanas” (Gel. *Noct. Att.*, IX, 15, 1-4)⁷².

Gélio nos informa ainda que o jovem rico, cujo nome não é mencionado, percebendo Antônio Juliano no local, pede que escute sua declamação e delibere. Assim, o faz. No decorrer do discurso, no entanto, precisamente no início, já é percebido que é de tom arrogante e exaltado para além do que convinha à idade de seu orador. Alguns estavam acompanhando o retor (Juliano), na ocasião, entre os quais o próprio redator das *N. A.* Um dos que o seguia, ouvira atônito o presunçoso discurso, mas mesmo assim, seguindo o pedido de que se expusessem os comentários, propõe ao rapaz uma questão controversa, se tratando de uma questão resultante em aporia: “do gênero nomeado pelos gregos *ἄπορον* (aporia), em latim, sem muita inconveniência, dito *inexplicabile* (inexplicável)” (Gel. *Noct. Att.*, IX, 15, 5-6). A controvérsia apresentada era a seguinte:

Esta controvérsia foi deste modo: ‘Sobre o réu sete juízes reconhecem, a sentença foi estabelecida e maior número deles deliberou. Como reconhecem os sete juízes, dois consideraram o réu punição por exílio; outros dois, [punição] por dinheiro (multa); os três restantes, pena capital. Requisitado para suplício por causa da sentença dos três juízes, e [ele] se opõe’. (Gel. *Noct. Att.*, IX, 15, 7-8)⁷³

Se tratando de uma questão em aporia, proposta com a finalidade de não encerrar-se, dado o caráter natural do caso, um dos seguidores de Antônio Juliano espera que, não definindo um desfecho, ao menos que se deliberasse de maneira refletida e ponderada sobre o capítulo envolvendo o dificultoso parecer à demanda. Sabemos que a consideração de dois dos juízes opta pela restituição à falta – essa que não é explicada no excerto –, outros dois julgam pelo exílio, mas os demais destoam das primeiras, decidem pela pena capital – possivelmente, pena de morte –. Observemos que há dois extremos vistos, mas podemos compreender como dois grupos, nos quais quatro juízes não são favoráveis à morte, o contrário dos três restantes. Assim, ainda

⁷² Cf. *exercens ad causas Romae*.

⁷³ Cf. *Ea controuersia fuit huiusmodi: 'De reo septem iudices cognoscant, eaque sententia sit rata, quam plures ex eo numero dixerint. Cum septem iudices cognouissent, duo censuerunt reum exsilio multandum, duo alii pecunia, tres reliqui capite puniendum. Petitur ad supplicium ex sententia trium iudicum et contradicit'*.

que a pena capital, no rigor fosse o que se deve seguir, o julgamento favorável a manter-se o réu vivo apresenta um maior número de componentes.

Todo esse embate, no entendimento de um dos seguidores de Antônio Juliano, assim como para ele próprio, deveria suscitar uma reflexão mais profunda que o tratamento que o jovem dará ao caso, conforme nos informa Gélío:

Ouvida ela (a controvérsia/ a contestação), não foi investigada, nem esperado que se propusesse mais. Então, imediatamente, desta forma, ele inicia, com surpreendente rapidez, a dizer princípios que não conheço e invólucros de frases e palavras, volumes (de livros) e de vozes (falas), e incitando todos os outros de sua coorte que habitualmente o ouviam, exulta grande clamor, a Juliano, porém, mal, miseramente enrubescido e suando. Mas assim que balbuciadas muitas milhares de linhas de versos, em algum momento, ele conclui e saímos daquele lugar. Os amigos e familiares dele, tendo seguido Juliano, perguntaram o que considerava do discurso. E então Juliano, bem humorado diz: ‘Não desejem saber o que é que eu acho. Esse jovem é eloquente sem contestação.’ (Gel. Noct. Att., IX, 15, 9-11)⁷⁴

Conforme observamos, o esperado não aconteceu. O jovem sobre o qual disserta o autor não tem um comportamento apreciado por Juliano. No entanto, os que cercavam o orador pareciam aprovar as palavras ditas por ele de forma irrefletida, sem se incomodar com o que era proferido. Não entendemos, porém, que os acompanhantes de Antônio Juliano estavam certos ao julgar a fala do loquaz como desmedida, atestamos apenas o que deliberam sobre. O que nos parece razoável considerar é a almejada ponderação do mestre em retórica, ou seja: havia aquilo tudo de ser compreendido de que forma? As palavras dele são determinantes para concluir o assunto.

Gélío, antes de apresentar as palavras finais do capítulo, dá pistas do desconforto que havia sido para Juliano ouvir o discurso do orador: “Juliano porém mal e miseramente enrubescendo e suando”. A resposta do mestre é de interessante construção argumentativa, pois carrega um jogo de palavras. Quando diz: “Não desejem saber o que é que eu acho. Esse jovem é eloquente sem contestação”, a palavra contestação se encontra no texto original das *N. A.* como *controuersia*, traduzida como “controvérsia”,

⁷⁴ Cf. *Hac ille audita nec considerata neque aliis, ut proponerentur, expectatis incipit statim mira celeritate in eandem hanc controuersiam principia nescio quae dicere et inuolucra sensuum uerborumque uolumina uocumque turbas fundere ceteris omnibus ex cohorte eius, qui audire eum soliti erant, clamore magno exsultantibus, Iuliano autem male ac misere rubente et sudante. Sed ubi deblateratis uersuum multis milibus finem aliquando fecit egressique inde sumus, amici familiaresque eius Iulianum prosecuti, quidnam existimaret, percontati sunt. Atque ibi Iulianus festiuissime: 'nolite quaerere,' inquit 'quid sentiam; adulescens hic sine controuersia disertus est'.*

“contradição” ou “contestação”. Somada à *sine*, naturalmente poderia significar “sem controvérsia”, ou seja, sem dúvidas que o discurso teria sido ilustre. No entanto, o jogo de palavras “*sine controuersia*” o pode resultar em uma mudança de sentido do enunciado, tornando-se possível dizer “sem que haja contraditor” (SEABRA FILHO, 2010, p. 328). Dessa forma, poderia ser compreendido como “Não desejem saber o que é que eu acho. Esse jovem é eloquente sem que haja contestador”, ou seja, não haveria nem da parte dos que exultavam o rapaz, nem de sua própria parte qualquer que fosse o parecer, já que o mestre em retórica julgou tão raso o problemático o discurso que preferiu suspender seus comentários sobre o que foi deliberado.

A posição adotada por Antônio Juliano está alinhada com outra, já apresentada ao longo das investigações deste capítulo de nossa dissertação. Quinto Metelo Numídico fora implacável em afirmar que com os ignóbeis e reles não se dava à discussão, ainda mais, deixava-os ao esquecimento suspendendo-se a conversa, já que prestar-lhes memória, ainda que fosse como homens de pouca significância, seria maior honraria para eles que esquecê-los (Gel. *Noct. Att.*, VII, 11, 3). Dessa forma, Aulo Gélío agrega mais um argumento a favor da projeção de um comportamento próprio daqueles que são bem instruídos e não se permitem entrar em discussão aqueles que não gozam de mesmo bem intelectual. Acreditamos que esse elemento assoma como mais um dos que compõem a figura do cidadão erudito, detentor de conhecimento pretensamente vasto e ciente dos contextos onde valeria a pena demonstrá-los. Conforme observado, tanto Metelo quanto Juliano julgaram o diálogo com seus concorrentes (não admitidos por si) como improdutivo, dada a insuficiência daqueles que nem sequer teriam condições de se tornarem seus adversários.

Quanto à imagem da *persona* discursiva do jovem rico, assim como o que se evidencia a partir de seu comportamento, encontramos algumas referências em Aristóteles que nos auxiliam na compreensão da afirmação de Gélío sobre o rapaz. Analisando a paixão com que profere seu discurso, seu pouco ou nenhum comedimento está previsto na *Retórica*, pois o Aristóteles afirma que isso seria próprio do comportamento dos mais jovens, que pela falta de maturidade cedem aos excessos e buscam a vitória, porque a superioridade é almejada pelos mais novos, e ser vitorioso constituiria uma determinada superioridade (*Ret.*, II, 1389a).

Ao concluir sua fala, o jovem recebe “grande clamor” de seus simpatizantes, o que coroa seu discurso de acordo com o que pretendia. Aparentemente, o centro da crítica apresentada por Gélío não está voltado somente para o fato de o rapaz apresentar um discurso incauto e pouco comedido, afinal, realmente existia a possibilidade de isso acontecer, já que se tratava de uma pessoa com pouca idade. No entanto, o que nos chama atenção é o fato de a forma como se pronunciou ter sido “mais arrogante e exaltadamente do que convinha à sua idade”, e isso é dito no início da primeira fala do orador. Aparentemente, o tom do enunciado não é revisto na segunda sentença.

As palavras do orador não são expressas no texto de Gélío. Encontramos a crítica ao seu discurso, mas não temos anotado o que foi proferido, talvez, por não se julgar digno de anotação, mas não por real impossibilidade, já que, em seguida, as considerações de Antônio Juliano são registradas. Assim, acreditamos que maior incômodo quanto ao jovem se deu não pela demonstração dos traços próprios da juventude, mas por assumir um comportamento que proviria de alguém cuja maturidade desse condições exercer, o que não era o caso, dada a experiência que essa faixa etária traria consigo. Sobre a aparência que se obtinha utilizando o *pathos* advindo de um jovem ou de um idoso, Aristóteles assim se pronuncia:

Tais são, pois, os caracteres dos jovens e dos velhos, por conseguinte, como todos aceitamos favoravelmente discursos, que são conformes ao carácter de cada um e dos que nos são semelhantes, não é difícil descortinar como é que as pessoas se podem servir destes discursos para, tanto nós, como as nossas palavras, assumirem tal aparência. (*Ret.*, II, 1390a)

Aristóteles enxerga a utilização dessas “aparências” como uma forma de aproximação aos ouvintes do discurso. Construindo um *pathos* que encontra correspondência emotiva: “a forma como o orador se apresenta e dá a entender as suas disposições aos ouvintes, de modo a fazer que, da parte destes, também haja um determinado estado de espírito em relação ao orador” (*Ret.*, I, 1377b). Em parte, o apelo do jovem rico foi sim aceito pelos que o escutavam, no entanto, a utilização da demonstração de um *pathos* incompatível com sua idade encontrou resistência por parte de outros.

Recordemos que Aristóteles declara que utilização de um discurso que busca a criação de uma confiança não poderia observar somente um caráter que se pressupõe algo acerca do orador antes que a fala fosse concretizada, mas esse enunciado é quem

geraria a adesão dos ouvintes (*Ret.*, I, 1377b). Dentro desses termos, ao menos não nos é informado uma ideia preconcebida acerca do jovem rico, mas a reflexão é encetada a partir do momento em que se dá a cena de enunciação. Além disso, a utilização das emoções de maneira exacerbada, o que parece ter sido o caso observado, em prejuízo do *logos*, mencionado como “[...] a dizer princípios que não conheço e invólucros de frases e palavras [...]” (*Gel. Noct. Att.*, IX, 15, 9)⁷⁵ é alvo de crítica na *Retórica*. Segundo Júnior (2005, p. 33): “A crítica que Aristóteles fez aos teorizadores de retórica parece-nos ter assentado nas seguintes razões: [...] na de terem dado especial atenção ao estímulo das emoções, com negligência evidente do uso da argumentação lógica [...]”. Assim, a falha detectada no enunciado parece se justificar teoricamente em vários níveis, assim, apresenta alguma pertinência, ao menos se considerarmos o texto do filósofo.

A imagem que tratamos acima, acreditamos ser a *persona* discursiva do jovem rico, em outras palavras, seu *ethos*. De maneira direta, o *pathos* se constrói no apelo oratório que o rapaz faz à emoção do público, em um nível acalorado e incauto, e em outro, pretensamente entendido como uma tentativa de parecer maduro, segundo Gélío. Acerca do *logos*, no excerto em questão, no entanto, não podemos deliberar além do que já fizemos, pois não somos informados de mais detalhes.

Gélío nos convida à leitura de um excerto acerca de um homem idoso reconhecido em seu tempo que, em determinada ocasião, na tentativa de demonstrar sua erudição, se valeu de palavras demasiado antigas em seu discurso, tão antigas que os presentes nem sequer compreenderam o que dissera, ainda que estivesse falando na língua dos ouvintes. As palavras em questão foram *apluda* e *flocces*. Segundo nos informa o redator da *N. A.*, essas palavras foram outrora encontradas pelo senhor de quem fala no texto, em material de seu acesso, em que camponeses antigos se referiram à primeira palavra como “farelo de trigo” e à segunda palavra como os sedimentos provenientes do vinho, as borras. O idoso afirma ter encontrado tais palavras na *Astraba*, de Plauto, e em os *Polumeni*, de Cecílio, respectivamente. A frase alvo de desentendimento é a seguinte: “este cavaleiro romano come *apluda* e bebe *flocces*”. (*Gel. Noct. Att.*, XI, 7, 3).⁷⁶

⁷⁵ Cf. [...] *inuolucra sensuum uerborumque uolumina uocumque turbas* [...].

⁷⁶ Cf. *'eques Romanus apludam edit et flocces bibit'*.

Ora, apresentar palavras antigas e fundamentadas em textos canônicos não seria algo, à primeira vista, de bom tom para Aulo Gélíio? Aparentemente, não, pois Gélíio parece entender que a erudição proveniente de discursos tais quais esses geram não a compreensão e o esclarecimento, mas a confusão (Gel. *Noct. Att.*, XI, 7, 1-2). Assim, notamos um limite que o erudito deveria respeitar, quando pouco inteligível, o orador chegava a essa barreira demarcava o que, ao ultrapassar, já se tornava pedante e desnecessário.

É intrigante que essa delimitação é traçada justamente por Aulo Gélíio, que parece julgar o que poderia ser de muito préstimo a si mesmo. Estabelecer o que é o limiar entre a “boa” erudição e a erudição reles ou “tardia erudição”⁷⁷ (Gel. *Noct. Att.*, XI, 7, 3), pedante e improdutiva faz com que o discurso se apresente de maneira cômoda no momento em que profere suas próprias falas. O erudito se mostra demasiadamente resistente à utilização das palavras em desuso, e da mesma forma faz com palavras de origem não longínqua. Dessa forma, traça um contorno ao redor do que seria razoável ser dito de forma a enquadrar-se no seu esquema, assim como seu oposto. Ele diz:

Por palavras muito obsoletas e repisadas ou pelas insolentes e de novidade dura utilizar-se parece ser delicto igualmente rude. Mas, verdadeiramente incômodo e culpado julgo ser [usar] as palavras novas, desconhecidas, inauditas, que [dizer] as divulgadas e sórdidas. (Gel. *Noct. Att.*, XI, 7, 1-2)⁷⁸

Tendo nossa crítica sido apresentada, sigamos em nossa investigação rumo àquela que entendemos como uma das maiores controvérsias encontradas por nós no discurso de Aulo Gélíio, ao longo das *N. A.* Ainda sobre o mesmo capítulo em que o autor se mostra opositor daquilo que julga muito antigo, mas também do que é muito novo, continuamos nossa leitura acerca dos casos em que o erudito elenca eventos para ilustrar seu ponto de vista, mas é pontualmente nesse mesmo capítulo que ele comete um deslize ao fazer uso de uma palavra que não era de comum uso em seu contexto, já que fora ele próprio quem a inventou. Nosso próximo item expõe acerca desse episódio.

⁷⁷ Cf. *serae eruditionis*.

⁷⁸ Cf. *Verbis uti aut nimis obsoletis exculcatisque aut insolenti bus nouitatisque durae et inlepidae par esse delictum uidetur. Sed molestius equidem culpatiusque esse arbitror uerba noua, incognita, inaudita dicere quam inuulgata et sordentia. Noua autem uideri dico etiam ea, quae sunt inusitata et desita, tametsi sunt uetusta.*

3.3 SOBRE UMA “FISSURA” NO DISCURSO DAS *NOCTES ATTICAE*

O excerto citado no item anterior, sobre a crítica às palavras demasiado antigas e outras por serem de uma novidade que as tornava estranhas e desconhecidas, nos reporta agora a um ponto específico do trecho, que trará à tona uma discussão imprescindível à análise do discurso do erudito. Investiguemos o episódio.

Gélio afirma que uma pessoa, cujo nome não se menciona, dada pouca instrução que possuía, é adjetivada nas *N. A.*, como *apirocalus* (Gel. *Noct. Att.*, XI, 7, 7). Essa construção encontra sua origem no grego, com a junção dos termos *ἄπιρο* (*apiro-*, conforme o latim), sem fogo, e a palavra *καλός* (*-calus*, conforme o latim), belo (SEABRA FILHO, 2010, p. 381). Assim, a atribuição segue no sentido de caracterizar alguém que não fora aperfeiçoado pelo fogo, deixando de ter os retoques necessários para entender-se como belo.

Eis uma das maiores contradições no discurso de Gélio. Tamanha é a contingência em que ocorre a acusação aos usuários de palavras compreendidas como antigas, bem como as entendidas como novas, dentro do mesmo capítulo em que Gélio cria um neologismo, que parece ter sido infantil ou proposital a colocação. Poderíamos afirmar pela intencional tentativa do autor criar um chiste posicionando a si mesmo como controverso, sendo mordaz em sua crítica e, logo à frente, sendo ele próprio alvo de suas acusações. Temos algumas possibilidades.

Dada a natureza de tantos discursos proferidos no decorrer das *N. A.*, ou seja, comumente presentes afirmações fundamentadas e argumentadas com algum compromisso de criar concordância com o que diz, Gélio não aparenta exatamente o erudito que quer ser pego em falha tão elementar. Se acompanharmos o teor dos textos que até agora investigamos nesta dissertação, o tom jocoso certamente não é próprio de tantos excertos assim. Entretanto, não devemos nos esquecer que a obra em questão não é um tratado que pretende encerrar questões vistas e revisitadas, mas, segundo o próprio autor, trazer questões a fim de debatê-las, além de se estabelecer em um clima de leitura produtiva e descompromissada.

Destarte, podemos adotar dois posicionamentos sobre o texto em questão, já que as intenções reais de Gélio são inacessíveis a nós, por uma questão tanto literária

(porque não se pergunta a intenção de autor) e também temporal, sendo impossível a resposta ao questionamento. No primeiro caso, podemos deliberar que o redator do excerto manteve a seriedade outrora acompanhada em suas críticas e, de fato, cometeu uma falha ao utilizar de maneira infeliz, no excerto em que julgava o uso de palavras desconhecidas, seja por serem ou demais novas ou por demais velhas, justamente o objeto de seu ataque. Se assumirmos que essa é a nossa posição, Gélío seria, portanto, nesse contexto, formulador de controversa retórica e incoerente orador, pois não fora sequer capaz de esconder em seu discurso o que ele mesmo rejeita.

Outra possibilidade de compreensão seria entendermos Gélío, nesse excerto, como orador de gracejosa retórica, fazendo ele mesmo um divertimento de espirituosa natureza no mencionado excerto, já que, tantas vezes detentor de cuidadosos discursos, comedidos sempre no limite de não se apequenar, comumente demonstrando propriedade discursiva, não haveria de despropositadamente colocar um neologismo em seu texto sabendo que isso poderia causar hilariante efeito. Sendo este ou aquele o verdadeiro caso, não teremos talvez oportuna ocasião para encerrarmos a discussão. Teria o autor, apesar de munido de tantos artifícios discursivos, tantas estratégias e argumentações, sido ele próprio o causador de sua derrota nessa cena de enunciação? Teria sido esse somente um chiste das *N. A.*? Se sim, possivelmente, Aulo Gélío logrou êxito.

3.4 SOBRE A DEFESA DA RETÓRICA CLÁSSICA E O CARÁTER DOCUMENTAL DAS *NOCTES ATTICAE*

Sobre o excerto acima, temos possibilidades diversas de compreensão. O próximo texto, no entanto, não apresenta dubiedade. Trataremos agora de um trecho da obra em que Aulo Gélío cria um embate acalorado contra Sêneca, a quem perceberemos, não aprazia ao erudito que estamos estudando nesta dissertação.

Em dados momentos, conferimos Gélío sendo elogioso a alguns que cita ao longo de seu texto, mas o mesmo não se pode dizer de Sêneca, que parece ter despertado a cólera do erudito, ao falar sobre Marco Cícero e Quinto Ênio:

Sobre Aneu Sêneca, em parte, estimam como escritor minimamente útil, cujos livros nenhum vale o preço do trabalho (não valem a leitura), que seu discurso seria de vulgaridades e banalidades, e os casos e as sentenças ou como sendo ineptas e de vazio ímpeto ou com leve e sugestivo sofisma, além disso, sendo a erudição baixa, plebeia e de quem nada tem das antigas escrituras, nem graça, nem dignidade. Outros, é verdade, ao menos não negam às palavras existir defesa, mas das coisas que ele diz, a ciência e a doutrina, dizem estar faltando, e no defeito das morais, severidade e dignidade. De mim, sobre todo seu engenho, não é necessário fazer julgamento e censura; mas sobre o que diz de M. Cícero, Q. Ênio e P. Virgílio consideraremos. (Gel. *Noct. Att.*, XII, 2, 1-2)⁷⁹

Antes de adentrarmos propriamente na discussão sobre o que havia dito Sêneca acerca das personagens em questão, observemos a forma impetuosa com que Gélío se projeta contra o filósofo. Apesar disso, o erudito alega não serem dele mesmo as palavras que reproduz, já que afirma *existimant*, indeterminando os agentes, ou seja, “estimam” ou “alguém estima”, criando, inicialmente, certo afastamento da questão. Dito isso, à primeira vista, o autor poderia apenas mencionar que fora proferido por alguém tais palavras, mas o decorrer do excerto traz tantos ataques a Sêneca que passamos a entender que não se trata de uma menção apenas, mas de um caso de real descontentamento de sua parte. Mais um detalhe importante que é alvo dos argumentos de terceiros elencados no texto é a investida que se faz à erudição do oponente, caracterizada como “baixa” e “plebeia”. Em seguida, cessam-se as tentativas contra a pessoa do filósofo e chegamos à discussão propriamente dita.

Gélío encontra as críticas feitas pelo filósofo nas *Epístolas morais a Lucílio*⁸⁰, um conjunto de cartas presentes em 20 livros, dos quais o livro XXII, referenciado aqui pelo redator, se perdeu com o passar do tempo, não chegando a nós (SEABRA FILHO, 2010, p. 403). Quinto Ênio, dedicando alguns versos a Cetego, encontra crítica da parte de Sêneca que afirma as seguintes palavras: “Admiro-me dos eloquentíssimos homens e dedicados a Ênio por ótimas palavras terem louvado palavras ridículas. Cícero,

⁷⁹ Cf. *De Annaeo Seneca partim existimant ut de scriptore minime utili, cuius libros adtingere nullum pretium operae sit, quod oratio eius uulgaria uideatur et protrita, res atque sententiae aut inepto inanique impetu sint aut leui et caudiciali argutia, eruditio autem uernacula et plebeia nihilque ex ueterum scriptis habens neque gratiae neque dignitatis. Alii uero elegantiae quidem in uerbis parum esse non infitias eunt, sed et rerum, quas dicat, scientiam doctrinamque ei non deesse dicunt et in uitiis morum obiurgandis seueritatem grauitatemque non inuenustam. Mihi de omni eius ingenio deque omni scripto iudicium censuramque facere non necessum est; sed quod de M. Cicerone et Q. Ennio et P. Vergilio iudicauit, ea res cuiusmodi sit, ad considerandum ponemus.*

⁸⁰ *Epistulae morales ad Lucilium.*

certamente, entre os seus bons versos leva esses” (Gel. *Noct. Att.*, XII, 2, 4)⁸¹. Ao se deparar com essas ponderações, que não se encerram por aí, o erudito parece achar inadmissível a crítica que julga infundada. Não possuímos o texto em questão para avaliar as bases que justificam essas críticas do filósofo.

Seguindo a leitura, encontramos outros ataques de Sêneca feitos ao retor, agora ainda mais contundentes: “Não me admiro, disse, que existisse quem escrevesse estes versos, quando existisse quem os louvasse; a menos que, talvez, Cícero, o sumo orador, estivesse conduzindo (defendendo) causa sua e desejasse que seus versos aparentassem bons.” (Gel. *Noct. Att.*, XII, 2, 5)⁸². Agora, além de não apresentar as reais motivações da crítica a Ênio, assim como a Cícero, Sêneca se indis põe com a própria pessoa do orador, colocando em pé de igualdade, dada a defesa prestada pelo orador, um alegado texto de baixa qualidade da parte dele também. Por fim, parece ter, de fato, detectado um uso de palavras repreendidas chamadas por ele de *enianas* e assim afirma: “como Menelau, o lacedemônio, foi de qualidade suave loquente (*suauiloquens*), [...] e que em outro lugar disse: ‘a breveloquência no dizer cultive’.” (Gel. *Noct. Att.*, XII, 2, 7)⁸³. Esse texto faz referência aos os níveis estilísticos de eloquência, no qual o próprio Menelau fora citado por Gélío como “sutil” e “coibido” (Gel. *Noct. Att.*, VI, 14, 7)⁸⁴.

Sêneca apresenta sua principal acusação contra Cícero. Essa crítica está fundamentada na utilização de palavras provenientes de seu contexto. Tal cenário advém de um momento em que o orador em questão precisava fazer uso dessas palavras, já que seriam provenientes da influência de Ênio sobre Cícero, todas essas colocações feitas a partir de Sêneca. Sobre isso, Gélío toma partido de forma descontente:

E então o homem tolo perdoa os erros de Cícero e diz: ‘esta falha não foi de Cícero, mas de seu tempo; era necessário se dizer assim, como era lido. Então, escreve que Cícero colocou as próprias palavras a fim de fugir da infâmia de um discurso lascivo e brilhoso’. (Gel. *Noct. Att.*, XII, 2, 8-9)⁸⁵

⁸¹ Cf. *'Admiror eloquentissimos uiros et deditos Ennio pro optimis ridicula laudasse. Cicero certe inter bonos eius uersus et hos refert'*.

⁸² Cf. *'Non miror' inquit 'fuisse, qui hos uersus scriberet, cum fuerit, qui laudaret; nisi forte Cicero summus orator agebat causam suam et uolebat suos uersus uideri bonos'*.

⁸³ Cf. *'ut Menelao Laconi quaedam fuit suauiloquens iucunditas', [...] et quod alio in loco dixerit: 'breuiloquentiam in dicendo colat'*.

⁸⁴ Cf. *[...] subtile in Menelao et cohibitum [...]*.

⁸⁵ Cf. *Atque ibi homo nugator Ciceronis errores deprecatur et 'non fuit' inquit 'Ciceronis hoc uitium, sed temporis; necesse erat haec dici, cum illa legerentur.' Deinde adscribit Ciceronem haec ipsa inter posuisse ad effugiendam infamiam nimis lasciuae orationis et nitidae.*

Gélio compreende que os argumentos de Sêneca são de fundamentação duvidosa e equivocada. O que parece criar ainda mais incômodo é a forma como o filósofo se exime da responsabilidade de assumir a si mesmo contra Cícero, evocando uma reflexão que tira parcialmente a culpa de um compreendido inadequado uso das palavras, o imputando ao passado, assim como o uso propriamente dessas formas. A *breuiloquentiam* e a *suauiloquens*, termos conferidos no texto em questão, parecem não divergir de uma proposta de construção de alguns vocábulos nas *N. A.*, conforme observamos no neologismo *apirocalus*, cunhado pelo autor no sétimo capítulo do livro XI, logo, encontrar indisposição da parte do erudito quanto a isso seria possível.

Outro seguimento da crítica de Sêneca se apresenta, além da afinidade que Gélio estabelece com uso “criativo” das palavras, na sua contemplação aos clássicos, característica de sua erudição arcaizante, na qual não é incomum a exaltação do cânone, assim como a rememoração desses por parte de suas extensas citações. Mantendo essa mesma estratégia referencialista, o autor, de maneira astuciosa, procura encerrar as questões acerca do debate com algumas palavras:

Certamente, digno pareceria à leitura dos jovens, [ele] que comparou a honra e a cor dos discursos antigos aos leitos de Sotérico, evidentemente, como se [tivesse] a mínima graça e [eles estivessem] abandonados e desconsiderados. Porém, ouvirás recontadas e referidas poucas [palavras] que o mesmo Sêneca bem declarou, aquela que ao homem avarento, ávido e sedento por dinheiro disse: ‘Que na verdade importa quanto tens? Muito mais é aquilo que não tens’. Não o disse bem? Sensatamente bem; mas à índole dos jovens não ajuda tanto quão bendita são [as palavras], quanto corrompem as péssimas, se muito e tanto mais são as muitas que deterioram [...]. (Gel. *Noct. Att.*, XII, 2, 12-14)⁸⁶

Aparentemente, Gélio entende que Sêneca era admirado por muitos jovens, que seriam os únicos a quem conseguiria satisfazer com seus textos. No entanto, levanta uma série de críticas que tocam a falta do devido respeito que deveria ser prestado pelo filósofo ao cânone, mas que fora deixada de lado, segundo o erudito, quando diz “ele que teria comparado a honra e a cor do antigo discurso aos leitos de Sotérico”, tornando

⁸⁶ Cf. *Dignus sane Seneca uideatur lectione ac studio adulescentium, qui honorem coloremque ueteris orationis Soterici lectis compararit quasi minimae scilicet gratiae et relictis iam contemptisque. Audias tamen commemorari ac referrī pauca quaedam, quae idem ipse Seneca bene dixerit, quale est illud, quod in hominem auarum et auidum et pecuniae sitientem dixit: 'Quid enim refert, quantum habeas? multo illud plus est, quod non habes.' Benene hoc? sane bene; sed adulescentium indolem non tam iuuant, quae bene dicta sunt, quam inficiunt, quae pessime, multoque tanto magis, si et plura sunt, quae deteriora sunt [...].*

pequeno o que seria de muito valor. Contesta, entretanto, se as alegadas poucas coisas consideráveis deixadas pelo filósofo seriam o suficiente para contrabalancear o tanto de coisas ruins que escrevera. A questão é levantada com o auxílio das próprias palavras do filósofo: “Que, na verdade, importa quanto tens? Muito mais é aquilo que não tens”.

Fomos apresentados na investigação acima a mais uma das características que compreendemos como componente da elaboração no *ethos* retórico do erudito. Em nossa exposição, essa faceta se deu em dois níveis: um, argumentativo, outro, procedimental. No primeiro caso, Gélío se comporta como um bastião da cultura clássica, defensor do cânone e respeitoso a uma retórica mais antiga, compreendida como fundamental para a construção da sua própria. O segundo caso, no que diz respeito ao caráter procedimental, ele é, em parte, argumentativo, já que se dá em um contexto discursivo, então ele está somado às altercações, mas entendemos como procedimento porque se trata de vastas citações que o erudito faz de outros textos. Muitas vezes, esses textos nos assomam como pequenos lumes que dão um vislumbre do que poderia ser a obra completa de uma citação feita pelo redator das *N. A.* No caso apresentado acima, ainda que em grande embate contra Sêneca, o autor ainda assim, menciona, cita, problematiza e reacende uma discussão que não seria possível se não fosse retomada por ele, sobretudo, no contexto atual, em que essa, sendo apenas uma de tantas, está perdida em um passado, apenas rememorado nas páginas de outra obra.

Eis o caráter documental das *N. A.*, servindo nesse sentido como um suporte de conservação de textos do cânone literário latino e também grego. Essa faceta do texto está intimamente ligada à defesa da tradição, ao saudosismo que Gélío estabelece com a cultura clássica. Enxergando seus ideais em homens contemporâneos (Favorino e Antônio Juliano, por exemplo) e nos mais antigos (Homero e Cícero, por exemplo), Gélío projeta a si mesmo como resultante de uma construção que possui um pouco de cada um deles, anotando, dissertando e registrando os textos que agora nos chegam. Cremos esse apego ao tradicional também integrar o *ethos* do erudito, assomar como uma indumentária à qual seu portador pode a qualquer momento evidenciar para somar a seu todo discursivo, elencando elementos de toda ciência para justificar isso ou aquilo feita em um excerto de qualquer sorte.

3.5 SOBRE UMA QUESTÃO DIALÉTICA E UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DO *ETHOS* DE ERUDIÇÃO DE AULO GÉLIO NAS *NOCTES ATTICAE*

Iniciamos aquele que será o último dos elementos apresentados acerca da construção da imagem da erudição de Aulo Gélio. Para tanto, adentremos em uma questão dialética presente nas *N. A.*.

O segundo capítulo do livro XVI das *N. A.*, exhibe uma conjuntura cuja origem da questão não é mencionada pelo autor. O episódio diz respeito a um problema dialético. Gélio afirma que alguns falam se tratar de uma “lei da arte dialética”⁸⁷ quando se responde somente o que fora perguntado, não mais nem menos, apenas “sim” ou “não”, sendo próprio dos indoutos responderem o que está para além do questionado. Segundo ele, essa regra deve ser respeitada, a fim de que não se excedam as conversações para além do que é necessário, pois, quando não atendido o princípio, as conversas podem se tornar intermináveis (Gel. *Noct. Att.*, XVI, 2, 1-2).

Apesar disso, devemos considerar algumas armadilhas discursivas que podem ser originadas a partir de “artimanhas” para colocar em apuros a pessoa questionada, se ela, de maneira irrefletida, responder apenas com “sim” ou “não”. Assim, quando questionado: “Pergunto, para que respondas: Cessaste em cometer adultério ou não?” (Gel. *Noct. Att.*, XVI, 2, 4)⁸⁸. Ora, qualquer resposta que se dê pode gerar problemas para quem a responde, já que, poderia ser respondido que “sim”, logo, o adultério teria sido praticado; já no segundo caso, com resposta negativa, chegamos à conclusão de que a pessoa questionada, ainda está em prática de adultério.

Sobre essa armadilha, questiona Gélio, como ficariam os defensores da “lei da arte dialética” em que só se deve responder o que é questionado, em outras palavras, somente com “sim” ou “não”? Em outra situação, poderia também ser questionado o seguinte: “Seja o que for que tenhas perdido, tens ou não tens [essa coisa]? Pergunto se ‘sim’ ou ‘não’.” (Gel. *Noct. Att.*, XVI, 2, 9)⁸⁹. A resposta dessa pergunta gera um

⁸⁷ Cf. *Legem esse aiunt disciplinae dialecticae.*

⁸⁸ Cf. *'Postulo, uti respondeas, desinerisne facere adulterium an non'.*

⁸⁹ Cf. *Quicquid non perdidisti, habeasne an non habeas, postulo ut aias aut neges.*

Adotamos uma tradução que apresenta mais fácil compreensão da ideia central da questão. A tradução que respeitaria os termos conforme a edição crítica nos permite seria: “O que não perdeste, tens ou não tens, sim ou não”. No entanto, essa construção não resulta em exitosa “armadilha” no discurso, já que

problema, se for atendido o mencionado princípio dialético (do “sim” e do “não”). O autor nos coloca essa questão, a fim de demonstrar como nem sempre a lei experimentada é capaz de englobar todas as perguntas possíveis. Dessa forma, é sugerido como réplica: “Seja o que for que eu tenha, eu o tenho, caso não o tenha perdido”. (Gel. *Noct. Att.*, XVI, 2, 11)⁹⁰.

Apesar de engenhosa construção, parece que encontramos uma solução para o problema apresentado no confronto dessa “lei da arte dialética”. Conseguimos enxergar que o que Gélío expõe ao começo de texto tinha uma finalidade de colocar sob reflexão quem por acaso levasse às últimas consequências e regra apresentada. O autor fecha mais um de seus capítulos de questionamentos da linguagem com a seguinte frase: “Mas desse modo ocorre a partir dessa lei a qual dissemos; quer dizer, quando perguntado, será respondido a mais [que o questionado]. E por causa disso, adiciona-se a essa lei que não se responda a interrogações enganosas (sofismas).” (Gel. *Noct. Att.*, XVI, 2, 12-13).⁹¹

O presente capítulo é bem ilustrativo quanto às questões de linguagem que Gélío costuma trazer para discussão. Na demonstração de um dos jogos que podem ser feitos com a língua, o autor expõe uma “armadilha dialética” que poderá surgir em uma discussão. O texto não fica apenas na exposição da questão, mas procura resolver a proposição. Atentar-se para a resolução do problema parece estar alinhado com a proposta de alguém que se preocupa com isso, tantas vezes exibindo o seu domínio da linguagem, seja em criando um neologismo, dizendo como é adequado se portar ou discutindo sobre esses assuntos. Assim, o erudito apresenta mais uma parte desse conjunto. Tudo isso compõe uma imagem e um discurso que, por sua vez, engendra um *ethos*.

Não é por acaso que Gélío se ocupa de todas essas discussões e se porta como um representante da erudição ávido pelo conhecimento, pelo cotejo, pela investigação das causas e documentação desses saberes que faz questão de mostrar de forma bem

aquilo que não foi perdido ainda é de acesso de seu portado, logo, a resposta seria “sim” e o “jogo” se findaria. Ao adotarmos a tradução com a omissão, aí sim, a resposta se torna contraditória, sendo ela positiva ou negativa, já que não é possível ter aquilo que se perdeu, ainda que em algum momento tivesse sido da posse de quem teve.

⁹⁰ Cf. *'Quicquid habui, id habeo, si id non peridi'*.

⁹¹ Cf. *Sed huiuscemodi responsio non fit ex ea lege, quam diximus; plus enim, quam quod rogatus est, respondet. Et propterea id quoque ad eam legem addi solet non esse captiosis interrogationibus respondendum.*

fundamentada. Compreendemos que todos esses elementos apresentados no segundo capítulo desta dissertação manifestam-se como apanágios retóricos do erudito. Esses atributos delineiam a *persona* discursiva de Aulo Gélío.

Elencaremos aqui esses procedimentos e características conferidas por nós ao longo da leitura das *N. A.*:

- 1) Domínio de conhecimentos de diversas ordens: saber sobre muitos assuntos era imprescindível;
- 2) Silêncio prestado aos que não correspondiam ao conhecimento mínimo necessário à discussão, em outras palavras, não se entra em disputa com rudes;
- 3) Exaltação da qualidade de suas referências;
- 4) Exibição de modéstia;
- 5) Ostentar boa arte retórica: compreenda-se também tudo o que poderia ser suscitado por esse conhecimento, sejam os jogos de linguagem, “as leis da arte dialética”, ou mesmo a própria história da língua (grega e latina), discussões etimológicas e todo o aparato discursivo proveniente dessa construção como erudito;
- 6) Estudioso e defensor da cultura clássica;
- 7) Omissão de erro: em momento nenhum a figura do erudito presente nas *N. A.* parece admitir qualquer espécie de engano ou deslize, sempre mantendo-se firme;
- 8) *Auctoritas*: compreendemos que se dá em muitos níveis, mais especificamente pela figura do erudito se tratar de alguém recorrentemente abastada em seu capital financeiro, mas, sobretudo, em seu “capital intelectual”;
- 9) Bilinguismo.⁹²

Acreditamos que essa série de elementos compõe o arcabouço discursivo do erudito. Interessante percebermos que esse discurso não se dá somente de maneira declarada. Ainda que exista uma crítica da parte de Aristóteles ao julgamento feito apenas a uma parte do discurso, nesse caso, ao *ethos*, é isso parece ser recorrente. Rememoremos o excerto sobre os ataques feitos a Demóstenes, cujo discurso sequer fora ouvido, ou Quinto Hortênsio, cujo “gesto histriônico” foi alvo de críticas. Essa

⁹² Apresentaremos mais essa característica do discurso de Gélío no item 3. 6, acerca do bilinguismo e a erudição.

noção, discursiva se mostra real ao longo das investigações feitas nas *N. A.*, não da parte de seu autor, de quem não detectamos essa prática, mas de alguns sobre os quais disserta, como por exemplo, Lúcio Torquato.

Tratando mais precisamente o *ethos* de Aulo Gélío, podemos dizer que essa construção discursiva que tratamos neste capítulo não se dá de maneira despropositada. O autor estabelece de maneira acurada uma série de procedimentos que de tanto instruem nesse sentido, se recortados apenas os excertos acerca da erudição⁹³, quanto demonstram na prática como é ser um erudito. O próprio redator está ali como retrato de uma ilustração fidedigna do ideal da erudição. O intuito de tamanho esforço pode ser justificado assim: “Mas é mais provável que faça seu orador refletir a prática estabelecida, não apenas para fazer seu discurso uma apresentação ordenada por si só, mas também como uma manifestação de seu *ethos* como um cidadão bem-educado” (HABINEK, 2005, p. 41-42)⁹⁴. Neste momento, tencionamos estabelecer a relação do que é dito com a imagem que é gerada a partir daí.

Quando Gélío discursa de maneira a exibir traços de sua erudição, manifesta seu *ethos* de “cidadão bem-educado”, nas palavras de Habinek (2005). Essa manifestação tem como características as qualidades que a atestam, seja em seu comportamento, em seus conhecimentos, na modulação de seu discurso e em tudo mais que compõe esse *ethos*. Aparentemente, o erudito engendra um projeto de idealização ao qual ele, por fim, se torna o ideal planejado.

A respeito de sua retórica, podemos dizer que o erudito, desde o prefácio já vinha modulando esse projeto. Uma retórica cautelosa, mas informativa. Em outras palavras, de um *pathos* equilibrado e sóbrio, ao passo que demonstra domínio tudo o que se propõe tratar (filosofia, literatura, gramática...); um *logos* desenvolvido nos moldes de uma argumentação que examina, compara, revisita e destrincha assuntos de toda ordem; e, por fim, um *ethos* proveniente desse todo discursivo, no qual Gélío assoma como a personificação do que engendra. Tratamos aqui, em outras palavras, do *ethos* do erudito, considerando toda a sua origem extensa construção retórica.

⁹³ Conforme fizemos em nosso mapeamento apresentado no primeiro capítulo.

⁹⁴ Cf. *But it is more likely that he has his speaker reflect established practice, not only to give his speech an orderly presentation for its own sake, but also as a manifestation of his ethos as a well-to-do educated citizen.*

Percebemos uma demonstração de hegemonia do conhecimento quando nos damos conta de que Gélío é alguém que tinha tempo ocioso para ler e escrever, que concilia esse momento nos intervalos que cuida dos bens familiares e, sobretudo, que foi alguém que teve acesso a uma educação própria de um aristocrata. Sua obra exhibe um número considerável de situações em que outros “varões civilmente eruditos” se colocam em um contexto tal que só encontraria acesso aquele que também tivesse instrução parecida.

Compreendemos que o desenvolvimento dessa retórica de erudição não se dá ao acaso. É possível assumir que esse discurso do conhecimento poderia apresentar suas motivações políticas, já que as discussões originadas desse contexto só seriam de real compreensão aos bem instruídos. Ora, isso se dera com a filosofia, no texto de Gélío, com a gramática, com a etimologia, com os estudos sobre retórica e história, logo, as questões advindas da civilidade também não se tornariam parte componente do que abarcava o conhecimento dos retores? Sobre isso, afirma Habinek:

“É claro que o potencial da retórica para alterar o mundo é precisamente o que leva à sua proliferação. Os filósofos tentarão domar o poder do ofício subjugando-o ou baseando-o em seu próprio conhecimento abrangente e fundamental (autoproclamado). Mas essa tática – empregada de forma mais agressiva na *Retórica* de Aristóteles – fala mais ao desejo do filósofo de permanecer funcional dentro da antiga cidade-estado do que a qualquer compromisso profundo com o empreendimento retórico”. (HABINEK, 2005, p. 43)⁹⁵

Talvez, não tal qual o intento dos filósofos de controle político tenha sido tencionado, no entanto, é razoável afirmar que o discurso de autoridade e posse do conhecimento apresentado por Gélío diminui e coloca em condições de inferioridade aqueles que não o detém. Cremos não poder perder de vista as implicações políticas de uma retórica que expõe um tanto de *ethé* de “varões bem-nascidos”, detentores de poder capital e que afunilam quem seria digno de suas respostas quando indagados por alguém. Esse acreditamos ser o modelo de erudição apresentado nas *N. A.*, mas não se distancia do modelo do juiz, já que o próprio Gélío também exercera essa função; podemos encontrar esse modelo no orador; também o filósofo, conforme o texto

⁹⁵ Cf. *Of course, rhetoric’s potential to alter the world is precisely what prompts its proliferation. Philosophers will try to tame the power of the craft by subjugating it to or basing it on their own (selfproclaimed) comprehensive and foundational knowledge. But this tactic – deployed most aggressively in Aristotle’s Rhetoric – speaks more to the philosopher’s desire to remain functional within the ancient city-state than to any deep commitment to the rhetorical enterprise.*

supracitado demonstra; e outras figuras representantes do poder. Discutindo sobre importante orador romano, Habinek diz:

Além disso, apesar de parecer compartilhar da preferência platônica pela estabilidade e suspeita da democracia, Cícero, mais do que qualquer outro escritor antigo, defende a abrangência, na verdade a suficiência, do conhecimento retórico. Ele afirma exatamente o que Sócrates nega, a saber, que o orador é, de fato, mestre de tudo o que ele fornece, que seu ofício abrange o ofício até mesmo da filosofia. Então, se os manuais de retórica não se enquadram em categorias políticas nítidas, ao parece claro que o trabalho que eles fazem nunca é apolítico. Falar, escrever e ensinar sobre a linguagem do Estado não pode deixar de ter implicações políticas, antes ou agora. (HABINEK, 2005, p. 47)⁹⁶

A tentativa de distanciar o sistema retórico da política, nas palavras de Habinek (2005) parece tarefa dificultosa, dada a abrangência que esses estudos fatalmente encaminhavam o orador. Cícero, mencionado acima, parece a favor de que a retórica abarcaria inclusive a filosofia. Entendemos que o mesmo está evidenciado nas *N. A.*, em que o discurso se dá através de uma retórica de erudição, ao qual se legitima pela autoridade gerada a partir de um *ethos* que se mostra capaz de dizer o que diz por se tratar de alguém em condições de dizer.

Compreendemos que as *N. A.* são apenas um capítulo dentro de um vasto e antigo sistema de controle do conhecimento – por extensão, do poder. Discursos são proferidos e demarcam espaços na obra, delinham lugares, seja em uma viagem ao território ático para aprender filosofia, literatura ou instruir-se em retórica. Esses meios não são povoados por qualquer pessoa, mas por homens que já possuem o poder e qualificam sua prole para continuar com esse bem nas mãos. A retórica, nesse contexto, se apresenta como fundamental para a manutenção dessa herança cultural que se perpetua gradativamente. Assim:

A retórica era o pináculo da educação antiga. Enquanto alguns estudantes realizaram estudos avançados em filosofia ou matemática ao lado ou no lugar da retórica, a maioria dos estudantes ambiciosos completou sua educação formal com treinamento em retórica. O estudo retórico era, com efeito, o último de um processo educacional de três etapas, que conduzia o estudante desde o estudo elementar de leitura, escrita e aritmética, passando por um

⁹⁶ Cf. *What is more, for all that he seems to share the Platonic preference for stability and suspicion of democracy, Cicero, more than any other ancient writer, makes the case for the comprehensiveness, indeed the sufficiency, of rhetorical knowledge. He asserts exactly what Socrates denies, namely that the orator is in effect máster of all he purveys, that his craft encompasses the craft even of philosophy. If the rhetorical handbooks, then, do not fall into neat political categories, nonetheless it seems clear that the work they do is never apolitical. Talking, writing, and teaching about the language of the state cannot help having political implications, then or now.*

trabalho intensivo de interpretação literária na escola do *grammaticus*, até o treinamento com professores de retórica conhecidos como *rhetores* e *sophistai*. Cada etapa da educação era progressivamente mais exclusiva, com alunos selecionados com base em talento, recursos familiares e gênero: meninas, não importa quão talentosas ou abastadas, nunca iam para a escola do retórico. Além disso, cada estágio levava o aluno literal e figurativamente para mais longe de casa. A educação elementar estava disponível mesmo nas aldeias rurais, o treinamento literário menos, e a retórica não. Para a maioria dos estudantes, a frequência à escola de retórica implicava uma estadia prolongada em um dos poucos grandes centros urbanos, como Roma, Atenas, Alexandria, Antioquia ou Pérgamo. (HABINEK, 2005, p. 61)⁹⁷

Assim está estruturada a educação no contexto de Gélío – séc. II d.C –, pois assim que distante de sua origem inicia um processo de engrandecimento intelectual. O grupo de pessoas que tinha como fazer o mesmo era restrito, concluir todas as etapas, até a chegada aos mestres de retórica demandava recursos que apenas abastados como o erudito em questão poderiam conseguir. Observemos que essa restrição de instrução era também sexual, já que às meninas era vetada, ainda que aptas aos estudos avançados.

Dessa forma, nos deparamos com todas as condições favoráveis a tantos discursos de centralização do conhecimento, que era restrito e realmente inacessível a quem não possuísse capital financeiro. Habinek (2005) é preciso na explicação do cenário educacional de Roma. Tendo suas considerações em mente relembremos as palavras de Gélío, em seu prefácio: “é certamente pelo menos indecoroso o varão civilmente instruído não tê-las ouvido alguma vez nem tê-las alcançado” (*Gel. Noct. Att.*, pr. 13). De fato, com contato desde muito cedo estabelecido com as ciências necessárias para o trânsito em sociedade como “varão civilmente instruído”, seria realmente desconcertante circular em um meio em que esses conhecimentos fossem elementares e um ou outro não soubesse.

⁹⁷ Cf. *Rhetoric was the pinnacle of ancient education. While some students undertook advanced studies in philosophy or mathematics alongside or in place of rhetoric, the majority of ambitious students completed their formal education with training in rhetoric. Rhetorical study was in effect the last of a three-stage educational process, one that led the student from elementary study of reading, writing, and arithmetic, through intensive work in literary interpretation at the school of the grammaticus, and on to training with teachers of rhetoric known variously as rhetores and sophistai. Each stage of education was progressively more exclusive, with students winnowed on the basis of talent, family resources, and gender: girls, no matter how gifted or well-off, never proceeded to the school of the rhetorician. In addition, each stage took the student literally and figuratively farther from home. Elementary education was available even in rural villages, literary training less so, and rhetoric not at all. For most students, attendance at rhetoric school entailed an extended stay in one of a handful of great urban centers, such as Rome, Athens, Alexandria, Antioch, or Pergamum.*

No entanto, acreditamos que todo esse cerco não se volta contra os próprios eruditos, pois, desde que estejam inseridos nesse contexto, não deixam de estar, mas o sistema educacional de Roma, apresentado por Habinek (2005) que cria uma barreira e monopólio do conhecimento faz com que não haja intuito a partir de um homem instruído estabelecer qualquer que seja o diálogo acerca de questões que excedem o indispensável e reais. Pensando dessa forma, quando encontramos menção a alguém de menor instrução se dirigindo a um erudito, a reação de Metelo Numídico não soa estranha, mas reforça ecos dessa estrutura social: “Com os mais abjetos homens não se deve disputar em gritaria, nem em maldições contra os impudentes e ímprobos travar escaramuças, pois que semelhante e igual a eles te tornes por tanto tempo quanto iguais coisas e inteiramente semelhantes digas e ouças [...]” (Gel. *Noct. Att.*, VII, 11, 1). Gélio não parece discordar desse posicionamento.

3.6 BILINGUISTO E ERUDIÇÃO COMO COMPONENTES DISCURSIVOS

O presente subtópico retoma a discussão desenvolvida no capítulo II sobre o tratamento uma das características do *ethos* de erudição de Aulo Gélío nas *N. A.* A particularidade que motiva o desenvolvimento desta discussão, é a frequência de excertos que apresentam discussões baseadas em abordagens bilíngues. O nosso recorte de texto toma como objeto de análise os capítulos destinados tanto à linguagem, quanto os que dissertam sobre assuntos de natureza distinta. O que nos serve de filtragem para essa escolha é presença de conteúdos em um ambiente de comunicação bilíngue.

A discussão, acima proposta, demanda a exposição de alguns conceitos oriundos da sociolinguística, são eles: bilinguismo, bilinguagem e indivíduo bilíngue. Nesta análise tomamos como base a conceito de bilinguismo proposto por Savedra (2009), que o define como:

a situação em que coexistem duas línguas como meio de comunicação num determinado espaço social, ou seja, um estado situacionalmente compartimentalizado de uso de duas línguas. (p. 127)

Assim, nos é cara a observação apontada por Savedra (2009) quanto à espacialidade e situação em que ocorre o fenômeno por nós investigado. Encontramos, portanto, compatibilidade na definição da autora ao analisar a produção do texto das *N. A.* Seu autor faz de sua escrita um meio de transmissão da cultura grega e latina, se utilizando tanto de uma língua quanto da outra, nos excertos redigidos. Cremos que isso caracteriza o supracitado “estado situacionalmente compartimentalizado de uso de duas línguas”, conforme veremos nos recortes selecionados para este item da dissertação.

Alinhada à definição de bilinguismo proposta por Savedra (2009) temos como base também a de bilinguagem elaborada por Salgado (2008), em sua tese intitulada *Medidas de Bilinguagem: uma proposta*, para quem: “Quando o bilinguismo “entra nas atividades do homem” estamos falando de **bilinguagem**” (p. 27) e “bilinguagem diz respeito aos diferentes estágios⁹⁸ de bilinguismo, pelos quais os indivíduos, portadores da condição de bilíngues, passam na sua trajetória de vida.” (SALGADO, 2008, p. 27). Dessa forma, podemos dizer que, ao adotar uma abordagem bilíngue em suas *N. A.*, Aulo Gélío se enquadra como um indivíduo ao qual o bilinguismo se torna parte da vida, o que resulta em bilinguagem, característica verificável em seu texto.

⁹⁸ Segundo a autora, compreenda-se aqui “estágios” como momentos ou fases, e não como níveis.

Segundo o que sabemos de si, tal processo foi marcado de maneira muito pontual, pois se ausentou para a Ática, destinado a aprender a cultura grega e, dessa forma, passou a por momentos de inserções no grego que o acompanharam em sua trajetória pela escrita. Por esse motivo, compreendemos o presente autor como um indivíduo bilíngue e estamos apoiados, para tal colocação, nas palavras de Salgado e Dias (2010, p. 2) que definem como bilíngue aquele que “pode utilizar, em algum nível, mais de uma língua”. Isso reforça mais uma das características próprias da erudição idealizadas por Gélio. Dentro desse contexto, encontramos mais um dos itens componentes da indumentária da imagem que o erudito se propõe construir. Dentro de um contexto histórico, haverá necessidade de portar-se como um homem instruído em língua grega. Essa construção remonta a momentos que antecedem o surgimento das *N. A.* e é sobre esse contexto que exporemos a seguir.

3.7 O BILINGUISMO NO MUNDO ANTIGO

O bilinguismo no mundo antigo é um fenômeno comum. Os documentos que o atestam as ocorrências estão em maior quantidade entre os gregos e latinos, pois ambas as civilizações tiveram um contato profundo com a escrita e leitura, além do mais, assomam na história como potências mundiais em diversos campos. Inserida em um período expansionista, Roma teve como parte de sua realidade o bilinguismo que fora motivado, em parte, pela mobilidade militar, assim como pelas relações comerciais entre povos distintos, pela escravidão e gerenciamento dos territórios, que tornaram o Império Romano uma gigantesca efervescência de línguas, entres as quais estava o grego, havendo também outras como o púnico, líbio, etrusco, gaulês, hebraico e aramaico (ADAMS, 2004, p. 1).

É importante para a compreensão do bilinguismo na antiguidade saber o papel que eventualmente poderia exercer nos contextos sociais. No militarismo, por exemplo, segundo nos informa Adams (2004, p. 20), aqueles que lideravam tropas romanas (não necessariamente romanos de nascimento), deveriam ser falantes de latim, além de terem o conhecimento da língua materna⁹⁹. Isso nos leva a perceber uma das extensões que o fenômeno do bilinguismo pode apresentar dentro do contexto romano, que é a sua relação com o prestígio social e honra (MCNELIS, 2002, p. 71).

⁹⁹ O termo “língua materna” (“mother tongue”) foi usado dessa forma a fim de manter a tradução tal qual o autor propõe.

Existem outros exemplos de uma função do bilinguismo no mundo antigo, que também ilustram como esse comportamento poderia marcar espaços e diferenciar em posições sociais os cidadãos. Notemos que o fenômeno não está restrito ao contexto específico do idioma latino. As inscrições em epítáfios judaicos, por exemplo, em que havia a palavra *shalom*, por vezes, eram escritas em uma transliteração para o grego da seguinte forma: *σάλωμ*. Uma possível motivação para o uso do alfabeto helênico é a de aparentar para os que lessem a inscrição que ali se fazia presente alguém pertencente a um contexto vinculado à “alta cultura”, tendo em vista um possível pertencimento a uma comunidade bilíngue (ADAMS, 2004, p. 22-23).

Uma posição dentro do contexto social poderia ser alcançada ou endossada pela demonstração de uso (ou a falta dele) de uma segunda língua, entretanto, não é o único possível resultado da prática. A seletividade de leitores dos textos em latim é um motivo que levaria um escritor a eleger essa língua e não outra. Excertos latinos poderiam restringir o número de pessoas que teriam acesso à informação. Documentos oficiais bilíngues redigidos em latim poderiam ser apresentados como forma de demarcação de supremacia do Império Romano, como os que eram apresentados em território grego com a presença romana (ADAMS, 2004, p. 32).

A questão acima é, sem dúvida, um dos elementos mais importantes no estudo do bilinguismo no período antigo, pois as relações de poder definem o que era, por exemplo, um bilinguismo de “elite” e de “sub-elite”, nas palavras de Adams (2004, p. 9). Quando se trata do contato entre o grego e o latim, temos a relação entre a considerada alta cultura (grega) e a cultura em ascensão, ambas próprias de grandes potências do período. Não é de se estranhar que as demais línguas fossem compreendidas como bárbaras, tanto para os conquistadores romanos, quanto para os conquistados gregos. Aqueles que não tivessem o conhecimento de alguma dessas línguas estavam renegados à margem social e cultural impostas.

A língua grega alcançou *status* que contribuiu para que, mesmo entre os romanos, a estratificação social fosse ainda mais afunilada. Era comum entre as famílias abastadas que os filhos estivessem em contato com o grego desde a juventude. Isso se dá no caso de Aulo Gélío, que está inserido no grupo de abastados que tornou-se bilíngue por opção (diferindo-se daqueles de classes mais baixas que, por consequência de suas atividades, tinham contato com outros idiomas), que são os chamados “bilíngues seletos”, nas palavras de Adams (2004, p. 9).

A apreciação “cega” da cultura e, por conseguinte, da língua grega não foi a única tônica no contato entre o Lácio e a Grécia. Os gregos, no período do Império Romano, apesar de portadores de uma cultura mais antiga que a romana, estavam na posição de conquistados, e é possível que isso tenha originado uma espécie de resistência por parte de alguns romanos em se conformarem com a abertura à língua grega. Portanto, ao contrário do que possa parecer, a inserção da cultura grega não foi uma fato isento de renitências. Na visão oposta ao descerramento por completo no contato cultural, a helenização era um processo incoerente e de desnecessária submissão. Ora, às vistas dos antagonistas à receptividade poderia não haver sentido em incorporar para si o objeto de comunicação daqueles que em posição de conquistados. Outro fator que também gerou problemas nessa contiguidade cultural foi o fato de os próprios romanos terem ciência da dita alta cultura grega, o que acabou despertando um sentimento de ressentida subalternidade. Assim:

O grego, a língua da alta cultura em olhos romanos, provocou um senso de inferioridade cultural e em alguns deles uma conseqüente agressão linguística, particularmente visto que Roma estabeleceu o controle político no mundo grego. Por um lado, os romanos educados aspiravam a ser fluentes em grego, mas, por outro lado, isso poderia ser visto por alguns como humilhante para o estado romano se o grego era aceito em uma ocasião pública. (ADAMS, 2004, p. 10-11)¹⁰⁰

A questão da superioridade cultural acima citada não é injustificada. Um dos indícios da erudição grega, quando comparada à latina, segundo nos informa Cardoso (2003, p. 8), esteve já na tradução do poema épico *Odisseia*, que ao ser transcrito ao latim teve que se adequar a um verso que não era próprio dos épicos gregos (hexâmetro datílico) utilizando o satúrnio, que se diferia demais se comparado ao verso de origem. Além disso, a tradução passou por grandes problemas de adequação vocabular, pois o latim poderia ter sido visto como mais rudimentar que o grego. Tais situações corroboravam para a admissão da superioridade grega sobre os latinos, o que foi acentuado pelo tanto de empréstimos que o latim fez do grego até a chegada do período clássico. Com isso, não tomamos partido de superioridade de qualquer uma das línguas, nem entendemos o empréstimo como um indício de inferioridade, até porque, como foi

¹⁰⁰ Cf. *Greek, the language of high culture in Roman eyes, elicited in Romans a sense of cultural inferiority and in some of them a consequent linguistic aggression, particularly as Rome established political control in the Greek world. On the one hand the educated Roman aspired to be fluent in Greek, but on the other hand it might be seen by some as humiliating to the Roman state if Greek was accepted on a public occasion.*

mencionado anteriormente, o empréstimo entre ambas, apesar de assimétrico, era recíproco (FORTES e FREITAS, 2015). Esses sentimentos de inferioridade ou superioridade cultural sobre os gregos apresentado pelos romanos, se processavam junto surgimento do poema épico *Eneida*, escrito entre 29 a. C. e 19 a. C. por Virgílio. Na ideia da concepção do poema, o intento foi o de não somente equiparar-se aos gregos culturalmente, atribuindo aos romanos um mito de fundação no qual eram possuidores de estirpe divina, como também superá-los pela *aemulatio* (emulação).

Essas relações de poder expostas acima foram motivadas por questões culturais, como a literária, por exemplo. Quando os romanos tomaram os gregos como colonizados, possuíam uma cultura proveniente de antigo contato cultural do Lácio, uma literatura, uma língua, que lhes era funcional. Entretanto, aumentar os horizontes territoriais e, por consequência, culturais, pareceu uma demanda no processo expansionista. O fato é que a repressão colonizadora já havia sido feita por parte dos gregos (evidentemente praticada pelos romanos também), pois a não comunicação na língua helênica resultava na atribuição de bárbaro.

Outra situação particular envolve a inserção do grego na cultura romana. Quando afirmamos o contato cultural entre o grego helenístico e as pessoas de camadas sociais mais baixas, estamos nos referindo ao grego falado, em outras palavras, ao grego *koiné* do período romano. Entretanto, o grego clássico não é o grego ao qual, em língua falada, teve acesso o povo menos abastado. Ou seja, não é possível afirmar categoricamente uma unidade do idioma em questão, pois a fala e escrita estão em patamares diferentes, no que concerne a acessibilidade ao povo de maneira geral.

Esse contato bilíngue entre gregos e romanos se processa nas *N. A.* e apresenta um importante documento acerca da visão que o erudito tem do fenômeno. O autor da obra exhibe perícia ao dissertar sobre o que se propõe e, eventualmente, recorre aos textos gregos para elucidar os casos, o que pode ser utilizado como uma ferramenta retórica para fundamentar suas colocações, já que seus referenciais idealizados povoam não só sua imaginação de modelos de erudição, mas, em algum grau, a de seus leitores. Significativas também são suas possíveis motivações para o uso de tal recurso.

Como vimos, a circulação de textos em latim não tinha a finalidade primeira de chegar às camadas mais populares, pelo contrário, quando usado em contextos em que o latim era menos utilizado, podia ser entendido como uma espécie de imposição de ou uma declaração de superioridade. Nas palavras de Adams (2004, p. 34): “O latim é incluído como a língua associada a um poder imperial, e transmite a romanização do

homem”.¹⁰¹ Assim, Aulo Gélío, como um cultor da “alta cultura”, nos parece um cenário dos que utiliza seus conhecimentos em latim e grego como estratégia discursiva e também como forma de construir ou endossar a imagem de um erudito, que tem a honra de estar enquadrado no grupo de pessoas que poderia se comunicar em ambas as línguas até mesmo em escrita. Esse grupo, em parte, foi composto por aqueles que se mostram como “homens civilmente eruditos”, já que a erudição era também exposta no uso adequado do latim, mas também do grego.

3.8 A ABORDAGEM BILÍNGUE NAS *NOCTES ATTICAE*

Como demonstração de nossas afirmações feitas no subtítulo 3.7 O bilinguismo no mundo antigo, acerca do bilinguismo nas *N. A.*, exporemos aqui trechos em que o autor da obra faz uso do grego como reflexo de seu “domínio” bilíngue. Em seu processo de escrita, Aulo Gélío elege assuntos, segundo ele, dignos de serem lembrados e sobre eles disserta apresentando sua erudição, demonstrando seus conhecimentos bilíngues e as equivalências de vocábulos latinos com os gregos, quando existentes. O bilinguismo, na obra, começa já no título das *N. A.*, que fora escrito em latim, mas se reporta a um espaço geográfico grego. Tal título demonstra um olhar saudoso do autor ao período em que esteve na Grécia, momento que, segundo ele próprio, foi de contato com a cultura e literatura que serão tão caras. A sua produção escrita. Esse acesso facilitado pela sua ida ao espaço geográfico grego culmina no nascimento das *N. A.*.

Para demonstrarmos melhor o contato estabelecido entre as duas línguas na obra, temos um excerto em que o autor propõe uma discussão acerca da geometria.

Mas ‘linea’ (linha) dita pelos nossos (os latinos), é o que os gregos denominam γραμμήν (linha). M. Varrão, dessa forma, define: ‘a linha é algum comprimento sem latitude (largura) e altitude (altura).’ diz. Entretanto, Euclides, sendo breve, negligenciada a altura, diz: ‘γραμμήν (linha) é μήκος άπλατές (comprimento sem largura)’, que, em uma palavra latina, não é capaz de expressar, a não ser que ouseis dizer ‘inlatabile’ (Gel. *Noct. Att.*, I. 20. 7-9)¹⁰²

¹⁰¹ Cf. *Latin is included as the language associated with an imperial power, and it conveys the Romanisation of the man.*

¹⁰² Cf. ‘Linea’ autem a nostris dicitur, quam γραμμήν Graeci nominant. Eam M. Varro ita definit: ‘Linea est’ inquit ‘longitudo quaedam sine latitudine et altitudine.’ Εύκλειδης autem brevius praetermissa altitudine: ‘γραμμή’ inquit ‘est μήκος άπλατές’, quod exprimere uno Latine uerbo non queas, nisi audeas dicere inlatabile’.

Excerto acima trata de como são algumas palavras do contexto da geometria em grego e sobre como seriam os seus nomes equivalentes em língua latina. Observemos aqui um método bem recorrente na obra *N. A.*, o qual é realizado por meio de comparações feitas do latim com o grego, o que aparentemente é importante para justificar, com pontual profundidade, a discussão acerca dos nomes. O procedimento adotado consiste em, ao passo que é mencionada uma termo específico do latim, também é dito em grego um “equivalente” ou aproximado, em grego, quando este existe.

No fim do excerto, podemos ver uma ideia já por nós apresentada anteriormente, que consiste na possibilidade de se dizer de maneira “melhor” ou mesmo mais eficiente, um maior número de elementos (ideias, conceitos) na língua helênica que na latina. A ideia conferida no trecho é a de que o latim não era capaz de exprimir o que em grego se diz “*μῆκος ἀπλατές*” em uma palavra, a não ser que se “ousasse”, nas palavras de Gélio, recorrer a um neologismo, que fora criado por pelo autor ali naquele trecho (ROLF, 1927 [1945]), uma combinação do prefixo “*in-*” (com valor de negatividade, “com ausência de...”) mais “*latabile*”¹⁰³ (“que tem espaço”, largura, “que é amplo”), ou seja, o que não poderia ser largo, logo, fino, portanto, uma linha. Gélio, entretanto, não vê como virtuoso tal comportamento.

Mais um aspecto que nos interessa no trecho acima, é a alternância de códigos¹⁰⁴. Esse fenômeno é denominado *code-switching*, conforme afirma MacSwan (2006, p. 283): “*Code switching* é o uso alternado de duas (ou mais) línguas dentro do mesmo enunciado.”¹⁰⁵ Alternar entre o latim e o grego nos parece ser o que Gélio realiza na passagem. Notemos que não existe preocupação, em todos os momentos, de deixar claros os termos gregos utilizados. O autor desenvolve sua ideia utilizando a língua helênica, como em um procedimento comum, deixando fluir suas colocações.

Apontamos algumas possibilidades para uso do recurso apontado acima. Uma delas é de que o autor pretende mostrar uma posição social específica, aquela cujo uso da escrita¹⁰⁶ em grego, alternado com o latim, seria corriqueiro e sem grande estranheza.

¹⁰³ Processo similar ao de *iniucundus*, que resulta da junção de “*in*” (não) + “*iucundus*” (agradável), resultando em desagradável.

¹⁰⁴ O termo “código” aqui é por adotado como sinônimo de língua.

¹⁰⁵ Cf. *Code switching is the alternate use of two (or more) languages within the same utterance.*

¹⁰⁶ Enfatizamos a ideia do uso escrito da língua, pois é possível que o uso do grego como língua falada fosse bem difundido, sobretudo, em contextos comerciais e militares. (ADAMS, 2004).

Esse comportamento faz parte da construção de ideal de intelectualidade própria do erudito Aulo Gélíio. Tudo isso está também inserido em um contexto no qual fazer tal uso é determinante para um aparente domínio do que fora proferido pelo autor. Cremos não haver necessidade de performar, ou mesmo operar, tal qual é feito por Gélíio, caso utilizar mais de uma língua não fosse visto como algo de valor. Sobre esses fatores, afirma Savedra (2009):

As dimensões do bilingüismo já haviam sido amplamente estudadas e sintetizadas em estudos sociolingüísticos que apontam alguns fatores como responsáveis pela caracterização de situações bilingües: a comunidade lingüística, os papéis e as funções sociais, o *status* relativo dos falantes e das línguas, o tópico e o domínio lingüístico e social. (SAVEDRA, p. 128)

Acerca da condição social de Gélíio, e também sobre a sua posição de erudito, podemos dizer estar de acordo com o tipo de procedimento de escrita que adota. Não é possível dizer se seu “método” era um ideal comum, mas não parece destoar de uma proposta de alguém que constrói uma obra com aspiração de um compêndio cultural, de um fragmento, acervo documental, da cultura latina e, muitas vezes, grega. O bilingüismo acionado no trecho de Savedra (2009), está inserido em grande parte dos excertos das *N. A.* No que diz respeito ao efeito social, essa recorrência atesta algo importante sobre seus interlocutores, aqueles a quem tal tipo de leitura deve chegar. Se pensarmos nos destinatários do texto do autor, levando em consideração o nível de instrução que ele próprio tem e exige para que fosse possível acessar tais conhecimentos, podemos dizer que o autor trata de assuntos, temas, particularidades que fugiam ao público de menor instrução, logo, de menor poder aquisitivo. Assim sendo, não o erudito não tencionava facilitada circulação e difusão de seu texto em meios sociais mais baixos. Somando-se a esses fatores a leitura do latim, bem como a do grego (possivelmente de acesso mais restrito à maioria em sua forma escrita), compõem um distanciamento que torna ainda maior o espaço da obra com o leitor “comum” (que não era rico). Chegamos aqui a um aspecto que nos é caro acerca daquele contexto específico: a compreensão do mundo, por meio da leitura e escrita, é um recurso inacessível para grande parte da população.

O processo de inserção do grego no latim, e vice-versa, no texto de Gélíio é um fenômeno real. Mostraremos agora, um trecho no qual Aulo Gélíio executará ambos os processos, tanto o de apelo ao grego, quanto o da justificativa etimológica para

evidenciar seu posicionamento quanto à origem do vocábulo latino, outrora, grego, no qual, contesta Varrão sobre o étimo da palavra *fur*:

ele (Varrão) diz que *'furuum'* é chamado assim porque os antigos romanos nomeiam por *'furuum'* a cor preta e *'fures'* (ladrões) porque mais fácil seria roubar à noite. Assim, não é claro que faz Varrão sobre *'fur'* (ladrão) tal qual faz L. Élio sobre *'lepus'* (lebre)? Por exemplo, o que agora os gregos dizem κλέπτης, era dito na antiga língua grega *'φώρ'* (ladrão). Por causa disso, *'per adfinitatem litterarum'* (por afinidade de letras), o *'φώρ'* grego, é o *'fur'* latino. (Gel. Noct. Att., I. 18. 4)¹⁰⁷

Aqui, vimos um excerto em que Gélío apresenta uma discussão acerca da etimologia da palavra *fur*. Percebemos que há uma argumentação a favor de que dentro desse contexto, o latim teve uma palavra advinda do grego, e não conforme fora dito por Varrão, que argumenta ser a origem dentro do próprio latim. Na construção de seu debate, o erudito propõe através de uma etimologia bilíngue a aceitação de sua explicação acerca da origem. Podemos compreender isso como uma real e embasada demonstração, mas também como uma estratégia argumentativa. Lembramos que, na posição de argumentador, o autor se vale de diversos recursos para ganhar a aceitação de sua proposta, como a mencionada *auctoritas* (autoridade) ao lançar mão aos textos mas antigos, como o *Rerum Diuinarum (Assuntos divinos)*¹⁰⁸ apresenta seu conhecimento de sobre o assunto, dizendo que Lúcio Élio, mestre de Varrão, fora por este repreendido por ter empregado um falso étimo. O curioso é que, assim como tinha feito Varrão, faz também Gélío, de certa forma: *quodque idem Varro in eodem libro falsum furis ἔτυμον dicit* – em relação ao mesmo, no mesmo livro, Varrão diz o falso sobre o étimo de *fur* (Gel. Noct. Att., I, 18, pr. 2, tradução nossa). Um fenômeno que também é conferível aqui é o *code-switching*, em que ἔτυμον, é utilizado dentro de um enunciado majoritariamente latino e não parece haver preocupação do autor em dar explicações quanto a seu significado.

O comportamento acima descrito se dá, possivelmente, por causa dois motivos. Seria tão natural que o redator de um texto dessa natureza se valesse de termos incomuns ao uso recorrente do latim, ou seja, utilizar termos que não fossem tão

¹⁰⁷ Cf. [...] *'furem'* dicit ex eo dictum, quod ueteres Romani *'furuum'* atrum appellauerint et fures per noctem, quae atra sit, facilius furentur. Nonne sic uidetur Varro de fure, tamquam L. Aelius de lepore? Nam quod a Graecis nunc κλέπτης dicitur, antiquiore Graeca lingua φώρ dictum est. Hinc per adfinitatem litterarum, qui φώρ Graece, est Latine *'fur'*.

¹⁰⁸ A menção ao mesmo livro diz, na apresentação do capítulo, *Humanarum*, diferindo-se do livro que menciona no decorrer do texto.

difundidos no uso da língua, quanto seria comum que se valesse de termos em grego para a comunicação. Esse fenômeno está alinhado com aquele ocorrido enquanto conversamos e acrescentamos uma palavra estrangeira em nosso discurso, por exemplo: “tive um insight” ou “vamos fazer um brainstorm”. É isso acontecesse bastante nas *N. A.*, e aliado a isso estivesse a pressuposição de que os destinatários do texto não tinham a necessidade de maiores explicações acerca de um vocábulo helênico ou outro, já que seria habitual aos homens civilmente eruditos saber grego.

Recordamos nossa afirmada composição do ambiente em que se processa o discurso das *N. A.*. Aulo Gélío, com mais um dos elementos de constituição do *ethos* de erudição, além de apresentar todas aquelas características do homem culto, eloquente, com disposição ao bem, também incorpora para si um conhecimento universalizador, o bilinguismo. As duas línguas mais importantes do contexto de Gélío são o latim e o grego, por isso, é normal que ele, civilmente erudito dominasse ambas. Essa civilidade poderia estar atrelada a esse conhecimento, já que, para circular dentro de todos esses contextos, seria elementar o bilinguismo, tendo em vista a inserção cultural da Grécia na sociedade romana.

Apesar de poder se estabelecer dentro de qualquer ambiente dentro dessa sociedade, o erudito é seletivo e sóbrio quanto ao que escolhe como lugar de circulação. Havia muita coisa em jogo sempre que o homem civilmente erudito dizia algo publicamente, ou mesmo, como se comportava, conforme é dito no capítulo das *N. A.* em que Gélío se dedica a contar sobre Demóstenes e Hortênsio. Mesmo sem que ambos tivessem dito qualquer coisa, as ofensas se processariam sobre a forma como se vestiam, sobre a maneira como diziam suas palavras e não somente a forma como seus discursos estavam projetados. Quem eles são ou quem Gélío é já é a discurso. O componente discursivo *ethos* é como poderiam ser compreendidos.

Lúcio Torquato, conforme as atribuições apresentadas dentro de sua cena de enunciação, busca a depreciação do *ethos* de seu oponente, sabendo o quanto isso poderia ser proveitoso para si no que diz respeito em invalidar discursivamente seu adversário. Assim, compreendemos que a imagem assimilada pelos que estão ao redor do orador é fundamental para o suceder discursivo. Gélío compreendia perfeitamente isso. E assim, muni-se do máximo de recursos (seja a modéstia, seja a referencialidade, seja o bilinguismo...) para se salvaguardar de ataques contra seu *ethos*, demonstrando a quem se reporta a imagem do cidadão erudito e todas as boas atribuições que isso levaria consigo.

Os excertos investigados e as discussões por eles suscitadas neste capítulo tiveram como objetivo explicitar como Aulo Gélío fez uso de uma abordagem bilíngue como estratégia discursiva e aliou isso a outras características que apresentamos nesta dissertação. Cremos que as motivações para isso sejam muitas, entretanto, questões sociais como aponta Savedra (2009), bem como a honra por conta do domínio de um outro idioma, sobretudo, um idioma de prestígio, segundo Mcnelis (2002, p. 71), nos parecem razoáveis se considerarmos a provável origem do autor. A manutenção desses valores seria um forte indicativo para a tão recorrente prática nas *N. A.*

CONCLUSÃO

Ao longo desta dissertação, investigamos o texto das *Noctes Atticae*, de Aulo Gélío. No nosso primeiro capítulo, demonstramos informações acerca da pessoa de seu redator, tendo em vista a escassez de documentos que se propusessem fazê-lo. Dentro desse tópico, fomos apresentados à constituição do autor como cidadão dentro do Lácio e da Grécia. A instrução recebida nesse contato geográfico entre as duas culturas foi marcada na constituição do erudito enquanto homem cosmopolita. Um dos elementos mais ilustrativos do que afirmamos é o título da obra que esse trabalho se propôs se aprofundar.

O que haveria de ser mais representativo da helenização na história de Gélío que sua própria obra *Noctes Atticae*, referida às noites em que viveu na Grécia, mas se empreendeu no trabalho de escrever em latim? As noites não gregas, embora sejam ditas no idioma que dominava o Lácio.

O percurso de Gélío no seu contexto proporcionou um interessante relato sobre um recorte da história. Tendo sido caracterizadas as condições de escrita, seu redator e os possíveis leitores, nos damos conta de que tudo isso se processa dentro do funcionamento da cidade romana. Sabemos que a estrutura social do período em que nosso erudito escreve se destinava à organização e controle do conhecimento daqueles que poderiam arcar com a manutenção que isso demandaria. A educação, a administração a manipulação das instituições, desde cedo, se delineava na vida daqueles que viveram em tal período (HABINEK, 2005, p. 47). A seletividade foi fundamental para a estabilidade e permanência do domínio da urbe. Dentro desse panorama, se estabelece a figura do cidadão erudito.

Sabemos que Gélío foi dado às causas jurídicas, que também conhecia o grego, assim como filosofia, poderia tecer longos comentários sobre gramática, literatura ou geometria. Fazia parte também de seu repertório a retórica, sobre a qual falava sobre e fazia uso. Junto a tantas qualidades estava também o seu trabalho com os textos antigos, beirando o trabalho filológico, que em concepção mais antiga estaria ligado à conservação e documentação de textos de tempos remotos. Essas habilidades são evidenciadas, ainda que não declaradas abertamente, no decorrer das *Noctes*. Passo a

passo, somos introduzidos em mais uma peça da indumentária da erudição. De tanto presenciarmos as faculdades do orador, através de sua retórica referencialista e preparada para estabelecer-se como detentor de tantas coisas que se propõe tratar, chegamos ao ponto de nos perguntar, quando parece ter falhado no discurso sobre o uso de palavras antigas e outras de desagradável novidade; se, de fato, teria sido um erro no que enunciara ou se havia sido proposital. Isso demonstra que, ao menos, em algum momento, cremos no que o erudito informou sobre qualquer coisa, já que, no erro, encontramos uma questão controversa. E todo o restante? Também não tivera sido inconsistente?

Esses questionamentos nos são caros à análise, já que quando lemos a obra, nós mesmos somos colocados como espectadores do discurso de Gélío. Também nós, mesmo não sabendo se nos julgaria aptos à leitura das *Noctes*, somos confrontados com seu fazer discursivo, convidados a contemplar o nascimento de uma imagem da idealização do conhecimento que seu autor parecia crer. Nosso segundo capítulo procurou discutir isso: apresentar de maneira clara pontos em que se dá a constituição da *persona* discursiva do autor. Acreditamos que essa caracterização é útil para a compreensão do que colocamos ao início desta conclusão, pois não sabemos muito do autor, pelo número de documentos não ser tão vasto assim. Mas, se não temos tanto acerca do que dizem de Gélío, podemos investigar o que o próprio Gélío deixa como pistas de si mesmo. Nesse sentido se deu a concepção de nosso segundo capítulo, já que está a nós posta a imagem do erudito, assim que o autor fala sobre qualquer coisa que se proponha. Quem seria melhor para tratar de Gélío que ele próprio? Dessa forma, se deram nossas investigações: no discurso e pelo discurso.

Às vistas da Historiografia da Linguística, procuramos seguir as orientações de Koerner (2014, p. 13), instruindo para que atribuições anacrônicas não fossem cometidas. Por conta disso, nos limitamos em tratar do que dito, do enunciado, evitando, por exemplo, finalizar questões como aquela acerca da falha de Gélío em discurso contraditório (Gel. *Noct. Att.*, XI, 7). Poderíamos dizer que falhou, talvez. Quanto ao fato de ser intencional ou não, entretanto, não podemos deliberar. As contribuições da historiografia também serviram para que buscássemos estabelecer o clima de opinião (KOERNER, 1995, p. 12), um dos elementos mais caros à análise balizada segundo a Historiografia da Linguística. Por conta desse empreendimento, procuramos uma caracterização do período de Gélío, dentro de um contexto bilíngue e a forma como isso

repercutia ali. Assim como buscamos entender se outros autores também apresentavam similar comportamento ao de Gélío, e no que diz respeito ao seu comportamento arcaizante, descobrimos que sim (REYNOLDS & WILSON, 1986, p. 37)

Assim como o contexto no qual se estabelece o discurso de erudição por nós apresentado foi uma questão importante, nossa preocupação se deu também na busca por material histórico, que é como compreendemos as *Noctes Atticae*. A obra nos apresenta, sobretudo, dados históricos, seja por narrar acontecimentos, ou mesmo em sua falta de compromisso em dizer o que de fato ocorreu, já que compreendemos isso também como histórico e muitas vezes, como parte de um componente literário. Nossas concepções historiográficas nos orientam para o entendimento, além desses expostos, dos próprios dados linguísticos, propriamente ditos. Gélío nos dizer de como seria adequado proferir um discurso, quais palavras seria lícito utilizar, quais não seria, a fim de que se distanciasse dos *inpudentes et improbos*, isso tudo nos fornece informações que, elencadas de maneira científica, nos conduziu à construção de um discurso particular que se constitui nos ecos de outros.

Dessa forma, esperamos ter sido exitosos em expor mais um capítulo da história da linguagem nesta dissertação. O erudito Aulo Gélío se mostrou capaz de informar o suficiente para que pudéssemos enquadrá-lo como constituinte de um contexto linguístico no qual assoma não só como um vetor linguístico e cultural, representante de si mesmo, mas também dos discursos de reproduz, recontando assim o que já fora dito, à sua maneira. Acerca do que nos representou no desenvolvimento deste trabalho, citamos Swiggers (2015), para quem os dados linguísticos apresentados poderiam ser compreendidos como “reflexo (ou depósito) material da própria linguística”, material esse que evidencia um momento, uma história, um erudito, que dentro da urbe se estabelece como um orador que tenta mostra-se à altura de um bom discurso e seu texto é sua tentativa. Tendo em mente que os bons discursos não haveriam de vir a partir daqueles que não fossem bons, Gélío demonstra essa dignidade evidenciada por um *ethos* de erudição engendrado pelo discurso, exposto como um bem. Esse bem é declarado pela sua imagem, seu *ethos*, já que um bom discurso advém de alguém bom, conforme o diz Quintiliano: “[...] pois somente um homem bom pode discursar bem.” (*Inst.* II, 15, 14).

REFERÊNCIAS

Dicionários

GLARE, P. G. W. *et al.* (ed.). *Oxford Latin Dictionary*. Oxford: Oxford University Press, 1968.

SARAIVA, F. R dos S. *Novíssimo Dicionário Latino-Português*, 9ª ed. Rio de Janeiro: Garnier, 2006.

TORRINHA, Francisco. *Dicionário Latino-Português*. 3. ed. Porto: Marânus, 1945.

Textos antigos

ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda (INCM), 2005. p. 1-311.

CÍCERO, Marco Túlio. *De oratore II*. Tradução e notas de Adriano Scatolin. USP-São Paulo, Tese de Doutorado em Letras Clássicas, São Paulo, 2009. p. 123-288. Disponível em: < https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-19022010-165443/publico/ADRIANO_SCATOLIN.pdf >. Acesso em: 15 out. 2022.

_____. *Orator*. Tradução e notas de Soraia Nascimento Golçalves. Universidade de Lisboa, Dissertação de Mestrado em Estudos Clássicos, Lisboa, 2015. p. 184-249. Disponível em: < https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/30434/3/ulfl242149_tm.pdf >. Acesso em: 15 out. 2022.

GÉLIO, Aulo. *Noctes Atticae*. Edição de Peter Kenneth Marshall. Oxford Class, 1968.

_____. *Noites áticas*. Tradução e notas de José Rodrigues Seabra Filho. Londrina: EDUEL, 2010.

QUINTILIANO, Marco Fábio. *Institutio oratoria*. Tradução e notas de Rafael Sento-Sé Guimarães Falcón. USP, Dissertação de Mestrado em Letras, São Paulo, 2015. p. 4-83. Disponível em: < <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-31072015-102842/pt-br.php#:~:text=A%20educa%C3%A7%C3%A3o%20do%20orador%3A%20tradu%C3%A7%C3%A3o,livro%20II%20da%20Institutio%20Oratoria&text=A%20Institutio%20Oratoria%2C%20de%20Quintiliano,das%20discuss%C3%B5es%20ret%C3%B3ricas%20nela%20promovidas.> >. Acesso em: 10 mar. 2022.

Textos modernos

ADAMS, J. N. *Bilingualism and the Latin Language*. Oxford: Blackwell, 2004.

ALFÖLDY, Géza. *A história social de Roma*. Tradução de Maria do Carmo Cary. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. In: Estética da criação verbal. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes. 1997 [1979]. p. 277-289.

BARTHES, Roland. *L'ancienne rhétorique [Aide-mémora]*. In: *Communications*, 16, 1970. *Recherches rhétoriques*. p. 172-223. Disponível em: < https://www.persee.fr/doc/comm_0588-8018_1970_num_16_1_1236 >. Acesso em: 12 mar. 2022.

BASSETTO, B. F. Introdução. In: GÉLIO, Aulo. *Noites áticas*. Tradução e notas de José Rodrigues Seabra Filho. Londrina: EDUEL, 2010. p. 9-12.

BAUMAN, Richard. *A world of others' words: cross-cultural perspectives on intertextuality*. Oxford: Blackwell, 2004. p. 1-14.

BLOMMAERT, Jan. *Discourse: a critical introduction*. New York: Cambridge University Press, 2005. 39-67

CANCIK, Hubert; SCHNEIDER, Helmuth. *Brill's New Pauly: Encyclopaedia of the Ancient World*. Vol. 5. Boston: Editora Brill, 2004. p. 727.

CANTÓ, Josefa. *Los comienzos de la historiografía: analistas y anticuarios*. In: CODOÑER, Carmen. *Historia de la Literatura Latina*. Cátedra, 1997. p. 257-271

CARDOSO, Z. A. *A Literatura Latina*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CHALUB, J. V. *Reflexões sobre o ethos do discurso*. Vol. 9, N. 14. In: *Revista (Con)textos Linguísticos*. 2019. p. 161-175. Disponível em: < <http://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/10901> >. Acesso em: 12 mar. 2022.

CONTE, G. B. *Latin Literature a History*. Trad.: J. B. Solodow. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1994.

CITRONI, Mario et al. *Literatura de Roma Antiga*. Tradução de Margarida Miranda e Isaías Hipólito. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2006 [1997]. p. 235-991.

CRUTTWELL, C. T. *A history of Roman literature*. Oxford, 2003 [1877]. Disponível em: < <http://www.public-library.uk/ebooks/05/82.pdf> >. Acesso em: 15 jul. 2018.

FANTI, M. G. C.; FERÉ, Liz. *Ethos discursivo*. Vol. 53, N. 3. In: *Letras de hoje: estudos e debates em linguística, literatura e língua portuguesa*. p. 315-316. Disponível em: < <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/32959/17643> >. Acesso em: 12 mar. 2022.

FORTES, Fábio; FREITAS, F. A. S. *O contato linguístico e cultural entre o grego e o latim: reflexos na constituição da disciplina gramatical em Roma*. In: *Veredas: Revista de Estudos Linguísticos*. Vol. 19, N. 1, 2015. p. 3-13. Disponível em: < <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2015/06/Texto-1-1.pdf> >. Acesso em: 15 jul. 2018.

FREITAS, A. L. S.; CARPINETTI, L. C. L. *O Primeiro Livro das Noites Áticas, de Aulo Gélío*. Cadernos do CNLF, Vol. XV, Nº 5, t. 1. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011. p.

817-822. Disponível em: < http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/70.pdf >. Acesso em: 15 jul. 2018.

FREITAS, F. A. S. *O pensamento gramatical de Santo Agostinho*. In: Repositório UFJF. 2016. Disponível em: < <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/2246/1/fernandoadaodesafreitas.pdf> > Acesso em: 9 ago. 2018.

GARCÍA-JURADO, Francisco. *La ciudad invisible de los clásicos. Entre Aulo Gelio e Italo Calvino*. In: NOVA TELLVS. 28. ed. 2010. p. 271-300. Disponível em: < <http://www.scielo.org.mx/pdf/novatell/v28n1/v28n1a9.pdf> >. Acesso em: 20 mar. 2018.

_____. *Romae graece*. Aulo Gelio, o la nostalgia romana de Grecia. In: SÁNCHEZ-OSTIZ, A.; GUERRA, J.B.T.; MARTÍNEZ, R. (Eds.). *De Grecia a Roma y de Roma a Grecia. Un camino de ida e vuelta*. 12. ed. Navarra: Ediciones Universidad de Navarra, S.A (EUNSA), 2007. p. 143-154.

GIACOMINI, G. I. *A obra lexicográfica de Francisco da Silveira Bueno*. Unesp-São José do Rio Preto, Dissertação de Mestrado em Letras, São José do Rio Preto, 2007. p. 13-35. Disponível em: < https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/86594/giacomini_gi_me_sjrp.pdf?sequence=1&isAllowed=y >. Acesso em: 15 abr. 2020.

GONÇALVES, Soraia. *Contributos para a definição do orador ideal – estudo e tradução do “Orator” de Cícero*. Universidade de Lisboa, Dissertação de Mestrado em Estudos Clássicos, Lisboa, 2017. p. 19-41 Disponível em: < https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/30434/3/ulfl242149_tm.pdf >. Acesso em: 16 out. 2022.

GUERREIRA, A. R. *Los escritos grammaticales (y la erudición) en el siglo IV*. In: CODOÑER, C. *Historia de la Literatura Latina*. Cátedra, 1997. p. 783-794.

HABINEK, Thomas. *Ancient rhetoric and oratory*. United Kingdom: Blackwell Publishing, 2005. p. 38-68.

JÚNIOR, M. A. Introdução. In: ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda (INCM), 2005. p. 15-35.

KRISTEVA, Julia. *Introdução à semântica*. Tradução de Lúcia Helena França Ferraz. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005 [1969].

KOERNER, E. F. K. *A importância da historiografia linguística e o lugar da história nas ciências da linguagem*. In: Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados. 2014. p. 9-15.

_____; ASHER, R. E. *Concise history of the language sciences: from the Sumerians to the Cognitivists*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

LACHMANN, Renate. *Mnemonic and Intertextual Aspects of Literature*. In: Cultural Memory Studies: An International and Interdisciplinary Handbook. Deutsche Nationalbibliothek, 2008. p. 301-310. Disponível em: <<http://www.let.leidenuniv.nl/pdf/geschiedenis/cultural%20memory.pdf>>. Acesso em: 17 ago. 2019.

LUHTALA, Anneli. *Grammar and Philosophy in Late Antiquity: A study of Priscian's sources*. John Benjamins, 2003. p. 79-91.

MACSWAN, Jeff. *The Bilingual's Repertoire: Code Mixing, Code Switching, and Speech Accommodation*. In: The Handbook of Bilingualism. (ed.) BHATIA, Tej K. ; RITCHIE, William C. Blackwell Publishing, 2006. p. 284-311.

MAINGUENEAU, Dominique. *A propósito do ethos*. Tradução de Luciana Salgado. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (Org.). Ethos discursivo. São Paulo: Contexto, 2008. p. 11-29.

MARMORALE, E. V. *História da literatura latina*. Vol. 1. Lisboa: Estúdios Cor, 1974. p. 108-110.

McNELIS, Charles. *Greek Grammarians and Roman Society during the Early Empire*. Vol. 21, No. 1. Califórnia: University of California Press. 2002. p. 67-94. Disponível em: < <http://www.jstor.org/stable/10.1525/ca.2002.21.1.67> >. Acesso em: 24 out 2019.

MUYSKEN, Pieter. *Code-Switching and grammatical theory*. In: Radboud Repository. 1995. p. 177-198. Disponível em: < <https://httpsrepository.ubn.ru.nl/bitstream/handle/2066146644221/pdfsequence=1> >. Acesso em: 20 dez. 2018.

NASCIMENTO, J. S. *A relação entre lógica, páthos e éthos na arte retórica de Aristóteles*. In: Anais de Filosofia Clássica, vol. 9, nº17, 2015. p. 38-60. Disponível em: < <https://revistas.ufrj.br/index.php/FilosofiaClassica/article/view/1431> >. Acesso em: 20 mar. 2020.

NUNES, C. A. Introdução – Questão Homérica. In: HOMERO. *Iliada e Odisseia*. Tradução e notas de Carlos Alberto Nunes. Nova Fronteira, 2015. Disponível em: < <https://downloadlivrospdf.files.wordpress.com/2018/05/iliada-e-odisseia-homero.pdf> >. Acesso em: 19 ago. 2019.

OCHMAN, Katerzina. *Translation criticism in Ancient Rome*. Przekładaniec, 2013, p. 71-86. Disponível em: < https://www.academia.edu/9990504/TRANSLATION_CRITICISM_IN_ANCIENT_ROME._AULUS_GELLIUS_ATTIC_NIGHTS >. Acesso em: 27 mar. 2019.

POCIÑA, Andrés. *La primera poesía. Desde sus comienzos hasta el siglo I a. C.* In: CODOÑER, Carmen. *Historia de la Literatura Latina*. Cátedra, 1997.

QUIROGA, A. J. *The limits of philology: Aulus Gellius, NA 2.9*. In: *Ágora*. In: Estudos em debate, 15. ed. 2013. p. 95-112. Disponível em: < <http://www2.dlc.ua.pt/classicos/4.%20Quiroga.pdf> >. Acesso em: 20 mar. 2019.

REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 1-39.

REYNOLDS, L. D.; WILSON, N. G. *Copistas y filólogos*. Tradução de Manuel Sánchez Mariana. Madrid: Editorial Gredos, 1986.

RODRIGUES, K. C.. *Em pauta o conceito de ethos: a movência do conceito da retórica aristotélica à sua ressignificação no campo da Análise do Discurso por Dominique Maingueneau*. In: SIGNUM: Estudos de Linguagem, Londrina, n.11/2, 2008. p. 195-206. Disponível em: < <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/3056> >. Acesso em: 20 abr. 2020.

ROLF, J. C.; *The Attic Nights of Aulus Gellius with an english translation*. Vol. I. Pensilvânia: Great Britain. 1927 [1945]. p. 92-93. Disponível em: < <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=mdp.39015013012268&view=1up&seq=161> >. Acesso em: 31 nov. 2019.

ROSSO, Eucárdio de. *Aulo Gélio: O Desconhecido Autor de Noites Áticas*. In: Conscientia, 19, 2015. p. 382-388. Disponível em: < <http://www.ceaec.org/index.php/conscientia/article/view/732> >. Acesso em: 10 jul. 2019.

SALGADO, A. C. P. & DIAS, F. H. *Desenvolver a bilinguagem: foco da educação bilíngue e do ensino de línguas*. In.: Revista Signo, Vol. 35, 2010. p. 145-153. Disponível em: < <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/1426/1207> >. Acesso em: 10 ago. 2019.

SALGADO, A. C. P. *Medidas de bilinguagem: uma proposta*. PUC-Rio, Tese de Doutorado em Letras, Rio de Janeiro, 2008. p. 23-28. Disponível em: < https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/12728/12728_3.PDF >. Acesso em: 30 nov. 2019.

SAVEDRA, M. M. G.; *Bilinguismo e bilinguagem: uma nova proposta conceitual*. In: SAVEDRA, Mônica M.G; SALGADO, Ana C.P. (Org.). Sociolinguística no Brasil: uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. p. 121- 140.

SEABRA FILHO, J. R. Notas. In: GÉLIO, Aulo. *Noites áticas*. Londrina: EDUEL, 2010. p.23-667.

SILVA, M. R. P. *Leitura, texto, intertextualidade, paródia*. Acta Scientiarum. Human and Social Sciences. Vol. 25, no. 2, Maringá. 2003. p. 211-220. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/viewFile/2172/1354>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

SOLMSEN, Friedrich. *The aristotelian tradition in ancient rhetoric*. In: The American Journal of Philology. Vol. 62, No. 2. Baltimore: Hopkins University Press. 1941. p. 169-190.

SWIGGERS, Pierre. *A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização*. In: Cadernos de Historiografia linguística do CEDOCH. Vol. 1. São Paulo. 2015. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:QeYFnf9KjL4J:cedoch.fflch.usp.br/sites/cedoch.fflch.usp.br/files/u65/CHLC1_0.pdf+&cd=3&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> Acesso em: 8 ago. 2018.

VEYNE, Paul. *História da vida privada, 1: do Império Romano ao ano mil*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ZABLOCKI, Jan. *The image of a Roman family in Noctes Atticae by Aulus Gellius*. Varsóvia: POMOERIVM 2, 1996. p. 35-44. Disponível em: <https://www.academia.edu/2630938/The_Image_of_a_Roman_Family_in_Noctes_Attic>. Acesso em 15 mar. 2020.